INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os Suspeitos do Costume:
Não se começa uma casa pelo telhado?

João Pedro Barradas Serafim

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):
Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Janeiro, 2023

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Os Suspeitos do Costume:
Não se começa a casa pelo telhado?

João Pedro Barradas Serafim

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Janeiro, 2023

joão pedro barradas serafim
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientador
filipe andré touças magalhães
iscte – instituto universitário de lisboa

Esta dissertação de mestrado é o resultado de muitas horas de trabalho e é importante exprimir aqui e agora por palavras sinceras e sentidas alguns agradecimentos a todas as pessoas que me apoiaram, acompanharam, auxiliaram e foram fundamentais á realização deste desejado sonho.

Em primeiro lugar e sem qualquer duvida, um especial agradecimento aos meus pais, Cristina e João, á minha irmã Cecília, aos meus avós Maria e Joaquim e namorada Beatriz pelo incansável esforço, apoio, dedicação, estimulo e compreensão, ao serem privados em muitos momentos da minha companhia e atenção. De entre todos os obstáculos que surgiram nunca desistiram de mim e continuaram a ser um modelo a seguir.

Logo de seguida, mas não menos importante, uma profunda gratidão para com o orientador Arquiteto Professor Filipe Magalhães, não só pelos desafios lançados neste processo, ou pelo acompanhamento e disponibilidade, ou pela crença e confiança, ou ambição e referencias, mas, também e sobretudo pelo espirito critico e desafiante com que sempre se apresentou, não poupando nos esforços para me ajudar e fazer com que a realização deste trabalho fosse possível.

Não posso esquecer também todo o apoio da estrutura FALA que fazendo o seu trabalho invisível á vista alheia, desbloqueando muitas portas e processos tornou toda a produção mais focada nos objetivos pretendidos. Por essa razão um grande e sentido reconhecido.

Incontestavelmente uma profunda gratidão á comunidade ISCTE pela oportunidade de poder concluir esta etapa académica nesta prestigiada e premiada instituição.

Um especial obrigado aos amigos/colegas de curso Carlos e Nuno pelas incontáveis discussões e sessões de trabalho.

Obrigado também aos amigos António, Bernardo e João pelo apoio, disponibilidade e orientação em todos os momentos de crise.

Um enorme apelo a todos os Arquitetos que despenderam do seu tempo e recursos para que toda a pesquisa fosse feita com a maior serenidade possível.

Por fim e não menos importante, agradeço a Deus pela força que me deu para percorrer este caminho e sobretudo por nunca deixar de me mostrar a luz que me guiasse até á conclusão deste ciclo.

"Uma casa, uma obra de arte", a célebre frase da incontornável figura da arquitetura modernista Japonesa, Kazuo Shinohara, serviu como ponto de partida para um ensaio que abordou a habitação unifamiliar em Portugal entre a década 60 e os anos 2000.
Durante uma primeira fase do trabalho de investigação conduzido, foi levado a cabo um levantamento de casas compreendidas entre a década de 60 e os anos 2000 no contexto português e, semanalmente, as habitações identificadas foram analisadas e redesenhadas, antes de serem apresentadas e discutidas coletivamente em contexto de aula.
Após a primeira fase do projeto, e utilizando a mesma como estrutura basilar, foi decidido afunilar o estudo tendo como foco a cobertura das habitações, sub-tema aprofundado e desenvolvido com particular atenção durante a parte final do estudo que se materializou na construção de uma habitação.
Durante o projecto de dissertação, foi possível compreender o papel da habitação unifamiliar na arquitetura portuguesa, um tema menos explorado, incidindo ainda sobre os modos de vida contemporâneos e os caminhos a traçar para acompanhar a constante evolução dos mesmos.

palavras-chave
arquitetura, casa, cobertura, composição, geometria, geografia

"A house is a work of art", the famous saying by one of the main figures among Japanese modernist architecture, Kazuo Shinohara, served as the starting point for an essay that addressed single-family housing in Portugal between the 1960s and the 2000s.
During the first phase of the research work carried out, a survey comprising the houses between the 60s and the 2000s in the Portuguese context was conducted. Weekly, the identified dwellings were analyzed and redesigned, before being presented and discussed. collectively in the classroom context.
After the first phase of the project, and using the same as a basic structure, it was decided to narrow down the study focusing on the roof of the dwellings, a sub-topic that was deepened and developed with particular attention during the final part of the study that materialized in the final construction of a single housing structure.
During the dissertation project, it was possible to understand the role of single-family housing in Portuguese architecture, a less explored theme, focusing on the contemporary ways of life and the paths to be followed by modern architecture in order to accompany their constant evolution.

key-words
architecture, portuguese architecture, house, roof, composition, geometric, geographic

resumo/abstract 009

184 casas 012

12 casas 025
casa alves costa
casa na rua verónica
casa sidarus
casa vale vazio
casa antonio filipe
casa lugar da varzea 1
casa gulpilhares
casa em tavira
casa ferreira de castro

curadoria 037
cobertura enquanto experiência
referências
tipologias
análise das tipologias
exercício de especulação

processo 059
terreno 01_azueira, mafra
terreno 02_favões, marco de canaveses
terreno 03_casal das carreiras, torres vedras
terreno 04_guifões, matosinhos
estudo do conceito

ponto intermédio 067
conceito
local
proposta
estrutura e matéria
conclusão

casa 088
conceito
local
proposta
conclusão

considerações finais 141

referências bibliográficas 145

créditos de imagens 146

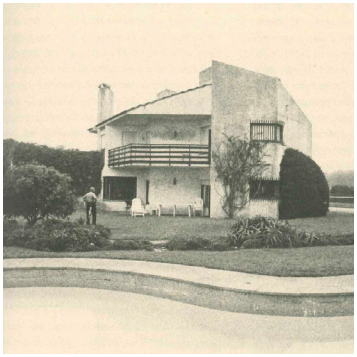
"uma casa é uma obra de arte."
- kazuo shinohara, 1962

Como ponto de partida para uma investigação, compreendeu-se uma amostra, ampla mas ao mesmo tempo cuidadosamente limitada. O objecto era a casa, unifamiliar, reconhecível; o período histórico uma baliza imprecisa entre o fim do moderno e o início do novo século; os autores seriam portugueses e as obras localizadas em território nacional.

Os critérios foram os listados como podiam ter sido quaisquer outros: a definição de uma colecção, de um arquivo, foi apenas uma desculpa que serviu de base para tudo o que seguiu. Semanalmente, os exemplos foram dissecados e apresentados em turma; posteriormente, foram reorganizados e curados, possibilitando novas leituras resultantes das sobreposições e enquadramentos propostos.















1960
manuel tainha
casa do freixal

1965
raul chorao ramalho
moradia coronel homem da costa

1966
agostinho ricca
casa m. araujo e j. montenegro

1966
pedro ramalho
casa emílio peres

1966
victor palla e bento d'almeida
casa vale de centeanes

1968
victor palla e bento d'almeida
moradia na praia grande

1969
álvaro siza
casa luis rocha ribeiro

1970
álvaro siza
casa alves dos santos

1970
álvaro siza
casa manuel magalhães

1970
conceição silva
casa rogério martins

1970
fernando távora
casa eng. guilherme álvares ribeiro

1970
manuel tainha
casa gallo

1970
pádua ramos
rua azevedo coutinho

1970
tomás taveira
balaia bungalows

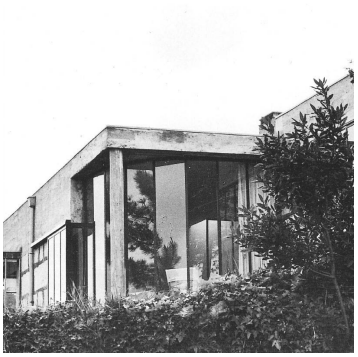
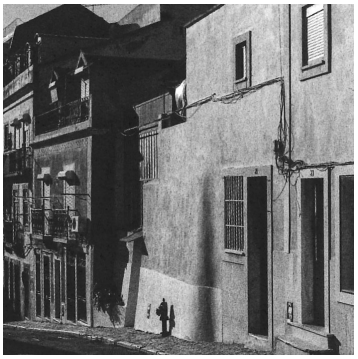
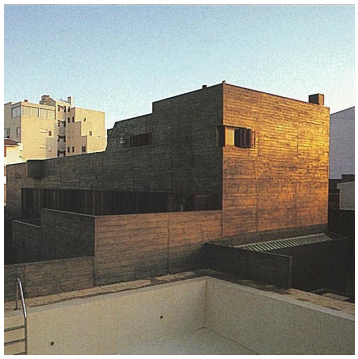
1971
agostinho ricca
casa ferreira alves

1971
álvaro siza
casa alves costa

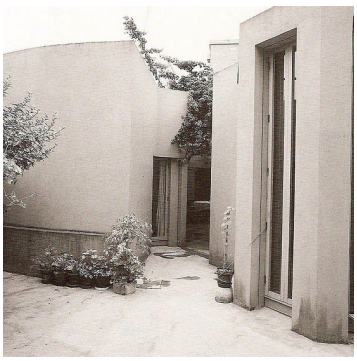










1971
domingos tavares
casa albino matos

1973
álvaro siza
casa alcino cardoso

1973
raul hestnes ferreira
casa de queijas

1974
antónio teixeira guerra
casa no guincho

1974
antónio teixeira guerra
casa triangular

1974
sérgio fernandez
vill'alcina

1975
alexandre alves costa
casa marques guedes

1975
bartolomeu costa cabral
casa rua verónica

1975
manuel tainha
casa martins dos santos

1975
manuel vicente
casa weinstein

1976
álvaro siza
casa beires

1976
fernando távora
casa na covilhã

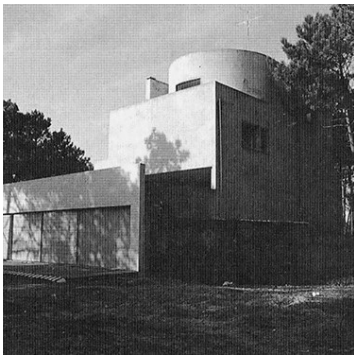
1976
joao nasi pereira
casa sidarus

1978
álvaro siza
casa antónio carlos siza

1978
manuel correia fernandes
quatro casas na aguda

1978
pedro ramalho
casa na rua veludo

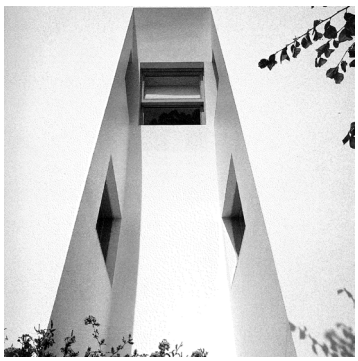











1978
simões de carvalho
casa no restelo

1979
pádua ramos
casa na estrada exterior da circunvalacão

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

1982
joão carreira
casa josé lino ramalho

1982
manuel correia fernandes
casa mortágua

1982
pancho guedes
casal dos olhos

1982
simões de carvalho
casa em queijas

1982
souto de moura
ruína no gerês

1982
troufa real
casa fátima cruz

1983
josé santa-rita
casa dos bicos

1984
agostinho ricca
casa agostinho ricca

1984
alcino soutinho
casa pinto sousa

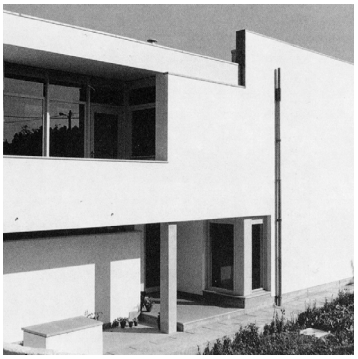
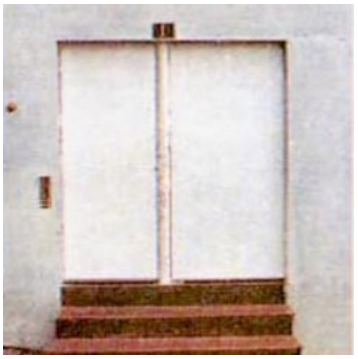
1984
álvaro siza
casa avelino duarte

1984
pancho guedes
casa vale vazio

1984
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casas na aldeiados navegantes

1985
pedro ramalho
casa carlos de sousa

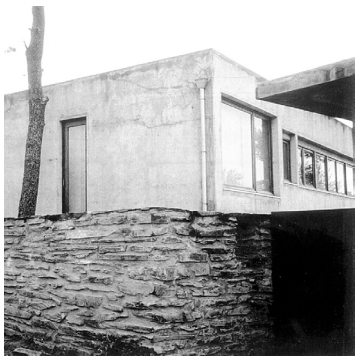
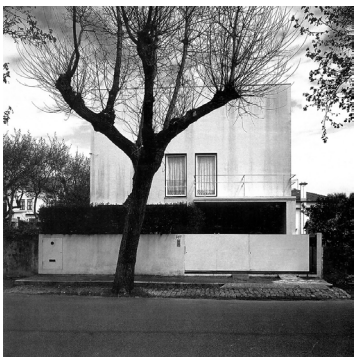










1985
souto de moura
casa I em nevogilde

1985
troufa real
casa mario cabrita gil

1986
joão alvaro rocha
casa dr. mário lourenço

1986
joão nasi pereira
casa própria

1986
manuel botelho
casa ricardo noronha lima teles

1987
alcino soutinho
casa filipe grade

1987
alcino soutinho
casa no barreiro

1987
álvaro siza
casa maria margarida machado

1987
fernando távora
casa da rua nova

1987
joão nasi pereira
casa mosca

1987
manuel botelho
casa barroso pires

1987
manuel botelho, isabel s. e j. d. carreira
casa joão machado

1987
teresa fonseca
casa antónio filipe

1988
adalberto dias
casa j. neto

1988
alexandre manuel da cruz silva
casa na rua professor melo adriao 128
130

1988
carrilho da graça
casa da fonte fria





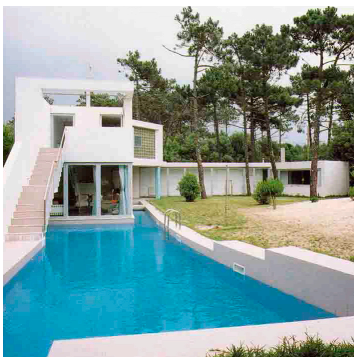














1988
gonçalo byrne
casa sá da costa

1988
joão álvaro rocha
casa de mesão frio

1988
manuel correia fernandes
casa em moledo

1988
souto de moura
casa II em nevogilde

1989
francisco guedes de carvalho
casa horst tjgerman

1989
gonçalo byrne
casa césar ferreira

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1990
carlos prata
casa francisco mourão

1990
fernando távora
casa em briteiros

1990
joão nasi pereira
a casa amarela

1990
mário fróis do amaral
casa unifamiliar

1990
souto de moura
duas casas na rua beato inácio de azevedo

1990
teresa nunes da ponte
casas toca da areia

1991
alexandre alves costa
casa ricardo pais

1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

1991
carlos prata
casa luís príncipe


















1991
josé pulido valente
casa na rua padre xavier coutinho 87 91

1991
pádua ramos
casa rua dr. egas moniz

1991
souto de moura
casa I em miramar

1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho 95 99 101

1992
frederico valsassina
casa do alto

1992
josé carlos magalhães carneiro
casa tomás gervell

1992
josé charters monteiro
casa sob a duna

1992
luís patrício costa
casa josé avillar

1992
manuel correia fernandes
casa atelier carlos barreira

1992
manuel correia fernandes
casa da galé

1992
souto de moura
casa em alcanena

1993
egas josé vieira
casa em tróia

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea I

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea II

1993
joão pedro falcão de campos
casa carlos bettencourt

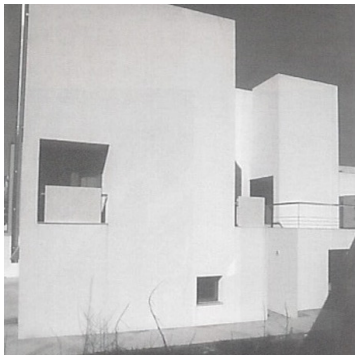
1993
joão pedro falcão de campos
casa comandante almeida cavaco

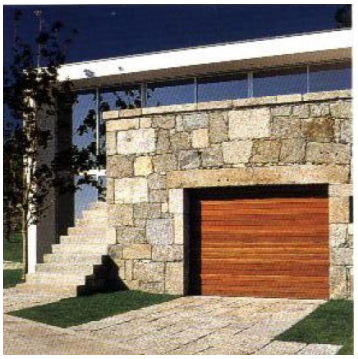

















1993
manuel e francisco aires mateus
casa em nafarros

1993
mário fróis amaral
casa na travessa do campo do paiva

1993
nuno e josé mateus
casa pátio melides

1994
adalberto dias
casa de penha longa

1994
álvaro siza
casa luís figueiredo

1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçalves

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1994
graça dias e egas vieira
casa no penedo

1994
manuel botelho
casa engenheiro nunes sousa

1994
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa vítor caine

1994
souto de moura
casa I no bom jesus

1994
souto de moura
casa em cascais

1994
souto de moura
casa na avenida da boavista

1995
alexandre marques pereira
casa das tílias

1995
carvalho araújo
casa jlf

1995
josé bernardo távora
casa em fafe


















1995
josé simões neves
casa rui jordão

1995
mário fróis do amaral
rua almirante reis

1996
álvaro siza
casa césar rodrigues

1996
josé fernado gonçalves
casa j

1995
manuel botelho
casa eng. matos almeida e eng. augusto pina

1995
paula santos e rui ramos
casa antónio feijó

1996
mário fróis do amaral
casa no lugar de ponte de várzea

1996
josé gigante
reconversão de moinho

1995
manuel graça dias e egas josé vieira
casa do guarda

1995
ricardo bak gordon e carlos vilela
casa no cabo da roca

1996
joão carreira e paulo valente
casa dr. francisco valente

1996
manuel correia fernandes
casa teixeira dos santos

1995
mário fróis do amaral
moradia bi familiar

1995
souto de moura
casa em tavira

1996
joão pedro falcão de campos
casa cavaco rodrigues

1997
alexandre manuel cruz silva
casa na rua viana lima 54


















1997
carlos castanheira
quinta do buraco - casa I

1997
domingos tavares
casa na rua do breiner

1997
mário fróis do amaral
casa na rua cálvario

1997
joão alvaro rocha
casa no lugar do paço

1997
manuel e francisco aires mateus
casa na quinta da moura

1997
manuel correia fernandes
casa malafaya

1997
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa lajas pereira

1998
carlos castanheira
casa senhora da guia

1998
carlos prata
casa dr. castro rocha

1998
carlos prata
casa dr. pinheiro pinto

1998
joão pedro falcão de campos
casa tomé matos lopes

1998
miguel salgado braz e josé nuno beirão
casa santos viana

1998
pedro maurício borges
casa fonseca e macedo

1998
souto de moura
casa em moledo

1999
alcino soutinho
casa pina vaz

1999
alexandre marques pereira
casa saraiva


















1999
álvaro siza
casa david vieira de castro

2000
manuel e francisco aires mateus
casa no litoral alentejano

2000
gonçalo leitão e pedro viana carreiro
casa na aroeira

2000
manuel botelho
casa dr. paulo pires

1999
inês lobo e pedro domingos
duas casas em sesimbra

2000
alcino soutinho
moradia na rua júlio dantas

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

2000
nuno brandão costa
casa da boavista

1999
josé gigante e nuno valentim lopes
complexo residencial gavião

2000
carrilho da graça
casa sousa ramos

2000
joão ribeiro de carvalho
moradia nas azenhas do mar

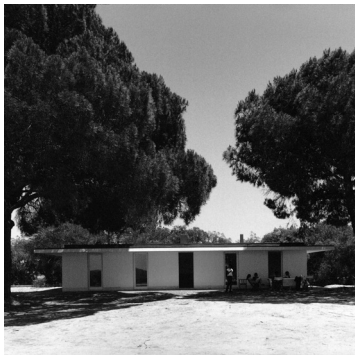
2001
carlos castanheira
quinta do buraco - casa III

1999
souto de moura
casas pátio em matosinhos

2000
souto de moura
casa d6

2000
luís ferreira rodrigues
casa ze+si

2001
joão álvaro rocha
casa no lugar da várzea III



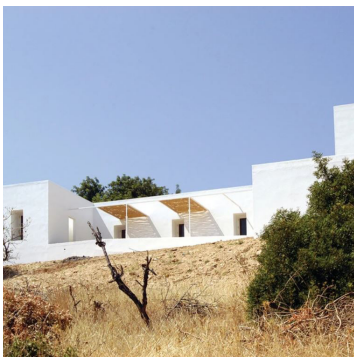
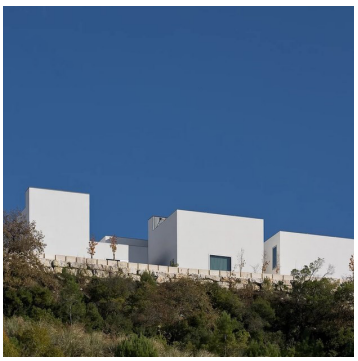











2001
joão pedro falcão de campos
casa saraiva lima II

2001
pedro maurício borges
casa pacheco de melo

2002
antónio belém lima
casa mts

2002
paulo gouveia
casa em sintra

2001
josé pulido valente
moradia carla afonso

2001
souto de moura
casa ferreira de castro

2002
nuno e josé mateus - arx
casa na malveira

2002
ricardo bak gordon
casa em boliqueime

2001
manuel botelho
casa maia ribeiro

2002
manuel e francisco aires mateus
casa em alenquer

2002
carlos castanheira
casa tivinha

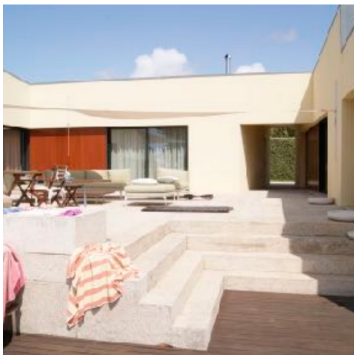
2002
ricardo bak gordon
casa em pousos

2001
nuno brandão
casa em afife

2002
álvaro siza
casa armanda passos

2002
paulo gouveia
casa em são joão

2002
souto de moura
casa na serra da arrábida







2002
souto de moura
duas casas em ponte de lima

2003
alcino soutinho
casa em afife

2003
jorge mealha
casa em tróia

2003
josé gigante
casa gabriela pinheiro

2003
nuno lacerda lopes
casa botte

2003
nuno e josé mateus - arx
casa no romeirão

2003
pedro mendes
casa em pavia

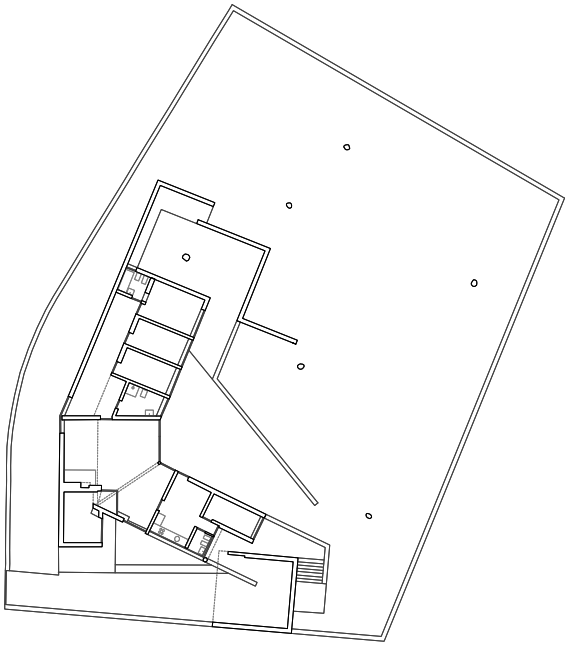
2004
joão álvaro rocha
casa no lugar do baixinho

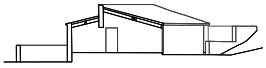
12 semanas, 12 casas. Para cada objecto procuraram-se as fontes, de revistas a entrevistas, digitalizaram-se imagens, redesenharam-se plantas, cortes e alçados. Para alguns afortunados, visitaram-se, in situ, os espaços. A colecção foi minuciosamente organizada num servidor comum acessível a todos.

Semana a semana, cada aluno apresentou uma casa, permitindo um alargamento constante do arquivo. Os padrões que viriam a ser curadoria formaram-se lentamente. Leituras resultantes das sobreposições e enquadramentos propostos.





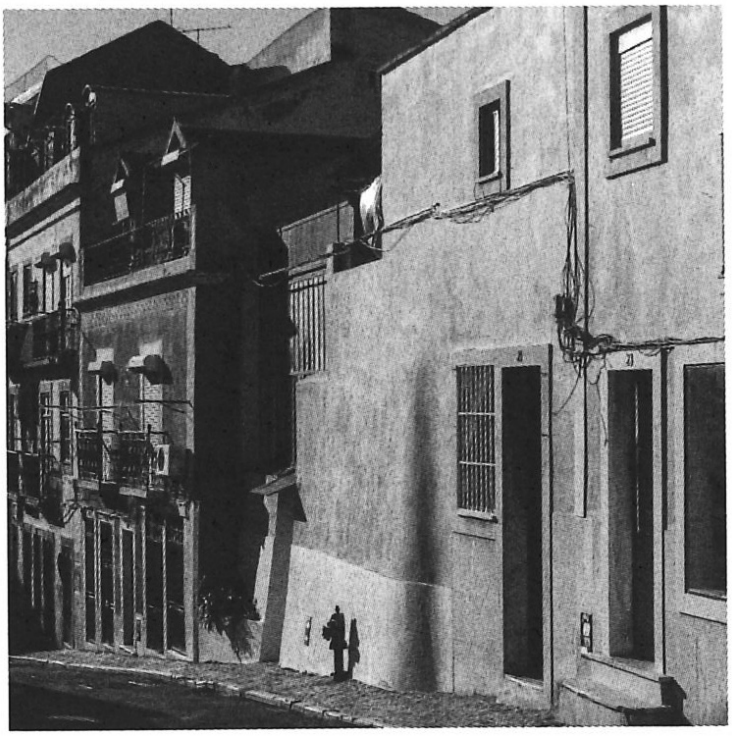




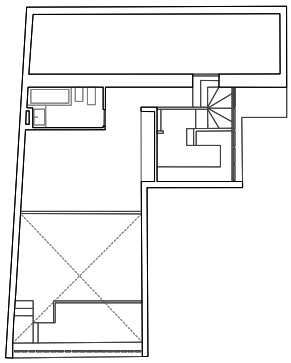
1971
álvaro siza

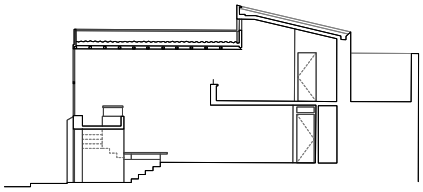
casa alves costa
1/250

Em 1971, Siza constrói a casa alves costa, vasta em subtilezas e temas arquitetónicos pertinentes, como em todas as suas obras.
Ainda antes de entrar em casa é importante realçar que esta obra não se trata de uma casa de uso diário, mas sim de uma casa de férias.
Ao chegar à entrada, Siza diz-nos pelo menos duas coisas. A primeira é que não comunica com a rua, com uma fachada sem qualquer tipo de fenestração, onde é possível observar pormenores interessantes. Em segundo, o ato de chegar a casa obedece a uma promenade pensada com um misto de emoções, ou seja, entrar num meio claustrofóbico representado por um hall apertado e seguindo para um espaço amplo criado pela cobertura que nos aponta para o jardim, figura com alguma relevância no projeto.
Programa modesto típico de uma casa portuguesa, mas cada espaço com detalhes trabalhados desde o enquadramento da janela com o exterior, o banco onde lemos um livro, a janela corbusiana na cozinha, até à maneira de como a luz ilumina a sala.









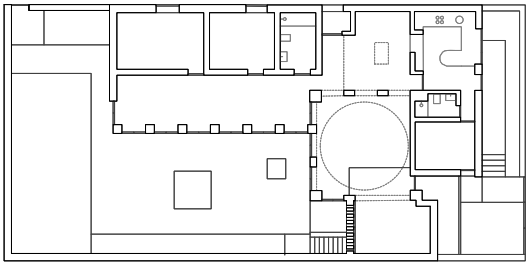
bartolomeu costa cabral
1975

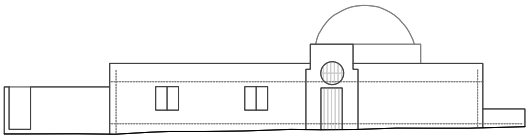
casa na rua verónica
1/250

Em 1975, Bartolomeu Costa Cabral deixa mais um dos seus testemunhos com esta casa no coração de Lisboa, na rua Verónica.
Com o espaço reduzido e bem definido pela sua envolvente, o arquiteto deparou-se com questões fundamentais da conceção de uma casa com dignidade para os seus usuários, tais como a falta de espaço para algo mais ambicioso e o problema da luz natural na parte tardoz da casa.
O arquiteto toma a decisão de usar o núcleo da casa para espaço social, usando nas suas extremidades patamares e libertando o pé direito no centro. Algo que nos remete para um espaço mais aberto e até, inconscientemente, maior. Com uma série de técnicas transforma-se.
Uma estreita passagem na extremidade leva-nos à esquerda para o logradouro, à direita para a cozinha e em frente para o piso superior.





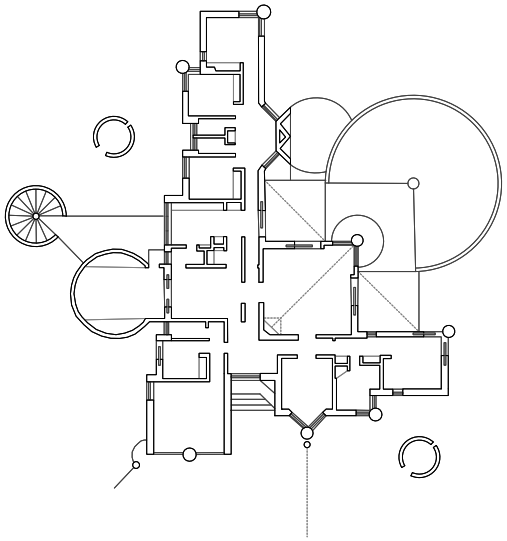


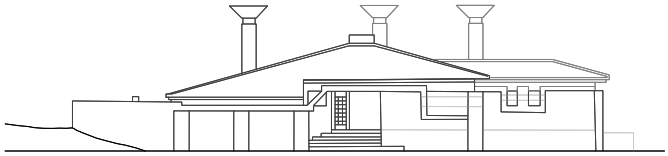


Foi num dos novos bairros da cidade de Évora que a família Cidarus comprou um lote e pediu ao arquiteto João Nasi Pereira que projetasse uma casa com algumas demandas muito específicas.
Há várias coisas a reter desta obra, entre as quais o facto de um dos membros da família ter uma incapacidade motora, o que levou a uma reflexão diferente a nível da concessão do espaço e da sua utilidade pela parte dos usuários.
Num segundo momento, a família Cidarus tinha raízes culturais vindas de Marrocos, premissa essa que possibilitou ao arquiteto uma reflexão histórica não só para perceber a cultura da família, mas também pelo facto da cidade de Évora durante muito tempo ter estado sob domínios árabes.
Detalhes como a cúpula existente e o pátio, mais propriamente a pequena palmeira plantada quando a obra foi feita, são hoje em dia marcos imponentes na casa e até no quarteirão. A vegetação é um símbolo do tempo que enaltece a relação da família para com a casa e com o pátio.





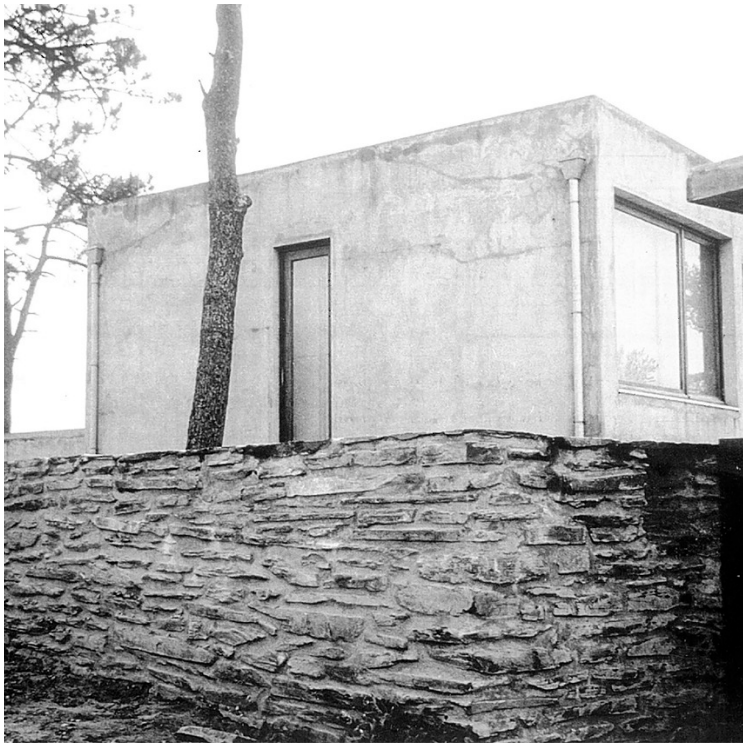


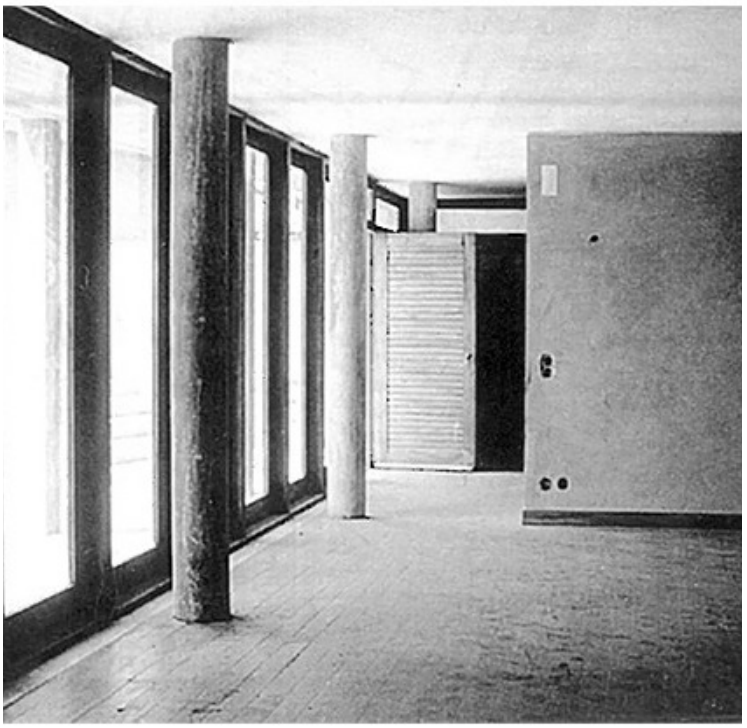


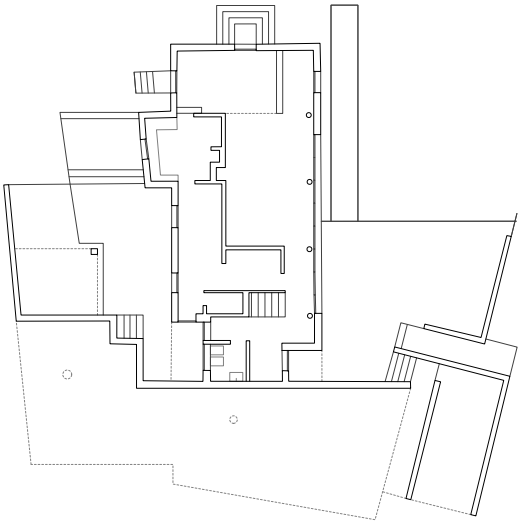
pancho guedes
1984

casa vale do vazio
1/250

Apesar de uma grande parte da sua obra ser em países tropicais, em 1984, Pancho Guedes constrói uma aparente “casa portuguesa” com uma série de complexidades.
Vista de fora, parece mais uma casa no meio de várias, mas ao aproximar-se é que se nota a série de pormenores que apresenta.
A ênfase que é dada aos elementos verticais que sobressaem sobre o comum telhado de quatro águas, marcam uma intenção do arquiteto e criam uma harmonia na proporção e integração da casa em si e da casa com a envolvente.
A nível programático é tudo o que uma casa é, simples com um corredor em “L” que divide espaços públicos de privados. Mas depois apresenta um notório domínio da geometria e das suas proporções. Onde se reconhece uma regra geral, há uma desconstrução sucessiva em várias camadas, chegando a uma complexidade e abstração na composição muito interessantes.









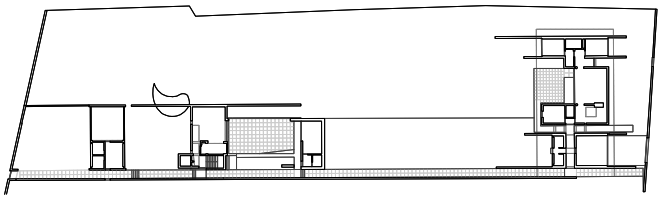
teresa fonseca
1987

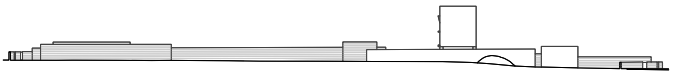
casa antónio filipe
1/250

Em 1987, Teresa Fonseca traz a casa antónio filipe. Uma obra muito sóbria, integrada num pequeno declive que acaba por ser usado de uma forma muito inteligente para chegar a casa.
A nível da construção em si, é feita em betão armado, dando um ar sólido e consistente à casa. Por sua vez, tem acabamentos em madeira que criam um contraste interessante e intenso.
A arquiteta decide soltar a estrutura da fachada, um truque modernista que permite ter fachadas com fenestrações grandes sem que haja problemas em colocar um pilar no centro. Deste modo, o pilar acaba por ficar um pouco atrás da janela, destacando-o. Apesar deste modo de pensamento, isto é, da fachada estar solta da estrutura, a arquiteta não tira o valor dos grandes vãos.





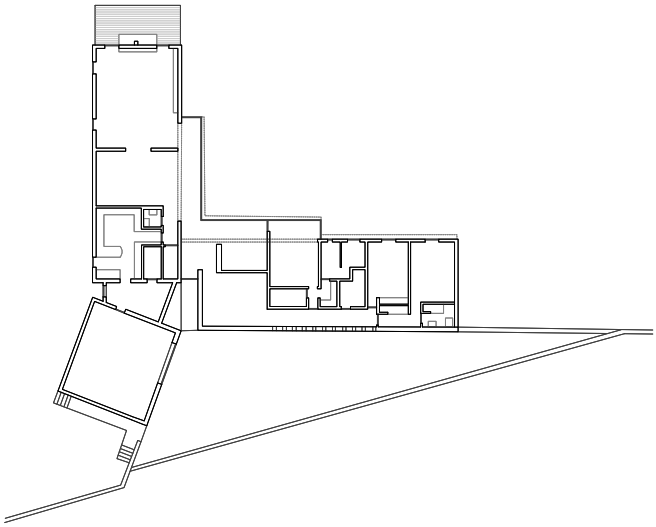


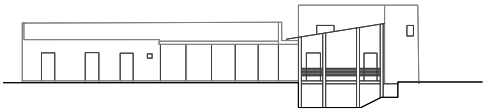


O arquiteto João Álvaro Rocha traz uma casa que, na realidade, são duas casas ligadas através de um longo e reto corredor.
Um conceito interessante capaz de integrar no mesmo espaço, dois projetos com características distintas para usuários distintos, mas com um elemento comum aos dois. Isto torna que duas partes sejam um todo maior que, por sua vez, fazem parte de outro todo que corresponde ao quarteirão.
Na parte norte do terreno está uma casa modernista de rés-de-chão, que beneficia do pequeno declive como vista que o terreno apresenta.
Já a outra habitação é concentrada num volume em altura proporcionalmente perpendicular a um outro que faz de embasamento e o integra quase no centro do terreno.









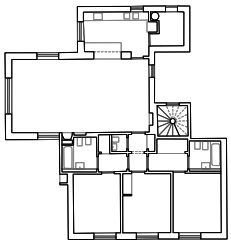
graça nieto guimarães
1994

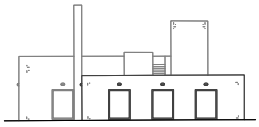
casa gulpilhares
1/250

Em 1994, a arquiteta Graça Nieto Guimarães resolve um pedido complexo, num terreno complexo, de uma maneira simples e ordenada. Surge assim a casa gulpilhares.
A casa fica no limite de um pequeno monte que para o interior faz um bonito pátio com uma clareira de árvores à volta, e para o outro lado tem o declive que morre num muro que remata os limites da casa.
Novamente com muito pragmatismo a resolver questões programáticas. Com o setor privado de um lado e o setor social do outro, mas ligados por um corredor em "L" que, por sua vez, acaba por funcionar como filtro energético, pois capta muita luz do pátio e reflete para as divisões mais protegidas.
Um pormenor interessante é a maneira como a arquiteta resolve o canto de 90º que os dois volumes criam, adicionando um novo volume, aparentemente despegado que tem várias camadas de função.









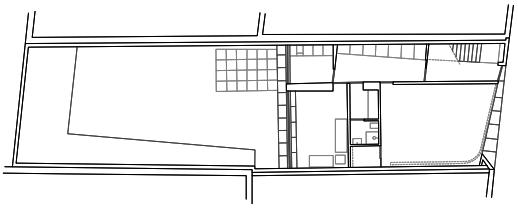
eduardo souto de moura
1995

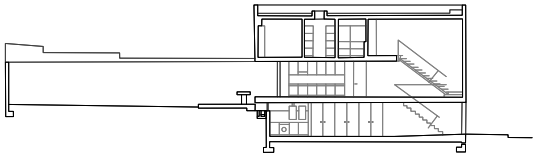
casa em tavira
1/250

Em relação à casa em tavira do arquiteto Eduardo Souto de Moura, assim como muitas outras casas deste arquiteto que tive a oportunidade de estudar, é de realçar a realidade do próprio arquiteto quando este afirma que cada projeto é uma experiência onde se pode abordar o mesmo tema de várias maneiras.
Sendo uma casa no sul de Portugal, ainda antes de entrar é possível notar o tom branco e limpo que têm os volumes dispostos de forma harmonizada no terreno.
No fundo são quatro volumes com quatro programas distintos: um central que funciona como sala e de elemento de distribuição; outro semelhante em proporção, onde se encontra toda a parte privada da casa; outro mais pequeno, onde estão espaços de trabalho com funções muito especificas, como é o caso da cozinha; e, por fim, existe também um volume com entrada exterior que nos leva para a cobertura, que consiste num pequeno terraço que permite aproveitar o clima algarvio.









eduardo souto de moura
2001

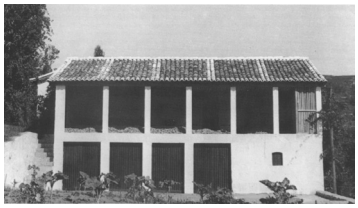
casa ferreira de castro
1/250

Do mesmo arquiteto, Eduardo Souto de Moura, o mesmo tema, mas com uma nova experiência, apresenta a casa ferreira de castro.
Com um olhar sóbrio sobre a rua, a fachada que faz lembrar o querido Adolf Loss, ou até mesmo Kazamasa Yamashita, ou ainda o grande Álvaro Siza na faculdade de arquitetura do Porto, acaba por trazer uma quebra numa envolvência um pouco saturada do mesmo exercício. E ainda que com a sua simplicidade, consegue dar algumas pistas da própria organização do edifício como, por exemplo, a linha do algeroz que dita os acessos verticais em todo o edifício.
Para resolver o declive do terreno, há um piso que fica parcialmente enterrado, onde ficam serviços pouco frequentes. No piso que liga a construção ao quintal ficam as divisões sociais, sendo que no último piso ficam os quartos e um escritório.

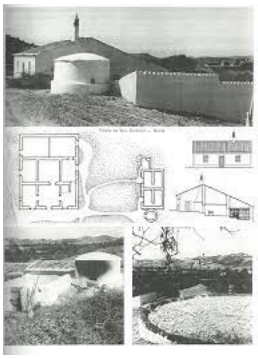
Organizar uma exposição, tese ou manifesto tendo apenas como matéria prima o arquivo criado nas 12 semanas de discussão. Propor uma leitura pessoal de um tema, sem pré-definições ou limitações, fosse ele baseado num autor, obra, elemento ou obsessão pessoal. Da cor à chaminé, da organização à percepção, cada aluno enfrentou a colecção de ângulos distintos e com objectivos diferentes. Os resultados nunca poderiam estar certos ou errados.



Na nossa realidade diária o telhado é bidimensional.
Na relação interior-exterior tem um significado de proteção, proteção do espaço exterior, perigos, intempéries, de um espaço interior, acolhedor, tratado, cómodo. Mas também numa relação entre o espaço que está simultaneamente por baixo e ao seu redor.
O espaço em cima é a dimensão vertical, o céu. O espaço ao seu redor é a dimensão horizontal, o vasto plano da superfície.
Em relação ao céu, o telhado pode aceitar o céu, o que significa que há uma cúpula invertida. Por outro lado, pode-se dizer que ele resiste ao céu se for uma cúpula ou qualquer cobertura com várias águas.
Em relação com o plano jacente à cobertura pode criar um sentido de horizontalidade, com um plano que cria um campo de visão muito enquadrado numa perspetiva. Ou pode criar uma sensação de espaço fechado onde o observador é ao mesmo tempo o ponto central a ser observado.



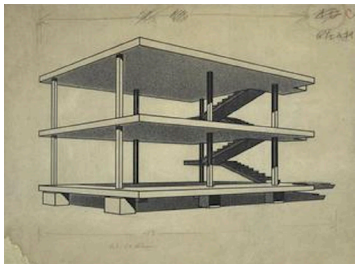


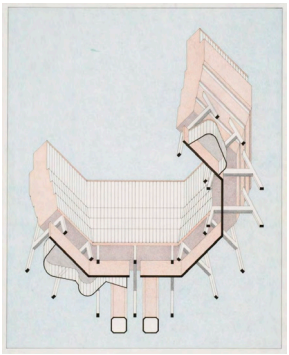













quadro de referências 39 / 147

inquérito à arquitectura popular portuguesa

inquérito à arquitectura popular portuguesa

inquérito à arquitectura popular portuguesa

inquérito à arquitectura popular portuguesa

inquérito à arquitectura popular portuguesa

visita ao porto
álvaro siza
casa de chá

visita ao porto
alexandre cruz silva
casa na rua viana lima

visita ao porto
álvaro siza
faculdade de arquitetura porto

visita ao porto
nuno brandão costa
bairro são joão de deus

visita ao porto
pádua ramos
edifício pádua ramos

visita ao porto
alexandre cruz silva
casa na rua padre xavier

visita ao porto
álvaro siza
bairro da bouça

le corbusier
dom-ino

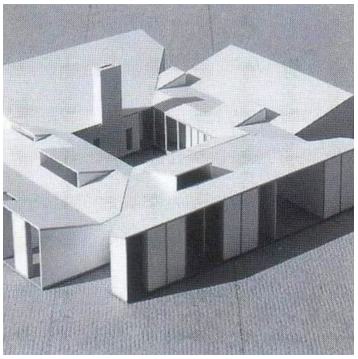
Madelon Vriesendorp
freud unlimited

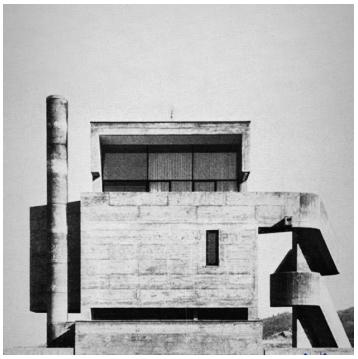
james stearling

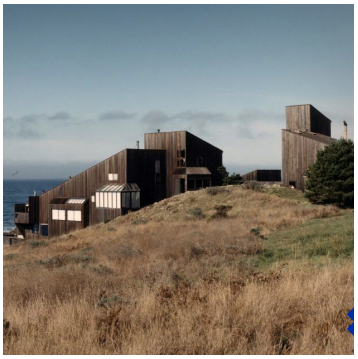
cyril croucher

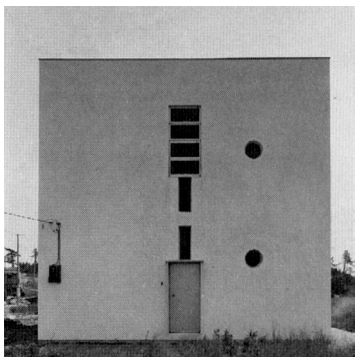
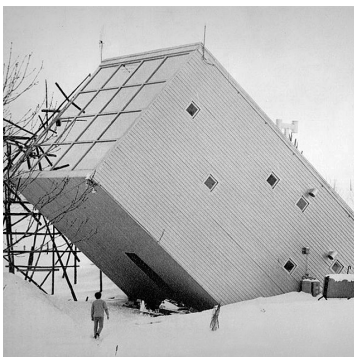










1886
alek maciak
sibley breaker

1927
le corbusier
casa weissenhofsiedlung

1928
adolf loss
casa moller

1937
adalberto libera
casa malaparte

1958
jacques tati
casa arpel

1959
louis kahn
casa goldenberg

1959
alvar aalto
casa maison carré

1967
mario botta
casa em stabio

1968
serge binotto
house mirepoix

1969
mltw
sea ranch

1971
giuseppe perugini
casa experimental

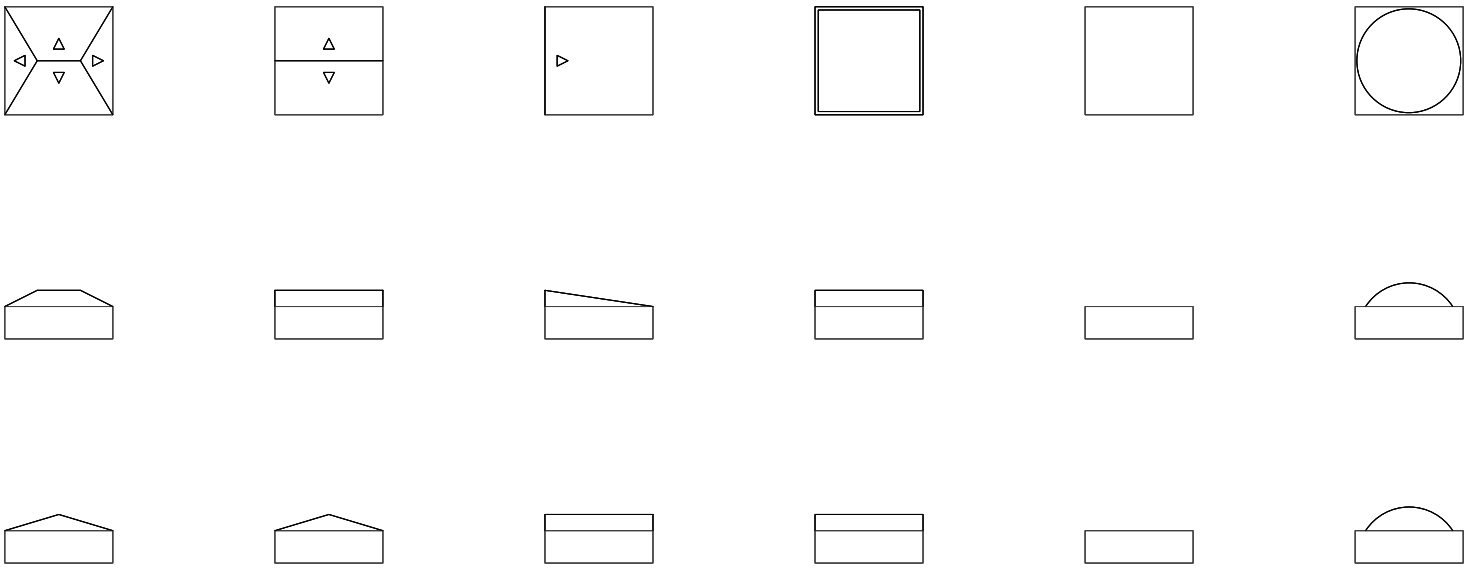
1972
dante bine
casa monica vitti

1972
fujisawa
casa nirvana

1972
tatsuhiko kuramoto
bâchan-chi

1974
kazamasa yamashita
casa com uma cara

19..
peter bialobrzeski
casa nail

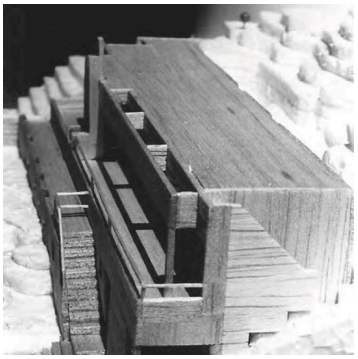


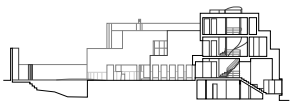
quatro águas duas águas uma água açoteia cobertura plana exceção

Existem diversas tipologias de coberturas de casas que se podem definir mediante o número de direções do telhado. Neste caso estudaram-se as seguintes coberturas: planas, de 1 água, de 2 águas e de 4 águas. Também se analisaram casas que continham diferentes coberturas, ao que se designou por exceção.
Cobertura plana: cobertura praticamente nivelada apresentando uma ligeira inclinação, de modo a permitir o escoamento das águas. O arquiteto Le Corbusier foi o impulsionador deste tipo de coberturas, principalmente, na comunidade ocidental aquando a projeção da Villa Savoye, em 1928.
Cobertura de 1 água: cobertura que apenas contém um plano de escoamento. Esta tipologia de cobertura dá uma perceção de um espaço assimétrico, como refere o arquiteto Thomas Thiis-Evensen (Archetypes in Architecture, 1987).
Cobertura de 2 águas: cobertura que apresenta dois planos de escoamento, cujas inclinações podem ser iguais ou distintas.
Cobertura de 4 águas: cobertura que apresenta quatros planos de escoamento.









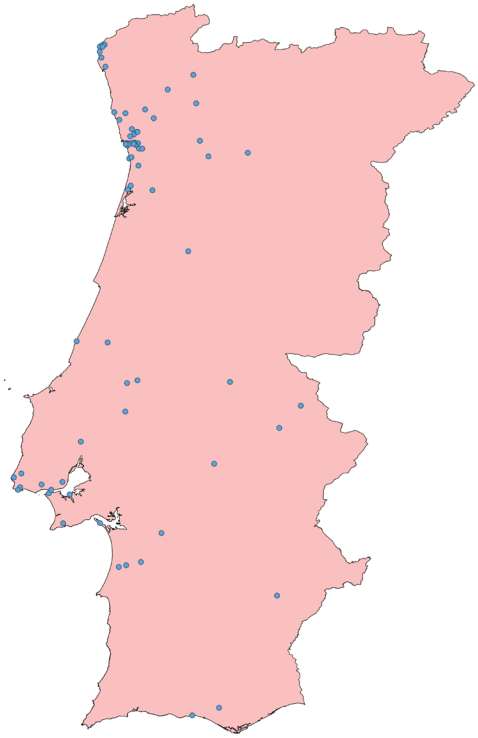








	quantidade	percentagem	anos 60	anos 70	anos 80	anos 90	anos 2000
plana	84	45,65	0	11	16	35	22
1 água	15	8,15	1	4	2	6	2
2 águas	36	19,57	6	5	7	11	7
4 águas	12	6,52	0	1	1	9	1
exceção	14	7,61	0	3	4	5	2
	184	100					



localização tipologia cobertura plana
1/750000

1971
domingos tavares
casa albino matos

1976
álvaro siza
casa beires

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

1988
gonçalo byrne
casa sá da costa

1991
alexandre alves costa
casa ricardo pais

1995
carvalho araújo
casa jlf

2001
josé pulido valente
moradia carla afonso

2003
nuno lacerda lopes
casa padre botte

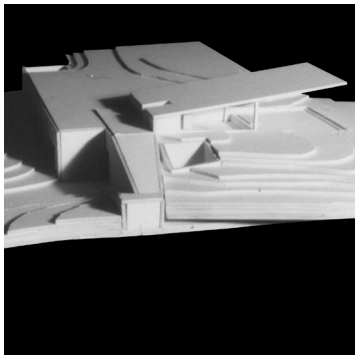
A Tabela 1 diz respeito às diferentes tipologias de coberturas existentes, referindo o número de casos estudados e o ano de finalização da construção. Relativamente à cobertura plana, verifica-se que esta foi a cobertura mais utilizada, representando cerca de 45,6% dos casos de estudo, ou seja, das 184 casas analisadas, 84 delas continham coberturas de tipologia plana. Além disso, constatou-se que esta tipologia de cobertura foi mais recorrente nos anos 90, existindo cerca de 35. A Figura 1 representa o mapeamento das casas com coberturas planas em Portugal. É notável a marcante presença dessa tipologia no litoral Norte do país, apesar de também existirem na região de Lisboa e Vale do Tejo e na região do Alentejo.

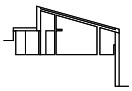








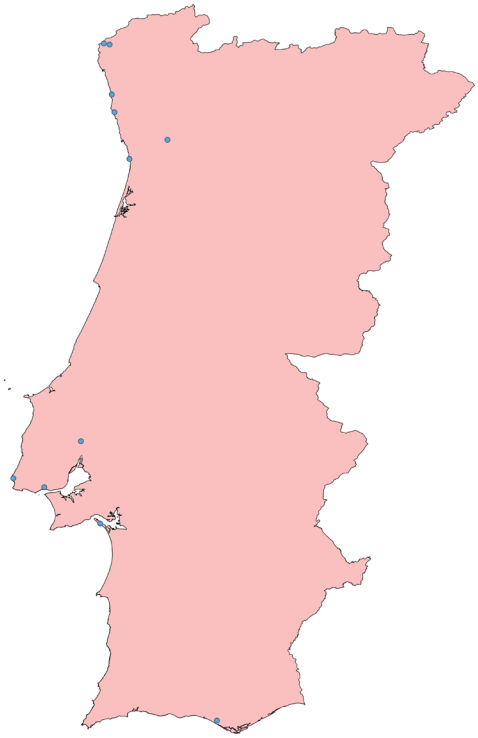








	quantidade	percentagem	anos 60	anos 70	anos 80	anos 90	anos 2000
plana	84	45,65	0	11	16	35	22
1 água	15	8,15	1	4	2	6	2
2 águas	36	19,57	6	5	7	11	7
4 águas	12	6,52	0	1	1	9	1
exceção	14	7,61	0	3	4	5	2
	184	100					



localização tipologia cobertura uma água

1/750000

1970
álvaro siza
casa alves dos santos

1982
simões de carvalho
casa em queijas

1987
joão nasi pereira
casa mosca

1992
manuel correia fernandes
casa atelier carlos barreira

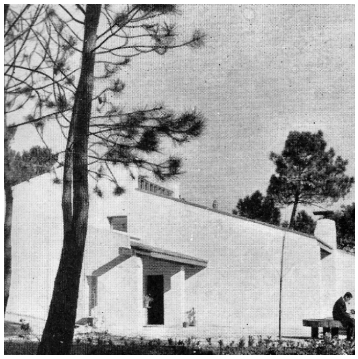
1996
josé fernado gonçalves
casa j

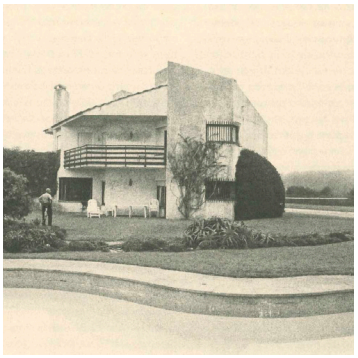
1997
manuel correia fernandes
casa malafaya

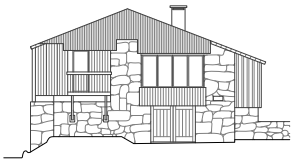
1998
miguel salgado braz, josé nuno beirão
casa santos viana

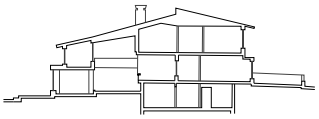
2001
pedro mauricio borges
casa pacheco de melo

A cobertura de 1 água apenas representa cerca de 8% dos casos de estudo, o que corresponde a 15 casas. Mais uma vez, foi os anos 90 que se desenvolveram mais casas com esta tipologia de cobertura. A Figura 2 representa o mapeamento das casas com coberturas de 1 água em Portugal. Aqui verifica-se a presença desta tipologia tanto na região Norte, como na região de Lisboa e Vale do Tejo.

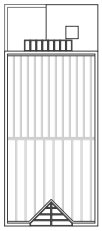


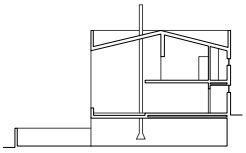






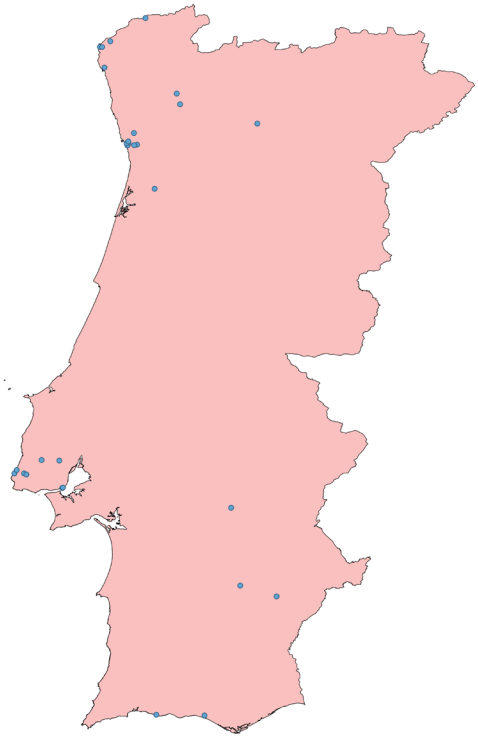








	quantidade	percentagem	anos 60	anos 70	anos 80	anos 90	anos 2000
plana	84	45,65	0	11	16	35	22
1 água	15	8,15	1	4	2	6	2
2 águas	36	19,57	6	5	7	11	7
4 águas	12	6,52	0	1	1	9	1
exceção	14	7,61	0	3	4	5	2
	184	100					



localização tipologia cobertura duas águas
1/750000

1960
manuel tainha
casa do freixial

1968
vitor palla e bento dálmeida
moradia na praia grande

1971
agostinho ricca
casa ferreira alves

1984
agostinho ricca
casa agostinho ricca

1991
carlos prata
casa luís principe

1993
mário fróis amaral
casa na travessa campo do paiva

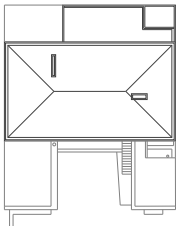
1996
joão pedro falcão de campos
casa cavaco rodrigues

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

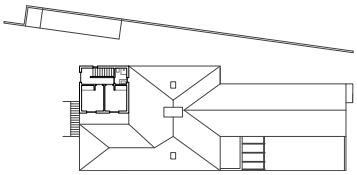
A cobertura de 2 águas representa cerca de 19,6% dos casos de estudo, o que diz respeito a cerca de 36 casas. Os anos 90 foram, uma vez mais, o ano em que se construíram mais casas com esta tipologia de cobertura. A Figura 3 representa o mapeamento das casas com coberturas de 2 águas em Portugal. Esta tipologia está representada ao longo de todo o país, destacando-se na região litoral de Portugal.

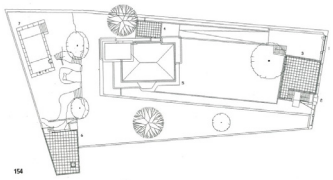








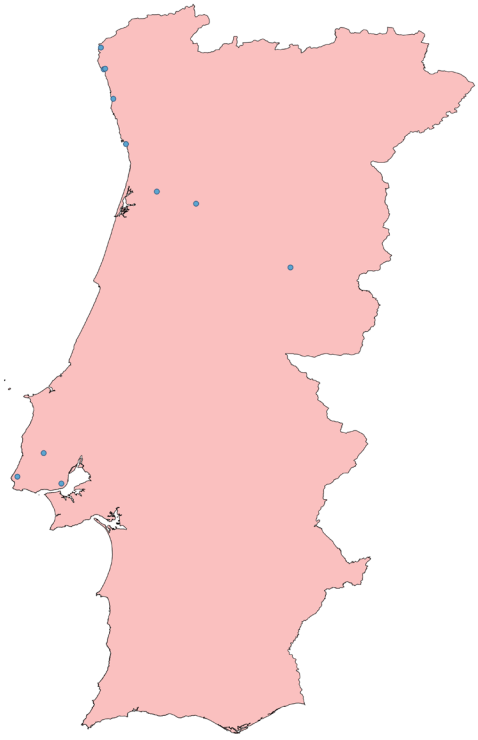








	quantidade	percentagem	anos 60	anos 70	anos 80	anos 90	anos 2000
plana	84	45,65	0	11	16	35	22
1 água	15	8,15	1	4	2	6	2
2 águas	36	19,57	6	5	7	11	7
4 águas	12	6,52	0	1	1	9	1
exceção	14	7,61	0	3	4	5	2
	184	100					



localização tipologia cobertura quatro águas

1/750000

1976
fernando távora
casa na covilhã

1987
teresa fonseca
casa antónio filipe

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1994
manuel graça dias, egas josé vieira
casa no penedo

1995
alexandre marques pereira
casa das tilias

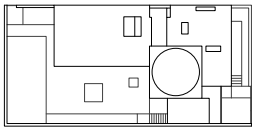
1996
álvaro siza
casa cesár rodrigues

1999
alexandre marques pereira
casa saraiva

2001
carlos castanheira
quinta do buraco casa III

A cobertura de 4 águas é a tipologia existente em menor quantidade entre os casos de estudo. Representa apenas 6,5% das casas analisadas, ou seja, 12 casas. Nos anos 60 não se construíram casas com esta tipologia de cobertura. Nos anos 70, 80 e 2000 apenas se construíram uma casa com esta tipologia de cobertura. Desta forma, nos anos 90 haviam cerca de 9 casas com cobertura de 4 águas. A Figura 4 representa o mapeamento das casas com coberturas de 4 águas em Portugal. Esta tipologia está representada essencialmente na região do litoral Norte, na região Centro e na região de Lisboa e Vale do Tejo.



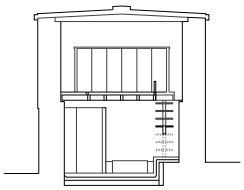






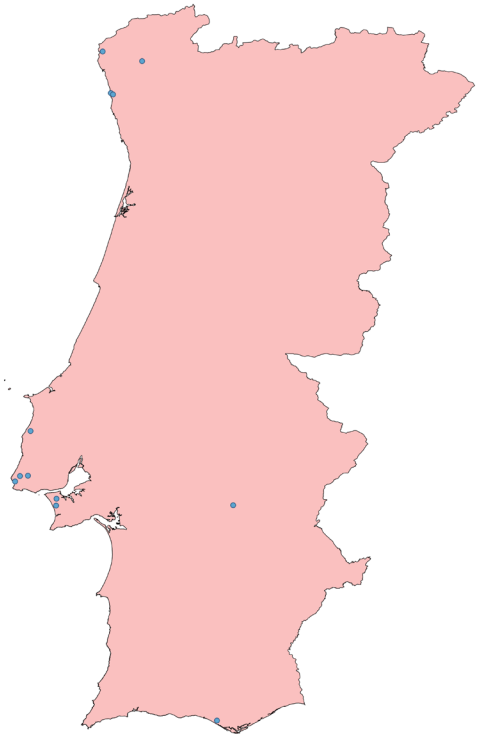








	quantidade	percentagem	anos 60	anos 70	anos 80	anos 90	anos 2000
plana	84	45,65	0	11	16	35	22
1 água	15	8,15	1	4	2	6	2
2 águas	36	19,57	6	5	7	11	7
4 águas	12	6,52	0	1	1	9	1
exceção	14	7,61	0	3	4	5	2
	184	100					



localização tipologia exceções
1/750000

1970
padua ramos
casa rua azevedo coutinho

1976
joão nasi pereira
casa sidarus

1982
pancho guedes
casa dos olhos

1982
troufa real
casa fátima cruz

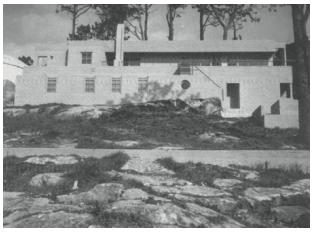
1989
souto de moura
casa na quinta do lago

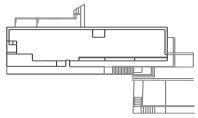
1995
manuel graça dias, egas josé vieira
casa do guarda

1996
josé gigante
reconversão de moinho

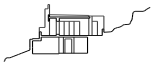
2000
gonçalo leitão, pedro viana carreira
casa na aroeira

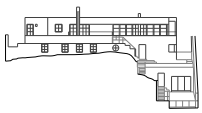
Casas com coberturas que não se enquadram nas tipologias apresentadas anteriormente, ou seja, exceções, são 14 entre os casos de estudo, o que representa uma percentagem de cerca de 7,6%. Foram nos anos 80 e 90 que se verificaram um maior número de casas com coberturas diferentes, como por exemplo, cúpulas, trapeias ou até claraboias. A Figura 6 representa o mapeamento das casas com coberturas diferentes em Portugal. Estas exceções estão presentes essencialmente na região de Lisboa e Vale do Tejo, apesar de também existirem algumas na região do Norte.





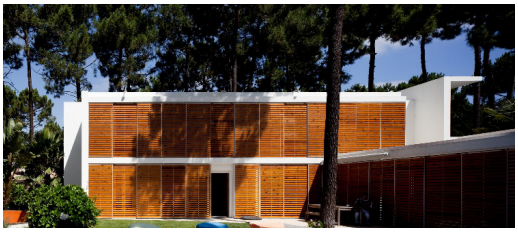


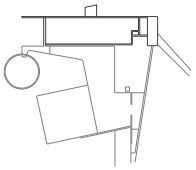


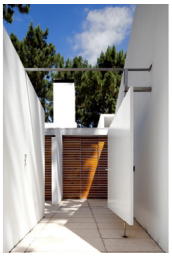


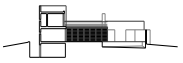


1982
Carlos Prata
Casa Casimiro Vaz

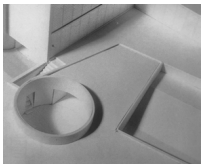






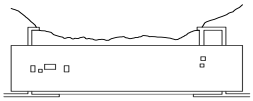






1994
Cândido Chuva Gomes
Casa na Aroeira











1998
Souto de Moura
Casa em Moledo









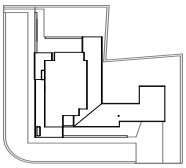




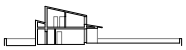
2003
Pedro Mendes
Casa em Pavia

Com estas fichas pretendeu-se eleger alguns casos de estudo que tivessem uma lista específica de materiais para analisar, como por exemplo, a planta de cobertura, corte, alçado e uma ou duas fotografias ilustrativas.

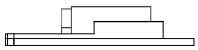






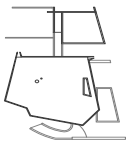




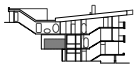


1970
Siza Vieira
Casa Alves dos Santos











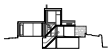


1982
Simões de Carvalho
Casa em Queijas

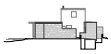






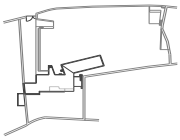






1989
Francisco Guedes de Carvalho
Casa Horst Tjgerman









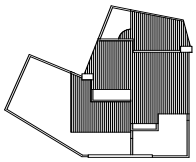




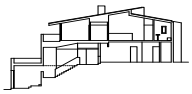
2001
Pedro Maurício Borges
Casa Pacheco Melo

Assim, isolando caso a caso, foi possivel perceber as diverssas soluções para pormenores como o beirado, tubo de queda, chaminés, claraboias, volumes técnicos.

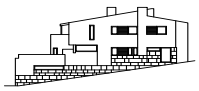






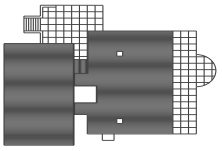




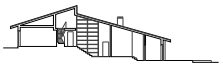


1966
Pedro Ramalho
Casa Emílio Peres

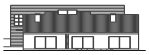






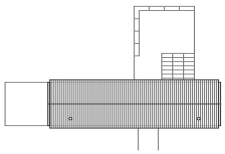






1996
Frois do Amaral
Casa no lugar de ponte de Varzea

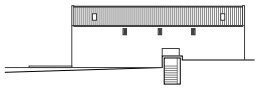






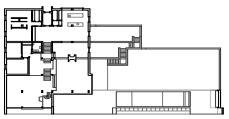




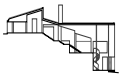


2000
João Mendes Ribeiro
Reconservação de um Palheiro

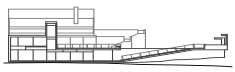








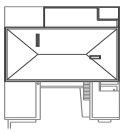




2002
ARX Portugal
Casa na Malveira

Analisando de forma mais generalista, consegui comparar as coberturas entre si e perceber os prós e contras do uso de cada tipologia e qual é o seu resultado, quer no interior, quer no exterior.

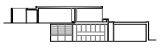








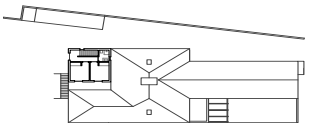




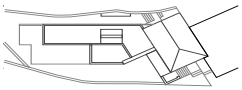
1994
Carlos Prata
Casa Eng. Raimundo Delgado



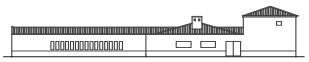






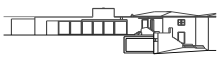














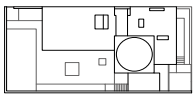


1995
Alexandre Marques Pereira
Casa das Tílias

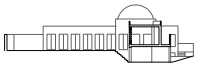
1996
Manuel Correira Fernandes
Casa Teixeira dos Santos

As fotografias permitem também três pontos muito importantes, uma primeira de contextualização da casa, outra exemplar dos pormenores analizados e uma terceira que acaba por replicar um dos desenhos do alçado, para que se possa ter uma visão real do que se está a analisar.

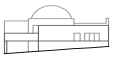






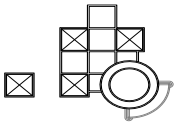






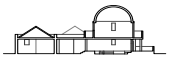
1976
João Nasi Pereira
Casa Sidarus





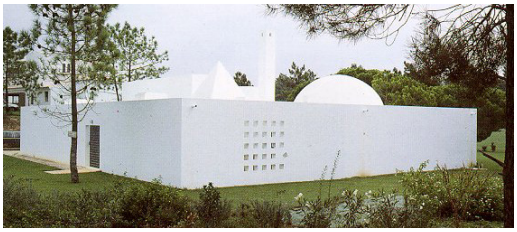


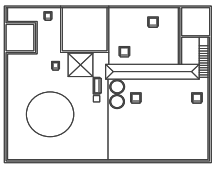




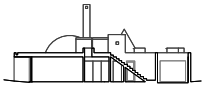


1982
Troufa Real
Casa Fátima Cruz

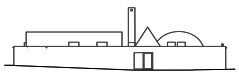






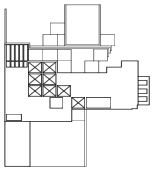






1989
Souto de Moura
Casa na Quinta do Lago













1992
Frederico Valssassina
Casa do Alto









1970
alvaro siza
casa manuel magalhaes

1989
eduardo souto de moura
casa quinta do lago

Com estas experiências procurou-se analisar dois temas muito distintos:
Numa primeira frase, especular sobre o tema da cobertura, produzindo material para que se possa ser usado como discussão de soluções.









1970
padua ramos
rua azevedo coutinho

1993
nuno e jose mateus
casa patio melides

Em segundo plano, mas não menos importante, está a escolha dos protagonistas, pois procurou-se fazer o cruzamento não só entre as coberturas mais opostas, mas também de arquitetos que talvez nunca se tenham cruzado em vida, mas sobretudo que construiram em épocas e gerações diferentes.









1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1984
pancho guedes
casa vale vazio









1971
domingos tavares
casa albino matos

1982
troufa real
casa fatima cruz

Um ponto muito interessante foi tentar perceber também se as casas com uma cobertura classificada como exceção, podiam sobreviver sem estes volumes. Tentar perceber se era possível criar este sentimento verosímil e assim duvidar da autenticidade do projeto.





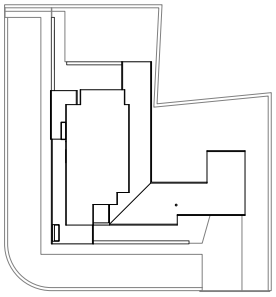
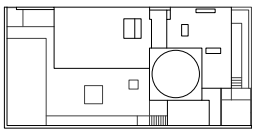
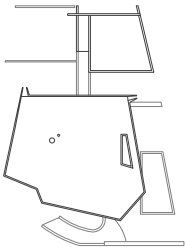
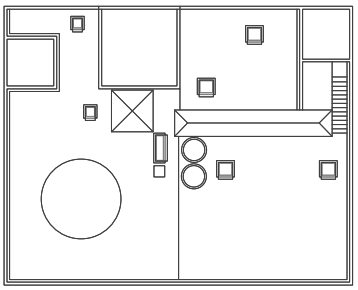
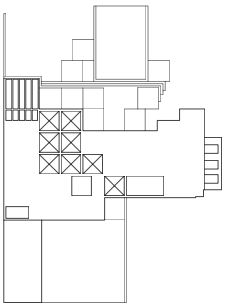
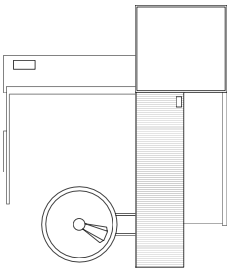
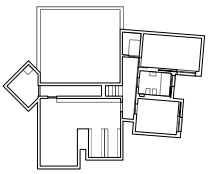
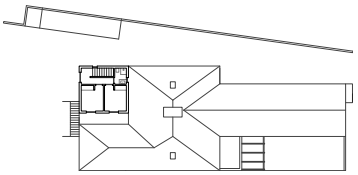
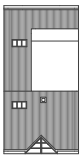
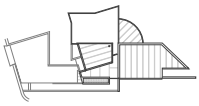
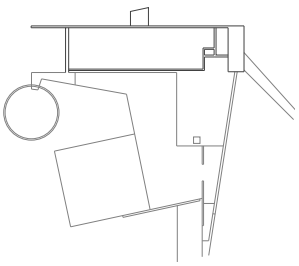
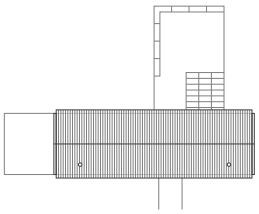
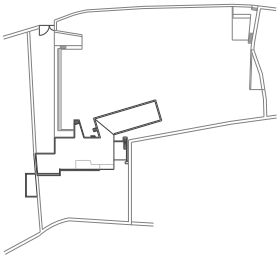
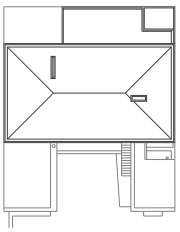
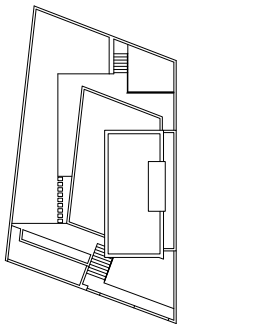




1992
eduardo souto de moura
casa em alcanena

1989
eduardo souto de moura
casa quinta do lago

Como toda a regra tem uma exceção, achou-se pertinente também no último caso de estudo perceber as diferenças entre um arquiteto. Então fez-se uma composição entre duas casas do mesmo arquiteto.

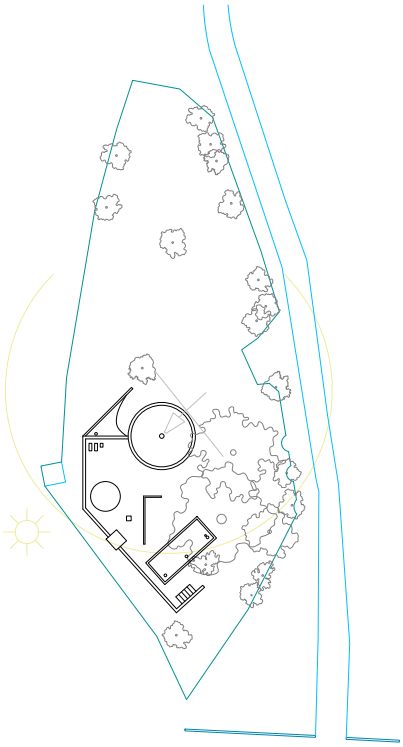
resumo plantas cobertura

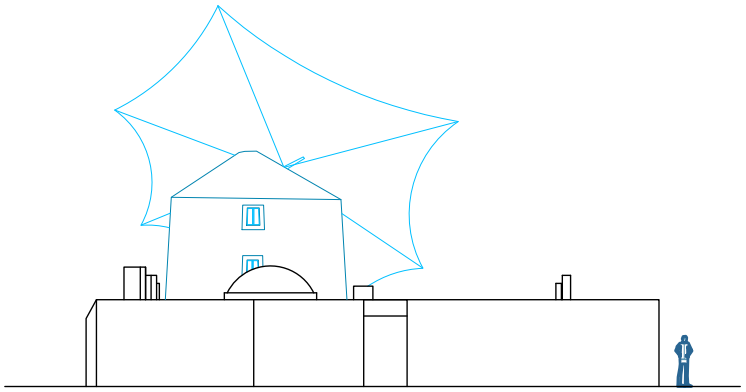
Concluíndo esta fase introdutória da curadoria e fazendo um levantamento geral sobre a especulação, notou-se que há mais perguntas do que respostas. Um dos grandes objetivos foi a tentativa de questionar o tema da cobertura na arquitetura, tentando perceber um pouco da sua origem e significado. O que leva os arquitetos a fazer tais composições? É uma questão programática ou estética? Necessidade ou luxo erudito? Faz apenas parte da forma ou tem uma função? Tentou-se perceber também qual é a relação e perceção do usuário em relação à cobertura e de que modo é que a experiencia.

As ferramentas de produção de um projeto são lentes para a sua leitura e vice versa. Num pós investigação, propôs-se o difícil de exercício da passagem do crítico a criticado: desenhar uma casa.
Não foi imposta qualquer obrigação de relação com o arquivo que tinha sido desculpa para um momento anterior, ficando ao critério de cada um a relação ou falta dela com o que tinha sido estudado. Nada é mais contextual do que a eventual rejeição de um contexto.
Foram atribuídos terrenos sem qualquer valor particular de forma aleatória a todos os alunos. Regularmente, os mesmos foram trocados entre si, forçando cada actor desta dança colectiva a reagir rapidamente a novas condições e problemas. Não era objectivo uma apropriação do lugar, sendo cada um deles uma condição temporária.





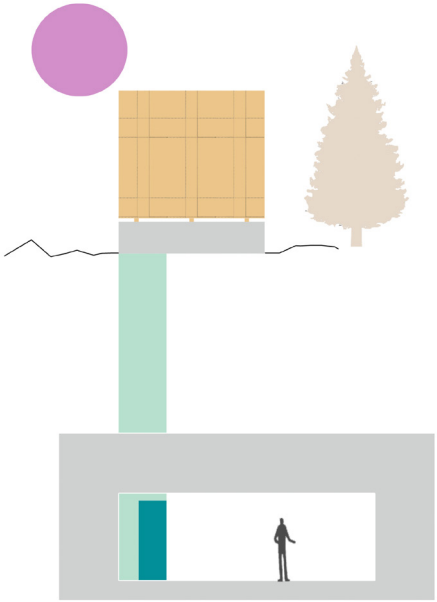


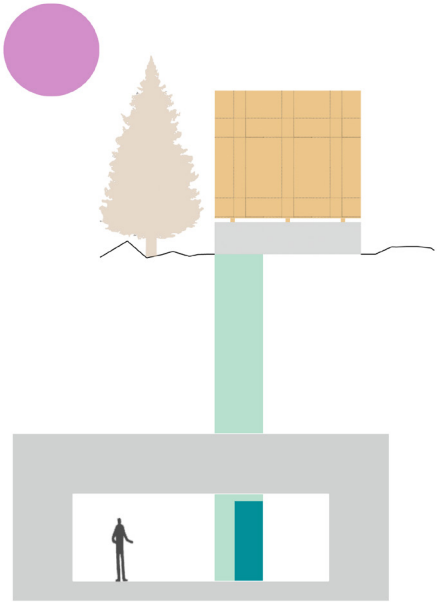


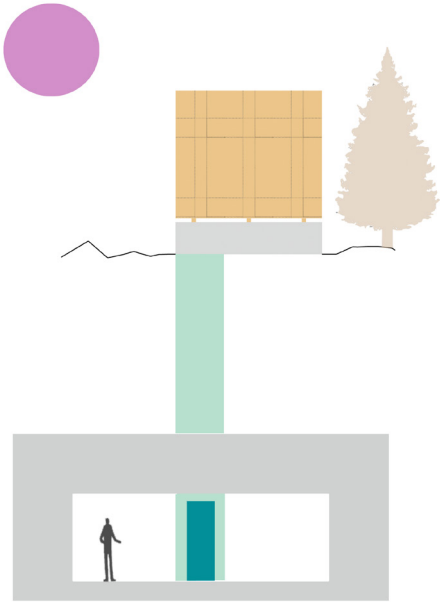
casa em azueira, mafra

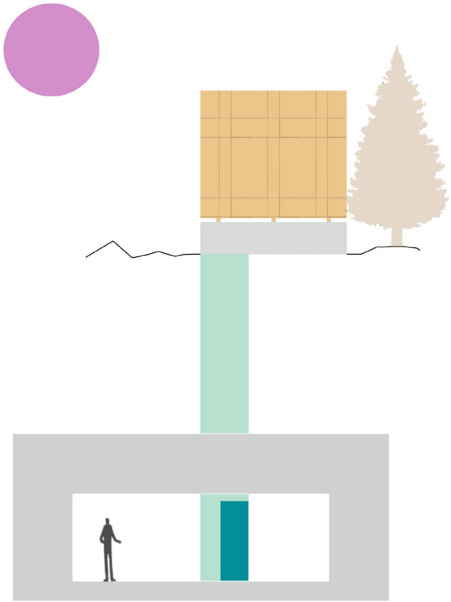
1/250

A primeira experiência foi feita, tendo em especial consideração dois factores para o seu desenvolvimento. Em primeiro, um sentido de pré-existência do moinho, que agora pode renascer com um novo programa. Um segundo ponto, a implantação da casa para um proveito máximo da vista.
Tentou-se assim, através de vários testes, fazer uma composição de volumes interessantes, que pudessem não só resolver o programa, mas ao mesmo tempo fosse abstracto e compositivo o suficiente para gerar discussão e levantar questões.

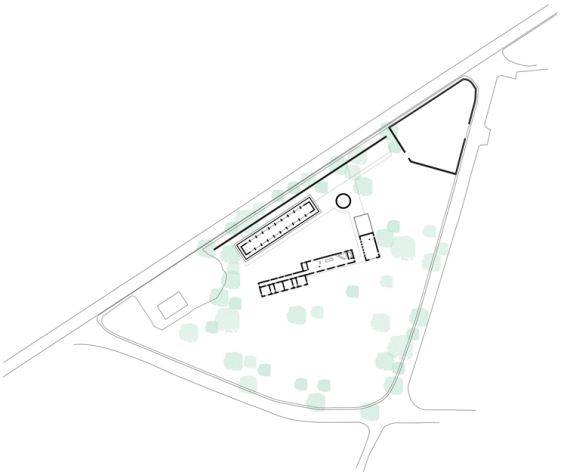


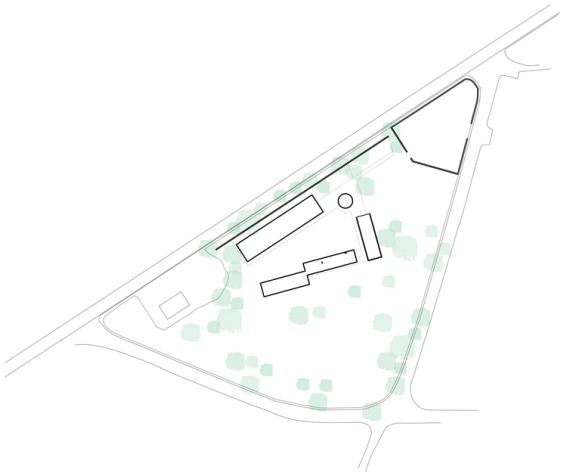


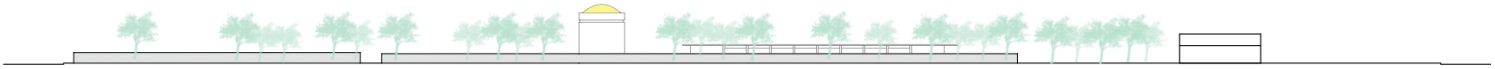


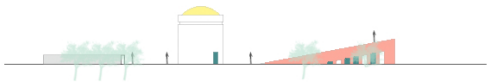


Numa segunda experiência, tentou-se não ficar alheio ao mundo que nos rodeia, visto ter eclodido a guerra na Ucrania. Como estamos a sempre a experimentar novas maneiras de viver e o ser humano é extremamente adaptável, procurou-se uma solução diferente.
Quando projetamos um bunker, de certo modo é um cruzar as antigas funções da casa, com uma tecnologia contemporânea e modo de viver totalmente diferente. Questões como iluminação e ventilação ganham um carácter primordial.
Foi preciso ter em conta mais dois espaços independentes, um de produção de alimentos e outro de armanezamento. Uma questão interessante foi a organização destes espaços, pois foram pensados para funcionarem como um todo, mas se por algum motivo extremo for necessário isolar algumas divisões, pode-se fazê-lo.





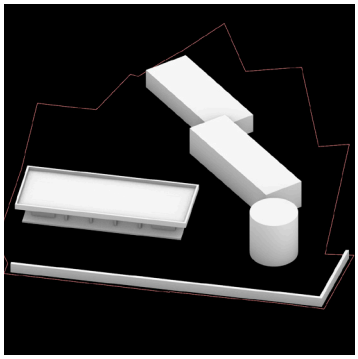
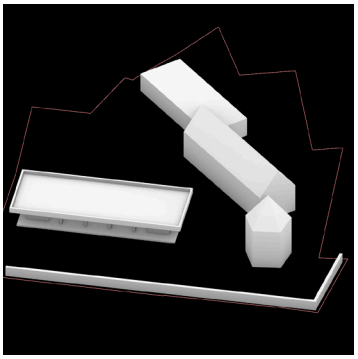
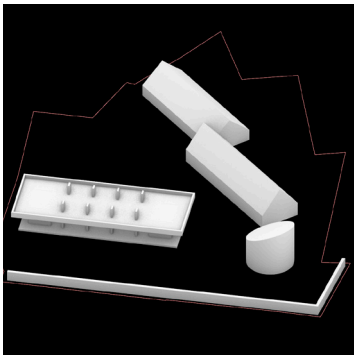
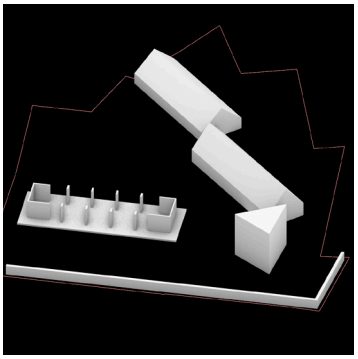
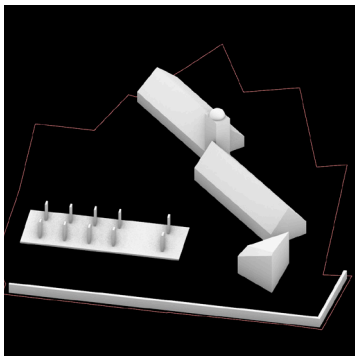
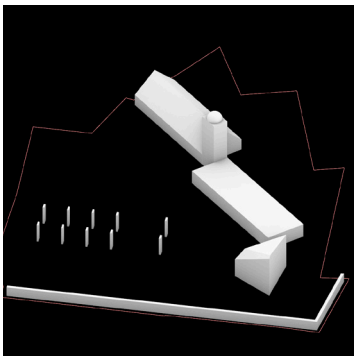
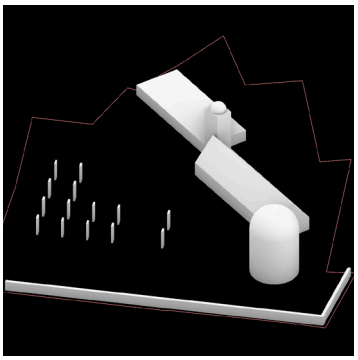
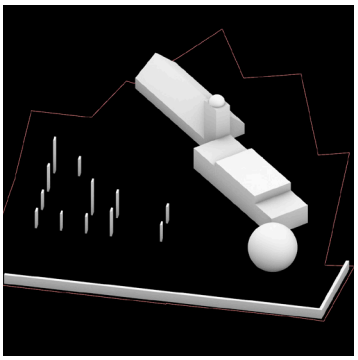
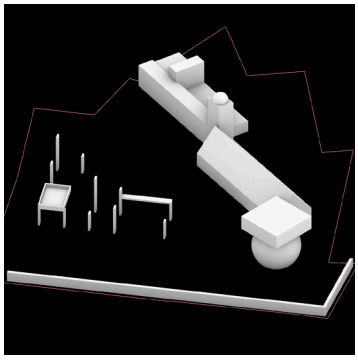
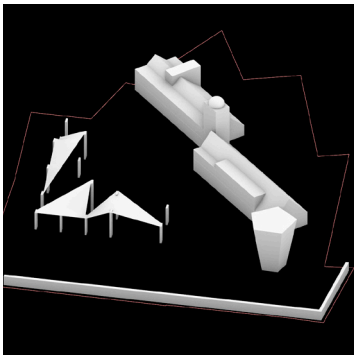


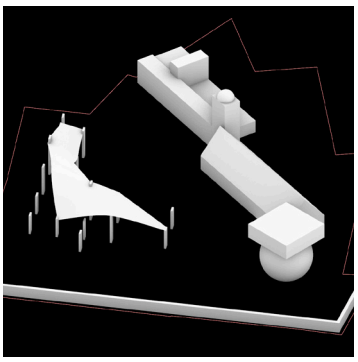
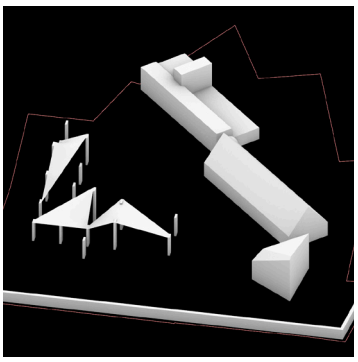
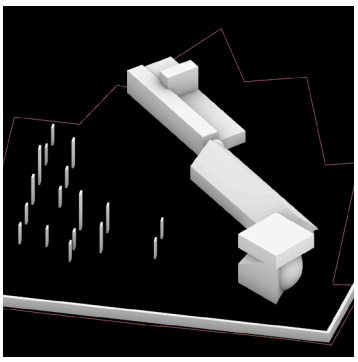


casa em favões, marco de canaveses

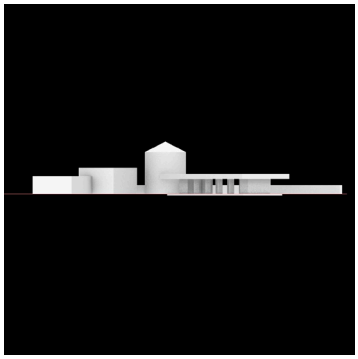
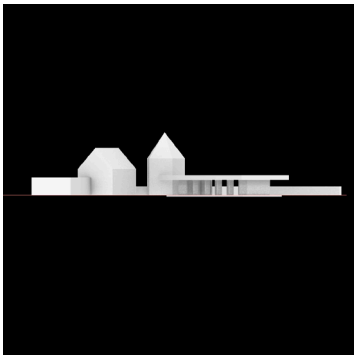
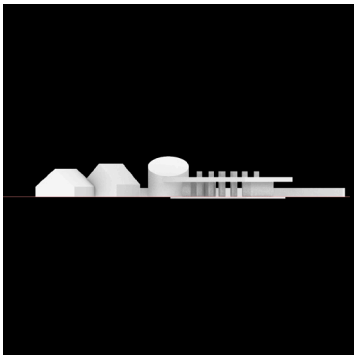
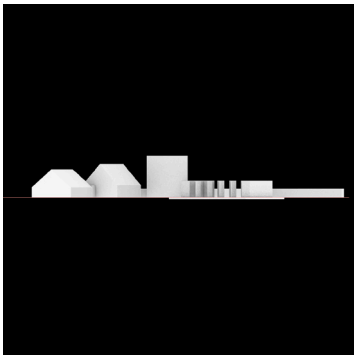
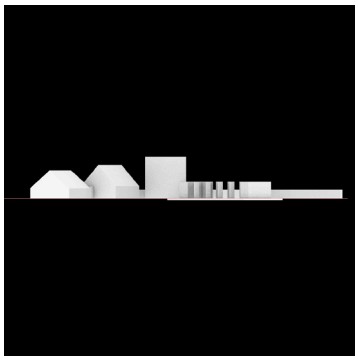
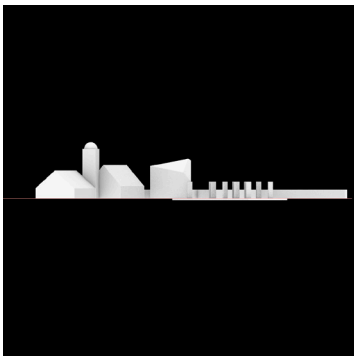
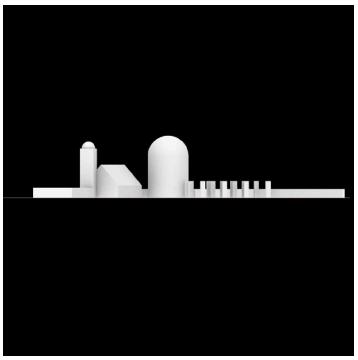
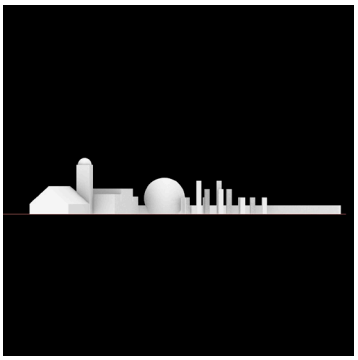
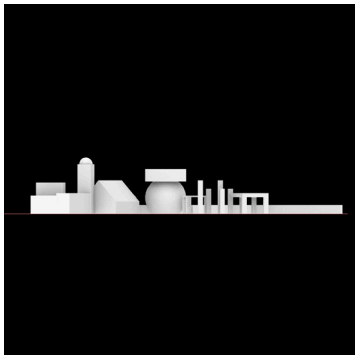
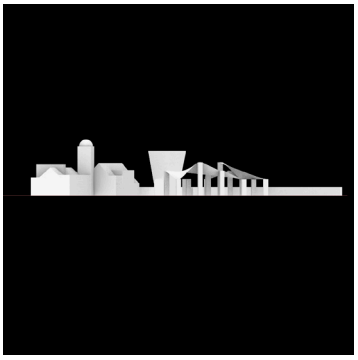
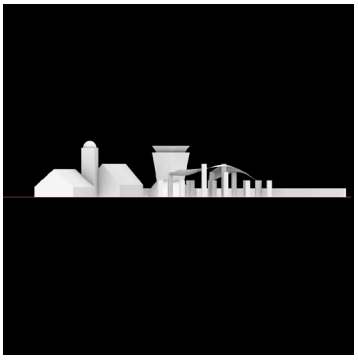
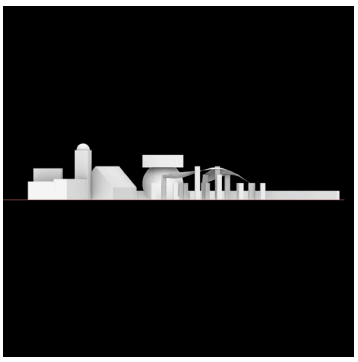
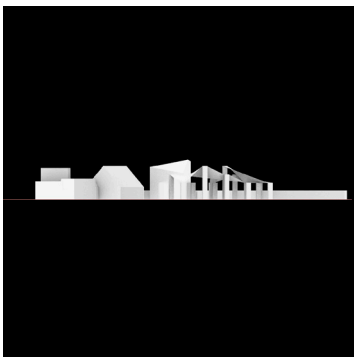
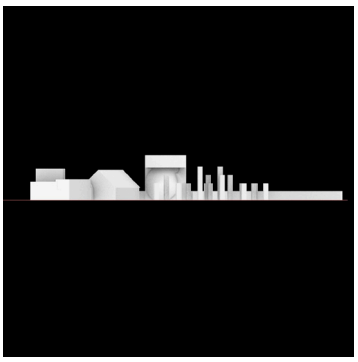
1/1000

No mesmo terreno, tentou-se fazer uma segunda abordagem, desta vez com uma visão e intenções menos dramáticas.
Dado o terreno ser grande, uma das dificuldades foi tentar perceber onde será a melhor implantação e como se pode controlar o projeto sem que fique desproporcional.
Tentou-se assim através de um muro condutor, agregar uma série de volumes com usos flexéveis, tendo em conta que o cliente trabalharia em casa e expunha o seu trabalho em casa também. Mas quando não expusesse o trabalho, gostava de receber família e amigos. Então era necessário um volume flexível e amplo o suficiente para que conseguisse mudar de programa facilmente, sem perder a sua identidade.

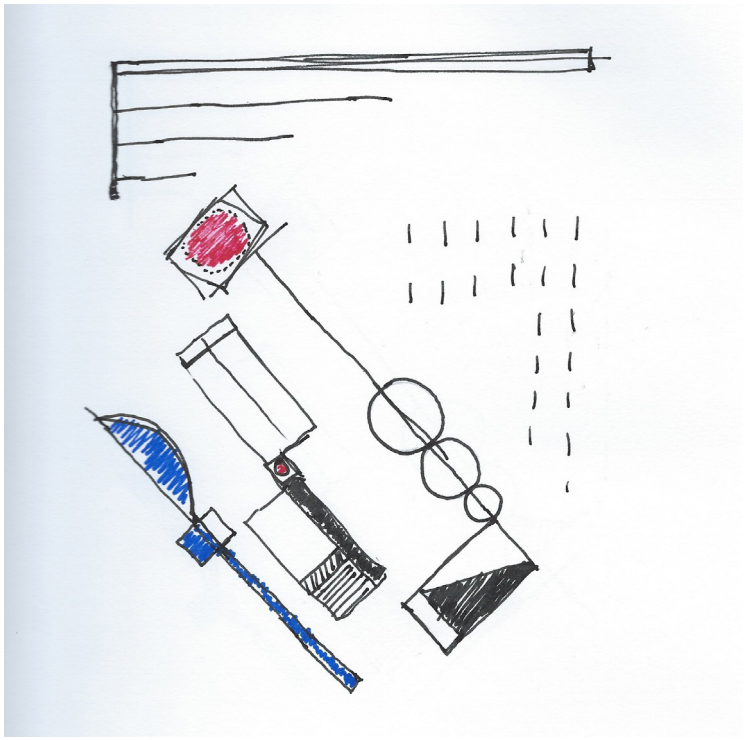











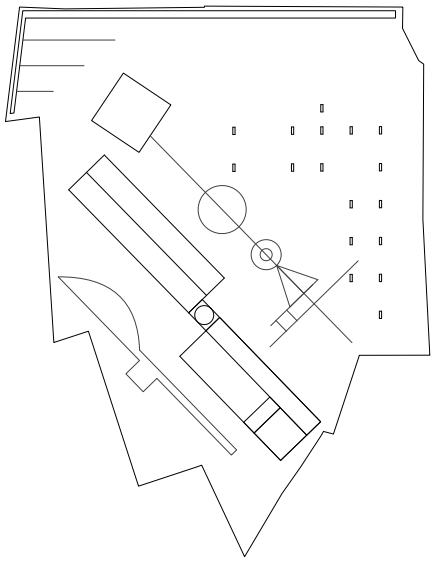




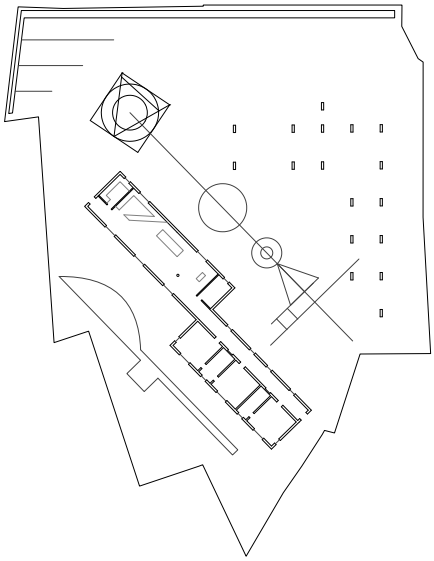
Este projeto teve uma metodologia muito específica. Com as exigências a serem as mesmas a nível programático, procurou-se primeiro fazer uma série de experiências a nível de volumes, para perceber a relação entre eles e como comunicavam entre si, e ao mesmo tempo com o terreno na sua totalidade.

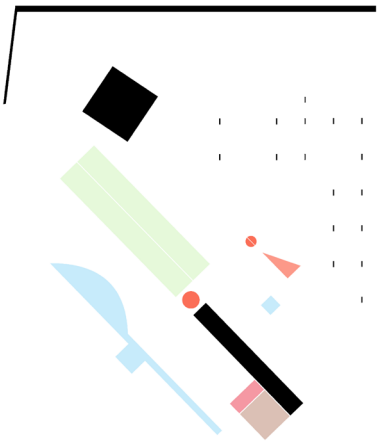















Chegou-se a uma fase final com três soluções distintas mas que ainda não correspondiam ás necessidades. Então voltou-se a experimentar os volumes das três soluções entre elas, para perceber se havia melhorias ou não.
Partiu-se sempre do princípio que a experiência e o método como chegamos ao resultado, acaba por ter tanto ou mais significado que o resultado em si.







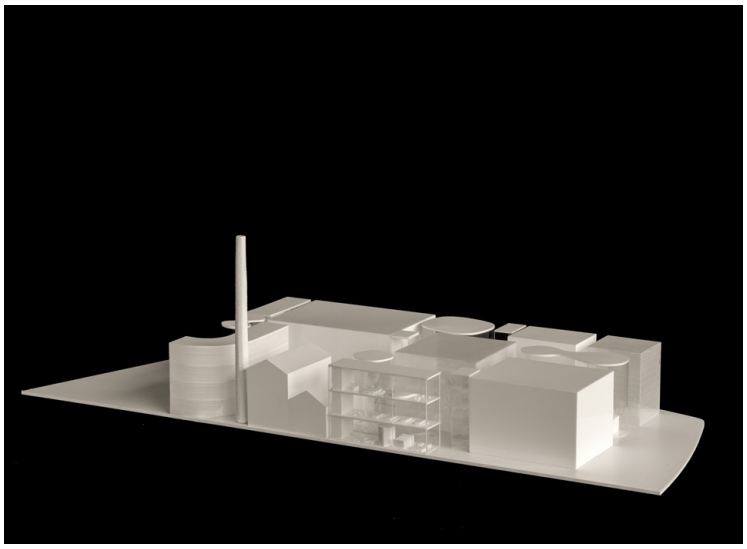


casa em casal das carreiras, torres vedras

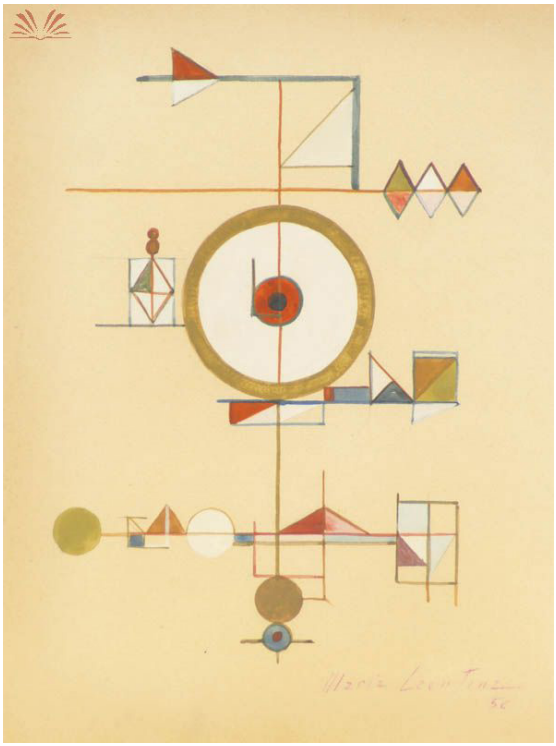
1/500

Uma parte também importante do processo, foi perceber a função e o método que os desenhos adquirem. Inicialmente começa-se com um esquiço rápido, uma experiência ou anotação, que acaba por evoluir e ter algum rigor numa fase mais avançada do projeto. E numa fase final, depois do projeto estar concluido, há uma tentativa de resumo e abstração com um desenho sumário de todo o complexo.

No final aritmético do semestre, consolidou-se um objecto. Uma “casa”, um “projecto”, uma “ideia”. Em limite, um protótipo de qualquer coisa que podia ser real, ainda que nunca tenha sido esse o objectivo. Os projectos foram apresentados em dois momentos a dois júris, um da academia e outro da prática; cada aluno, que agora era também autor, levou consigo o que bem entendeu.









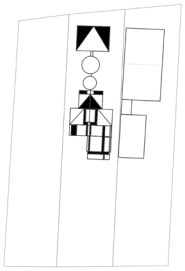
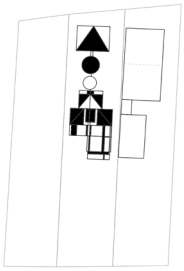
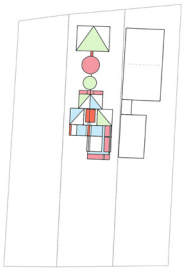
2008
sanaa
edf. multifuncional da fundação
serralves

maria leontina
óleo sobre tela

1996
sanaa
casa s

maria leotina
óleo sobre tela

Estas são algumas das referências usadas na concepção deste projeto, onde se tenta desenvolver questões de composição e agrupamento de volumes, mas ao mesmo tempo usar o desenho como ferramenta de comunicação. Esperava-se assim conseguir fazer a transição daquilo que é algo palpável como a arquitetura (edifício) daquilo que pode ser abstracto e meramente compositivo, como a sua representação.

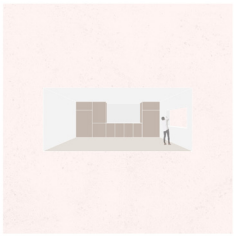
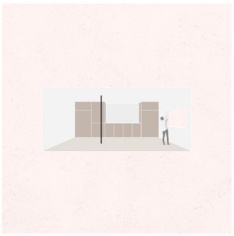
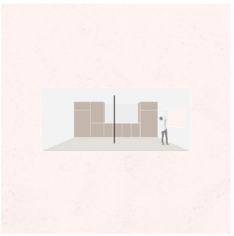
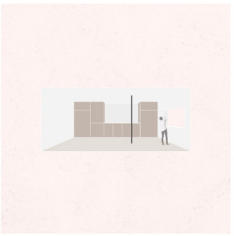






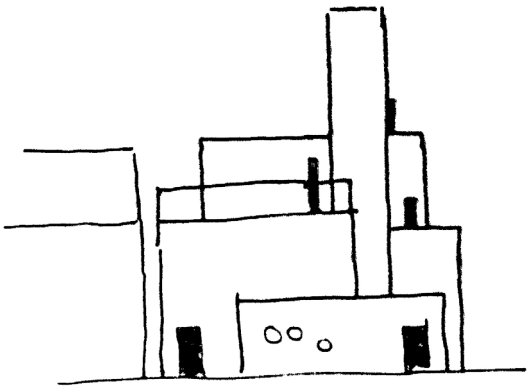


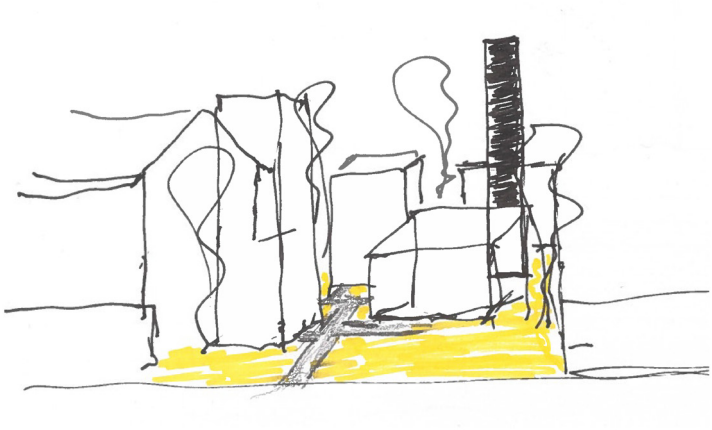


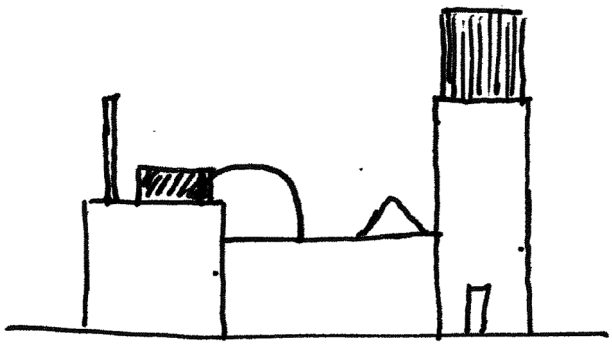


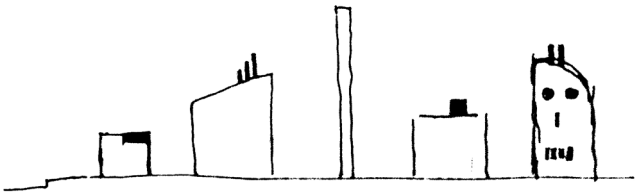





Numa primeira instância, usa-se a própria referência como provocação e pretende-se desmontar toda a complexidade do desenho e dar-lhe função.
À medida que o projeto maturava, chegou-se a uma volumetria mais adequada e harmónica, resolvendo-se todas as questões pretendidas, sem se perder o seu carácter compositivo e arquitetónico.
Metodologia essa que foi usada para tomar decisões ao longo do projeto, desde os volumes, ao rodapé, até chegar ao ponto onde se posicionava a coluna que dividia o espaço.









O esquiço também esteve sempre presente, tem uma flexibilidade e facilidade em fazer-se muito grande, mas é uma grande ajuda mental e forma de pensamento que ajuda a resolver e perceber certas questões do projeto.



planta piso terreo

1/500

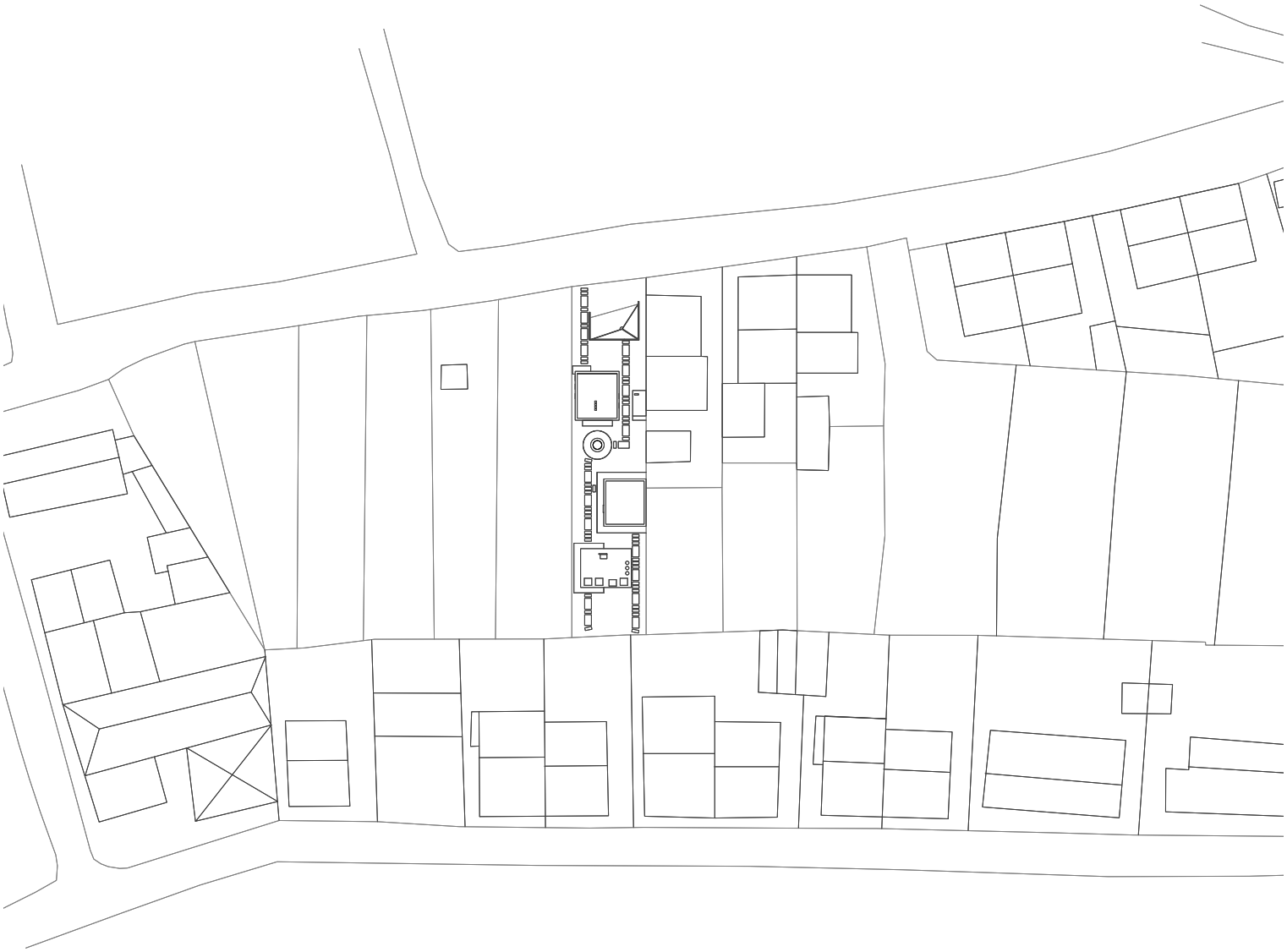
Numa primeira instância e um pouco utópica até, pretendia-se que a casa não só continuasse esta morfologia urbana e fechasse a malha urbana, como também fosse uma potencial entrada para o interior do quarteirão que são hortas locais. Por essa razão, os volumes estão dispostos pelo terreno obrigando assim o utilizador a passar por vários momentos, até chegar ao seu destino.
Tem-se um primeiro volume junto à rua que tem como objetivo funcionar como ponto de chegada ao quarteirão, sendo capaz de abrigar usos de pequeno porte.
Um segundo volume de tipologia T1, que pode funcionar de modo isolado do resto da casa.



planta primeiro piso

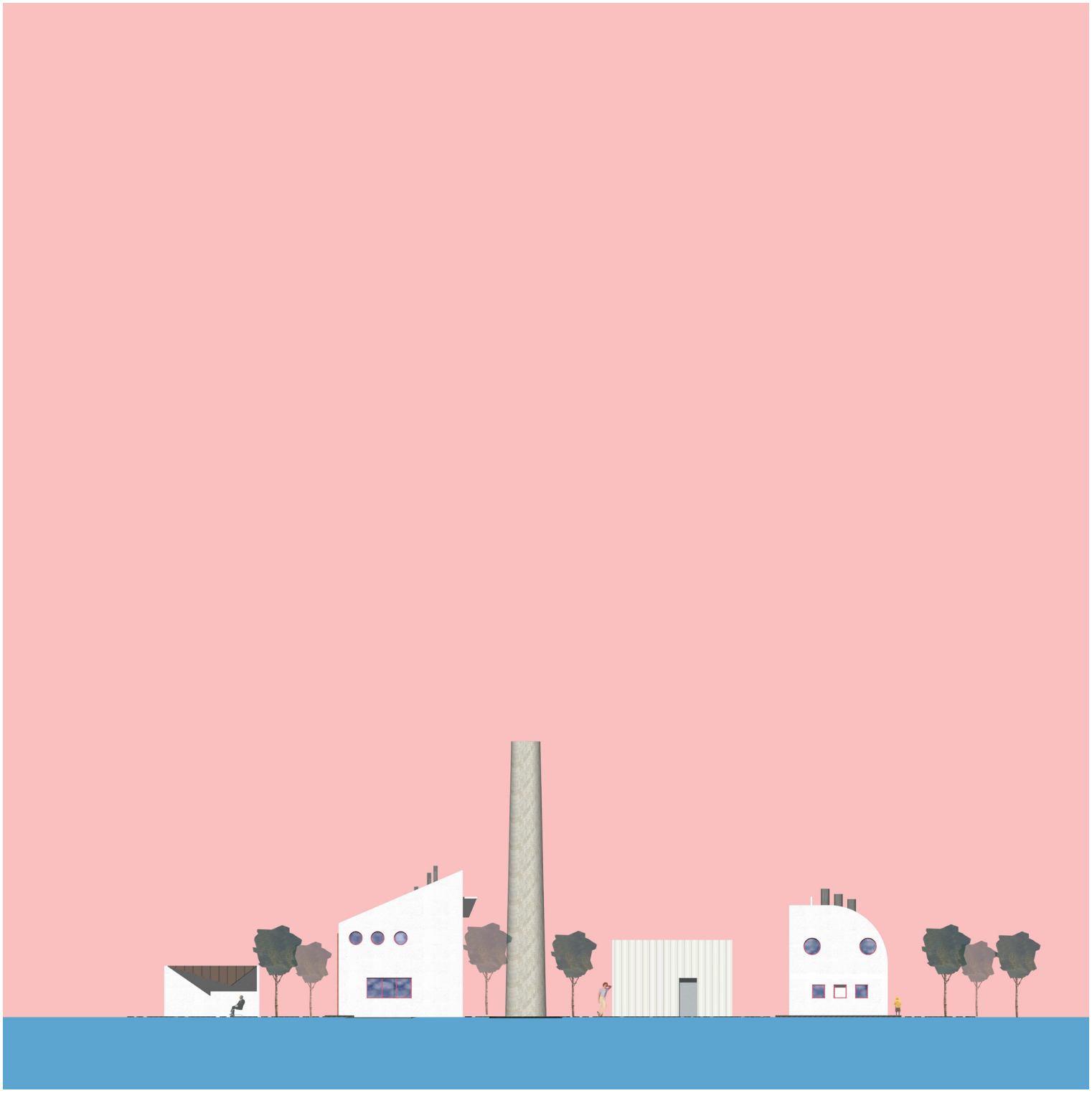
1/500

O volume circular acaba por se designar como constante, pois é onde se encontra o poço do terreno, tornando-o assim num dos pontos mais importantes, que precisava de ser representado de uma maneira diferente. Deste modo, acaba por evoluir para um "landmark" que mostra não só o lugar mais importante, como diz a utilizadores externos, que há mais qualquer coisa naquele quarteirão.
O volume central acaba por ser o volume de convívio, um espaço onde todos os habitantes podem reunir-se, conviver, a nível simbólico é a ágora desta casa.
O último volume acaba por ser outra habitação, mais resguardada, para um casal que procure tranquilidade e distanciar-se do caos que pode ser a cidade.



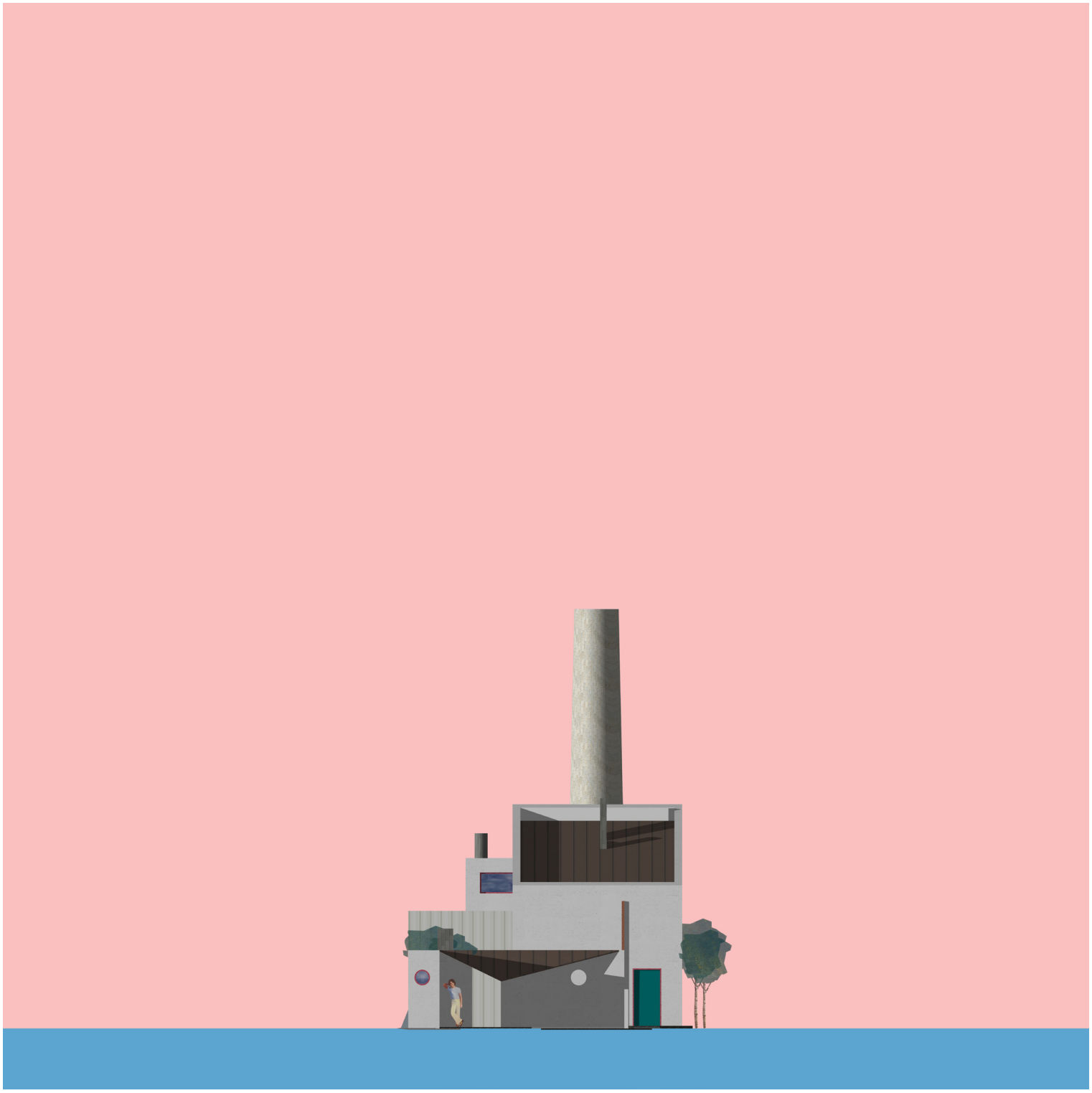
planta cobertura
1/500

Com este projeto, foi possível crescer e ter a perceção de como funcionam várias tipologias de coberturas em conjunto e que tensões são criadas entre elas.
Começamos pela exceção, uma cobertura no fundo de duas águas na parte norte do terreno. Acaba por ser exceção, pois foi feita uma pequna brincadeira com a cumeeira. Brincadeira essa que tinha como objetivo, em dias chuvosos, criar uma linha de água que escorre-se para um canteiro marcado no pavimento. Ao mesmo tempo, criar uma certa tensão entre o utilizador do espaço, pois a cobertura está tangente às nossas cabeças, criando uma senção de perigo.
Segue-se então uma cobertura de uma água na primeira habitação, onde se tenta explorar a arquitetura resultante dessa inclinação, em conjunto com a entrada de luz natural.

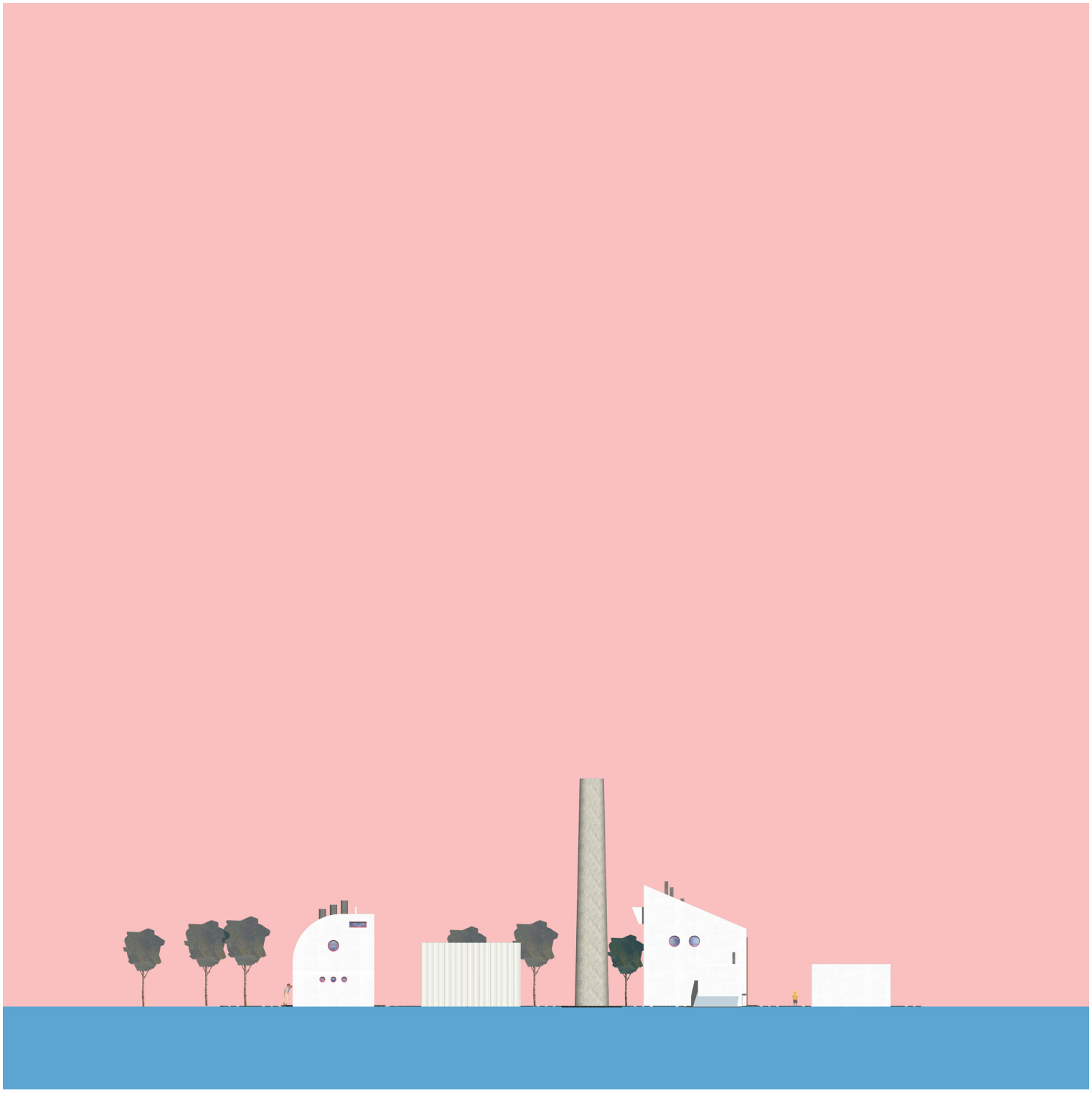


alçado poente
1/500

Com os alçados, conseguimos ter uma perceção mais acertada daquilo que são os volumes propostos e as suas caracteristicas.
É possivel notar várias das refências usadas para este projeto. O elemento vertical coexistente no projeto dos SANNA. A pala de Siza a proteger do sol de sul. Uma reinterpretação da cara na faculdade do porto, ou então o truque que Fernando Távora usa para controlar o ritmo das janelas na quinta da conceição.



alçado norte
1/500



alçado nascente
1/500



colagem I

Nestas colagens tentou-se mostrar a flexibilidade da solução e a maneira como ela pode integrar algumas atividades coletivas.
Este primeiro volume faz a transição entre a rua e o interior do terreno, absorvendo todo aquele caos, e faz uma transição para uma zona residencial mais tranquila com outros objetivos.



colagem II

Continuamos a tentar mostrar a flexibilidade desse espaço e de como pode ser um ponto central no quarteirão e na vida das pessoas.



colagem III

Aqui com um carácter mais cultural percebe-se que realmente o gesto é muito forte, mas que pode servir uma comunidade e aí questões como "Será que faz sentido? Fará mesmo falta?" acabam por se tornar insignificantes, pois serve um bem maior.



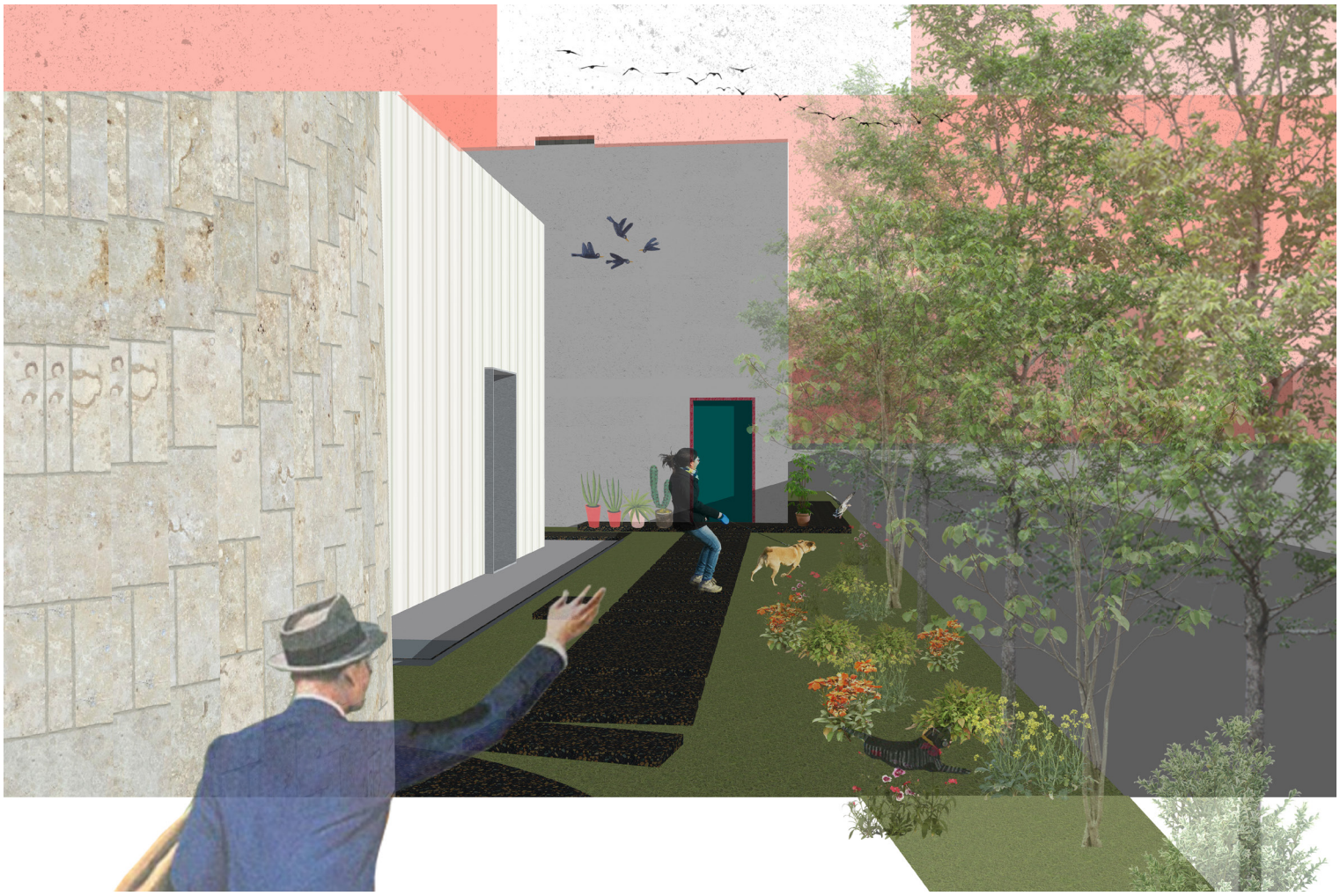
colagem IV

Com estas colagens, pretendeu-se mostrar como seriam os ambientes no interior do terreno. Esteve sempre presente um sentido de descoberta, que nunca revelava a totalidade dos espaços, sem que o próprio utilizador se aproxime e os experiência.



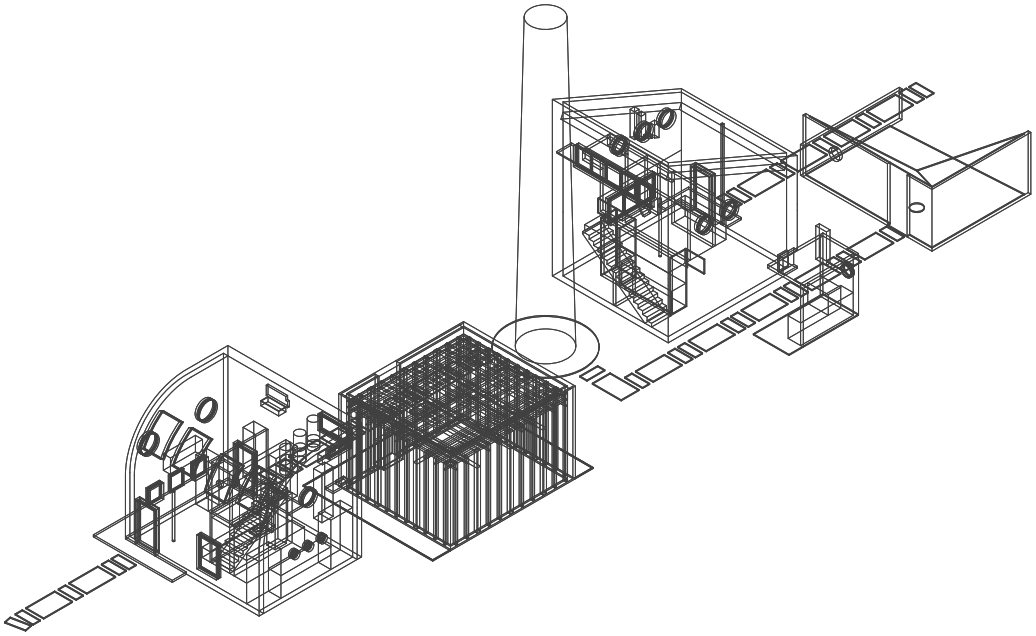
colagem V

É possivel assim perceber, que há espaços mais reservados, com diferentes funções.



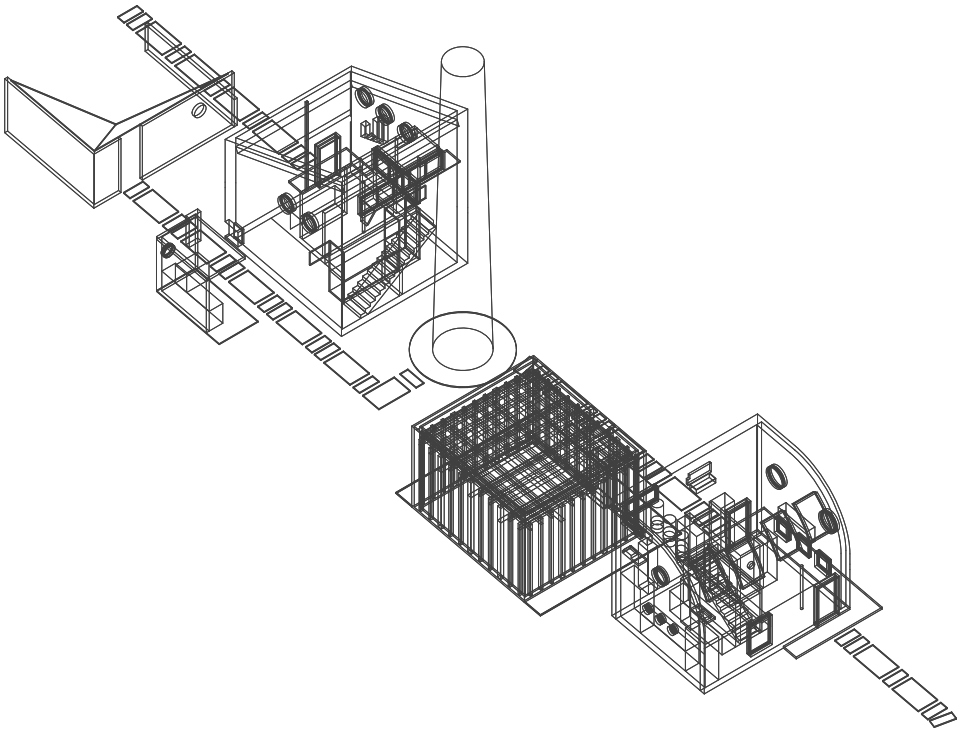
colagem VI

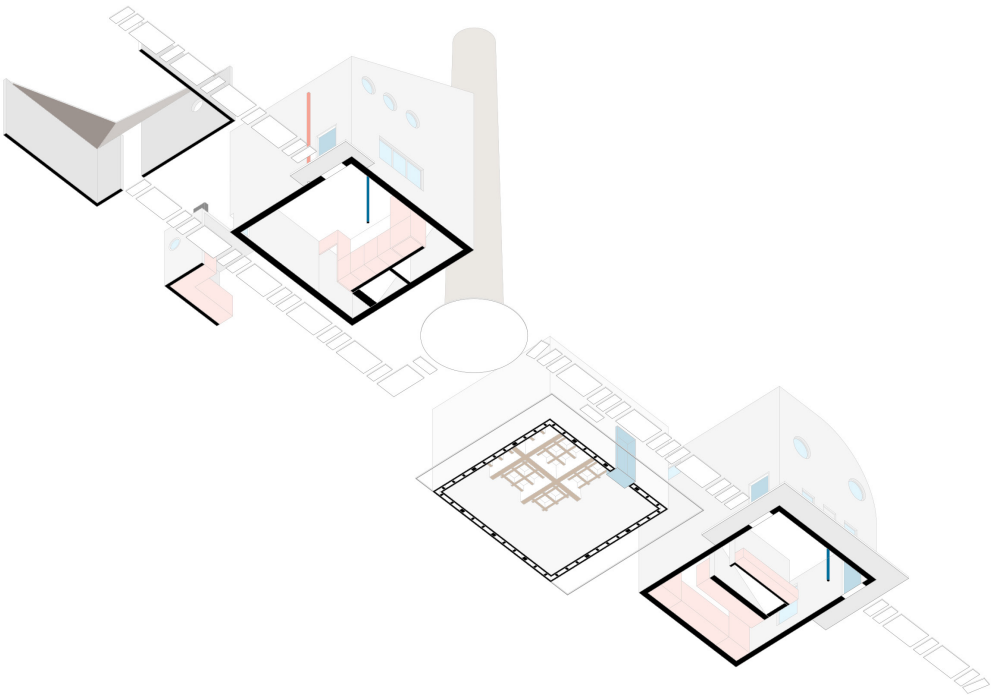
Outras zonas exteriores têm pequenos espaços verdes, fazendo referência também ás hortas existentes e impulsionando a recuperação de um estilo de vida mais natural, ao sabor das estações e tudo aquilo que nos trazem.



wireframe I

A busca pela representação e um melhor entendimento do projeto foi constante. O tipo de desenho wireframe, desconhecido por muitos estudantes, é uma ferramenta interessante que nos permite ter uma visão totalitaria do projecto, desde a sua implantação a pormenores que precisariam de mais desenhos para serem explicados.

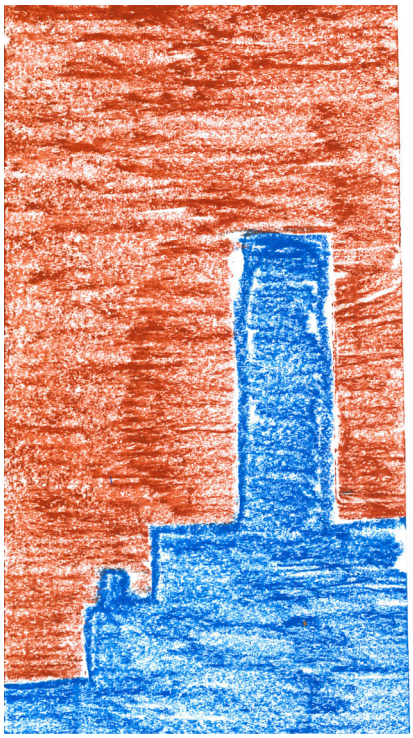




Nesta busca, houve um especial fascinio pelos desenhos que pudessem resumir todo o projecto. Uma dessas tentativas está presente na axonometria acima, onde conseguimos incorporar também uma planta e alguns alçados.
tornando-o assim num dos desenhos mais completos para que se possa ter uma noção totalitaria do projeto.







Numa parte mais criativa, deixou-se os meios tecnologicos de lado. Pegou-se nos lápis de cera e tentou-se novamente resumir o projecto, com um número reduzido de traços ou manchas.

Como final do exercício, foi proposta uma última troca de terreno entre os alunos, onde cada um escolheria um novo terreno e apresentava um derradeiro projecto final que culmina em todos os temas que foram abordados ao longo do ano.

Adolf Loss escreveu, em 1910, que "a casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte, que não tem que agradar a ninguém sendo a obra de arte um assunto privado para o artista e a casa não". Aos alunos foi pedido o oposto: que, como autores, desenhassem a sua casa como a sua obra de arte, e que apenas a eles a mesma interessasse. Tudo o resto que daí resultasse seria um produto colateral dessa atitude.





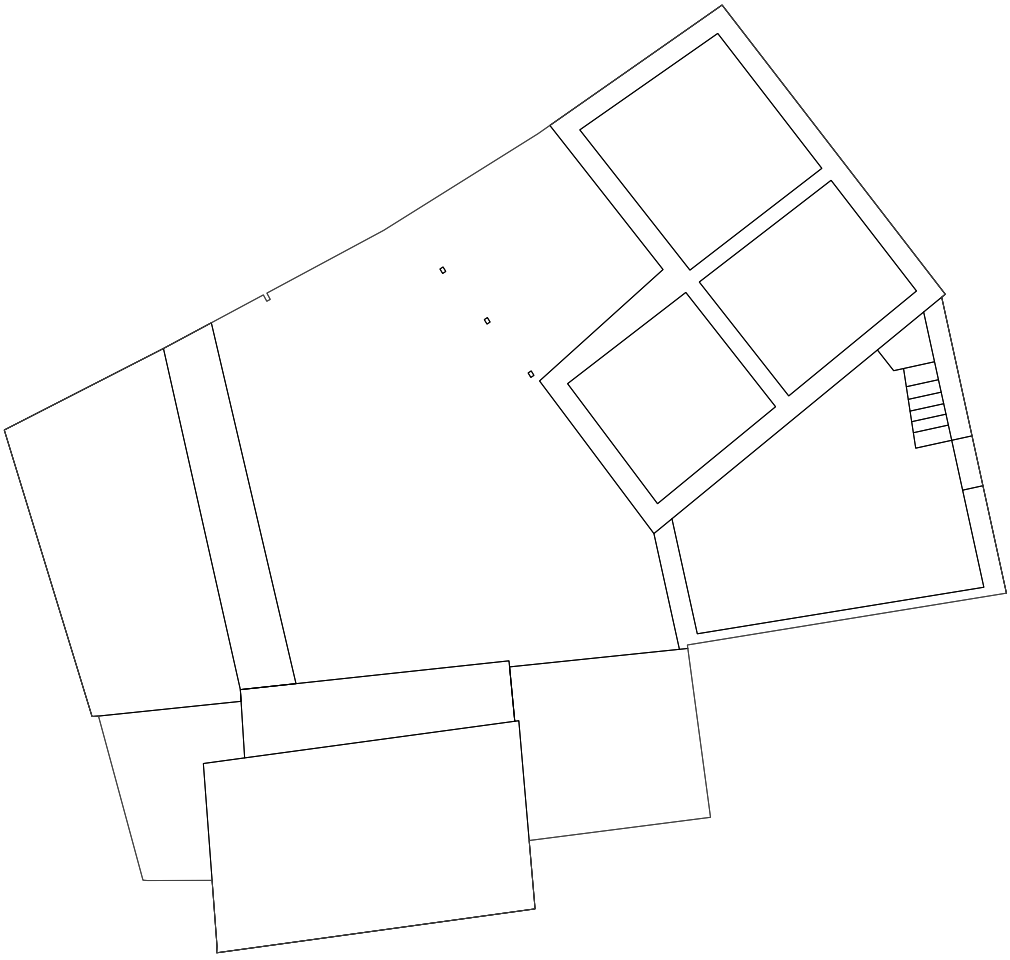






fotos contexto

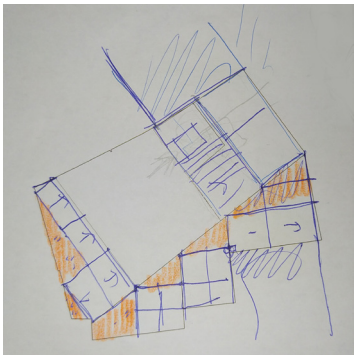
Com estas fotos, pretende-se contextualizar o último terreno onde houve intervenção. Percebe-se que há uma ruina pré-existente e uma série de volumes agregados ao perimetro do terreno. Notou-se que há uma linha de limite muito bem definida e um contexto muito presente.

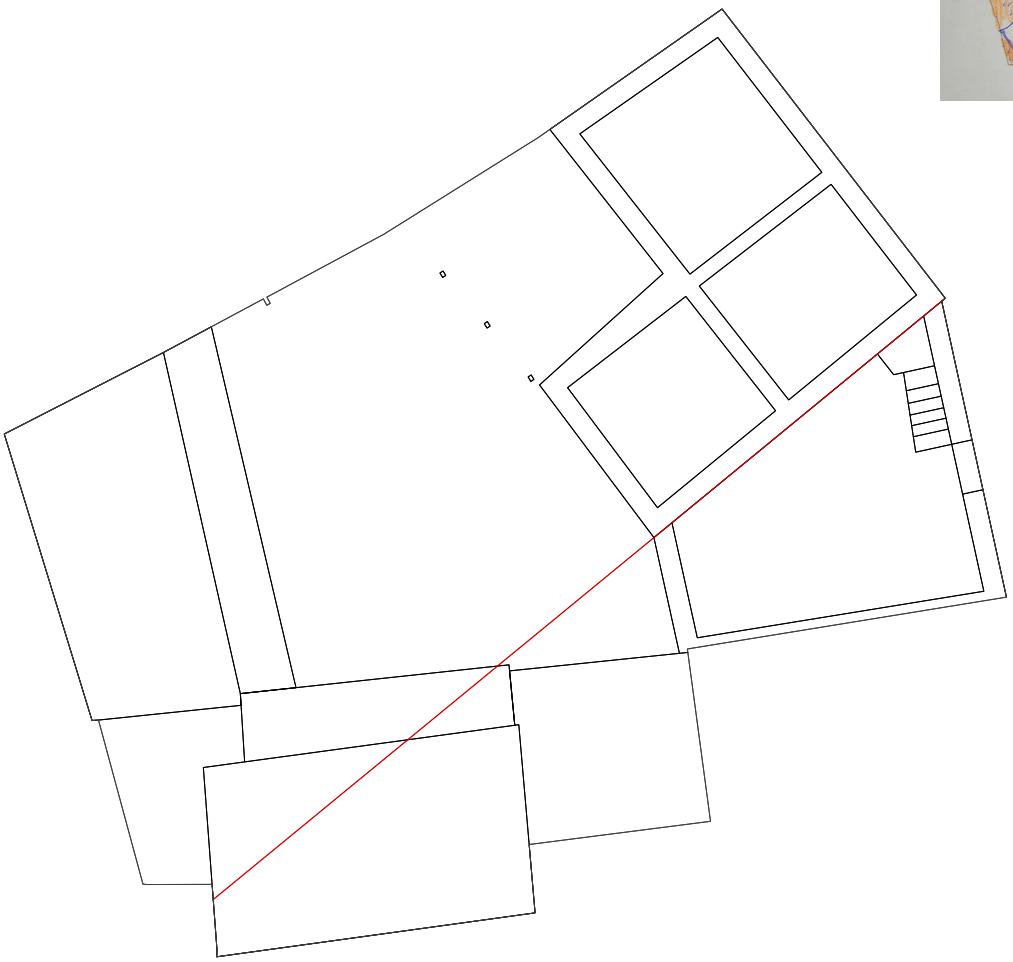


planta existente

1/200

Pretende-se agora mostrar o processo criativo que levou a construção deste projecto. Com esta planta de implantação, percebe-se que há uma falta de regra e controlo nas construções. Há também um ponto de flexão da rua que acaba por criar um ângulo agudo no interior da casa, que acabou por ser definidor do projeto.

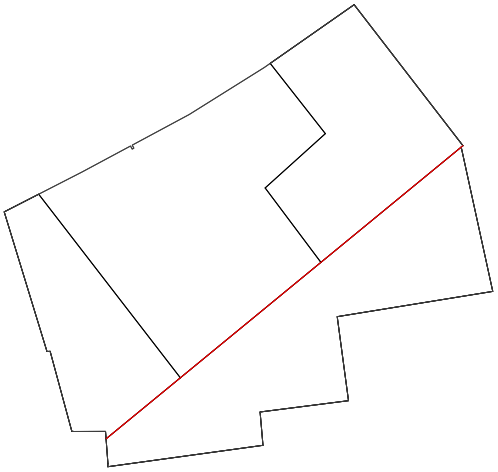


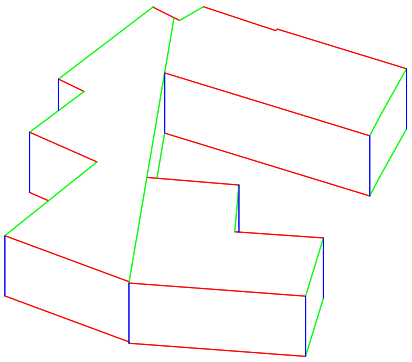


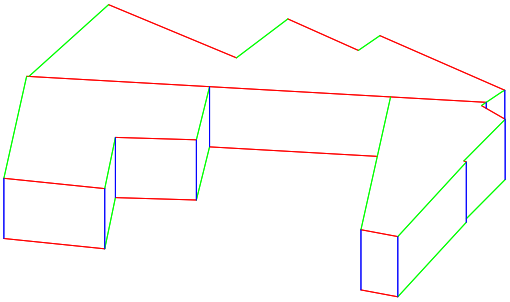
planta eixo condutor

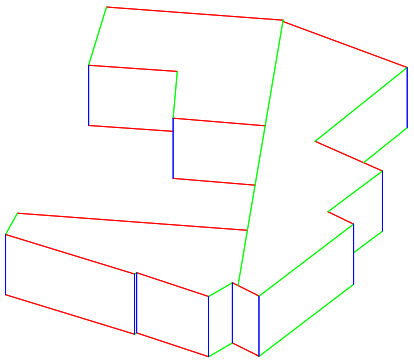
1/400

Com esta planta, nota-se que desde muito cedo há uma intenção que realmente esta diagonal divida o terreno em dois, e que a partir daí começa-se a criar algumas regras.
O papel do esquiço sempre presente, para ajudar a tomar decisões e fundamentar o pensamento.





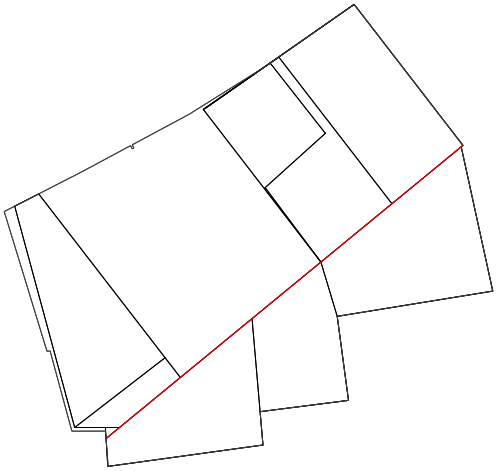


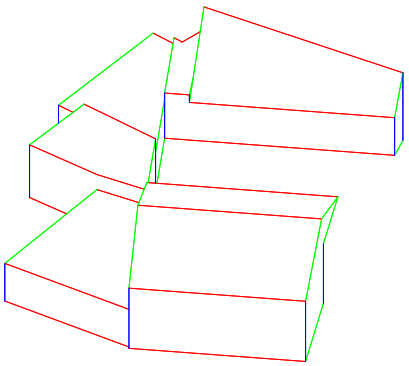


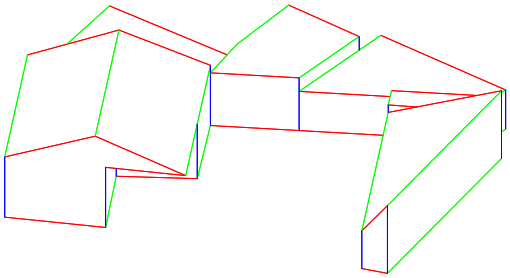
solução a

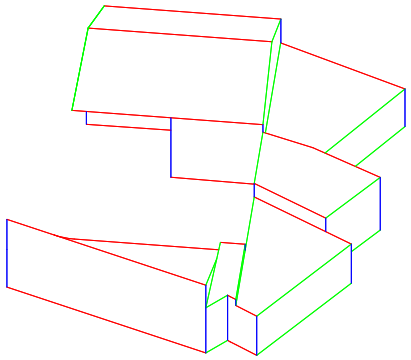
1/400

De um modo muito cru, começou-se por fazer volumes, todos à mesma cota, para que se pudesse ter noção da massa que ia ocupar no terreno.
Assumindo sempre desde o ínicio que a recuperação da malha urbana era um ponto imperativo e a respeitar no projeto.





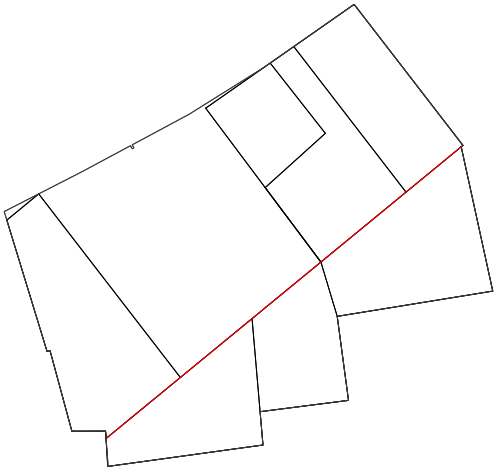


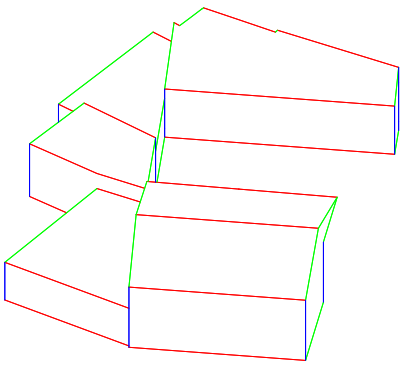


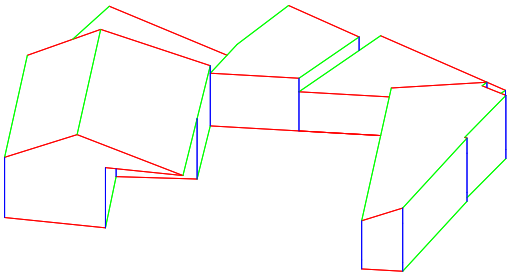
solução b

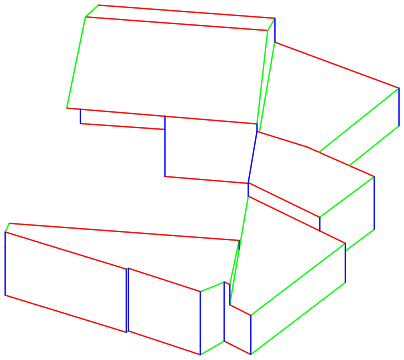
1/400

Foi então com o moldar dos volumes, os diferentes tipos de experimentos em relação a cobertura que se começou a notar algumas fragiliades no projeto. Tais como quando o volme toca na linha de perimetro, os próprios alinhamentos dos edifícios.





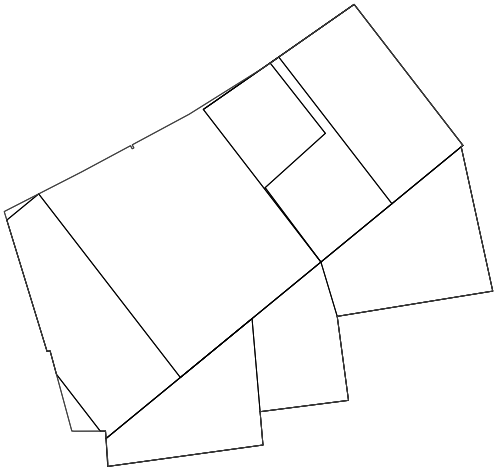


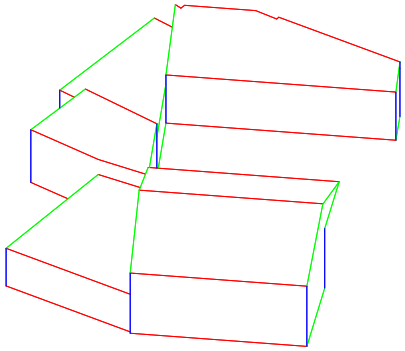


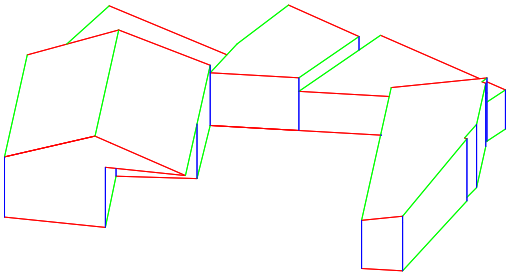
solução c

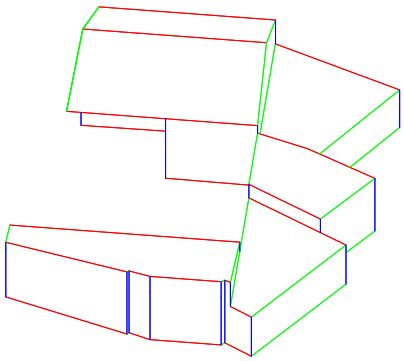
1/400

As experiências continuaram e a solução foi amadurecendo. por vezes quase não se nota alteração, mas passo a passo as formas começaram a ser polidas.





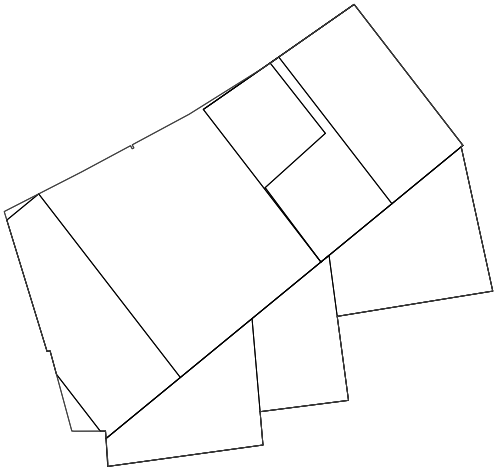


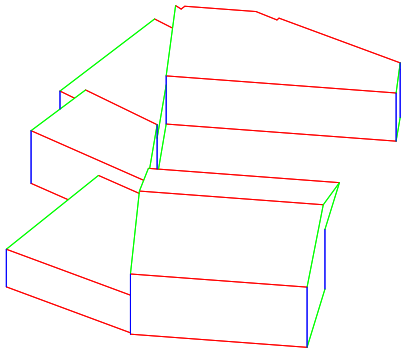


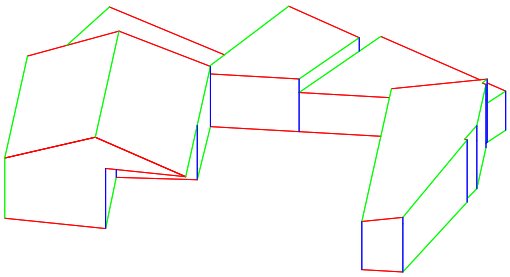
solução d

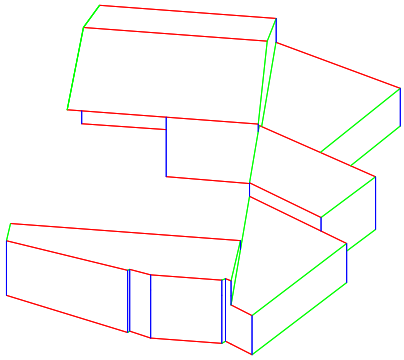
1/400

Pequenas decisões começam a surgir ainda com muita timidez a um nível muito experimental. Percebeu-se que talvez os volumes não precisassem realmente de estar tangentes ao limite do terreno, mas que em certo momentos podia ser criada essa tensão.





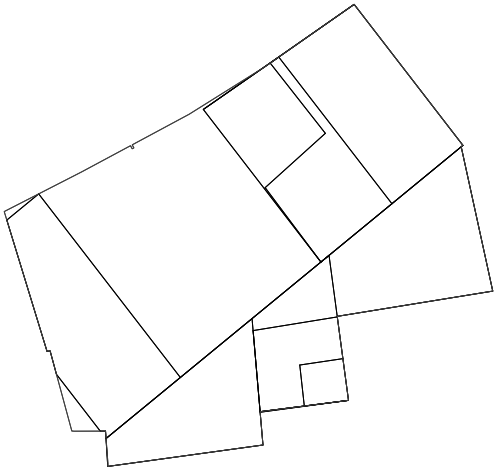


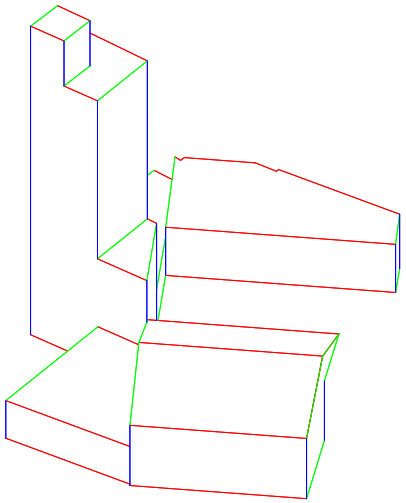


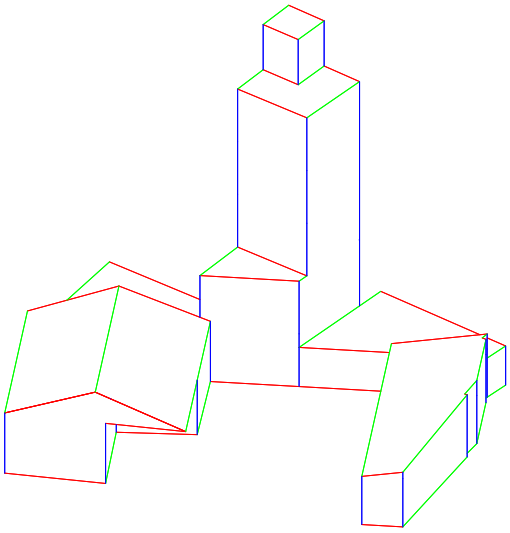
solução e

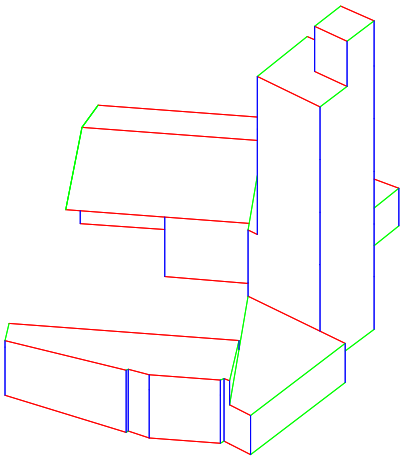
1/400

Foi sempre importante começar realmente a casa pela cobertura e perceber se as diferentes tipologias podem coexistir no mesmo projeto ou se de algum modo criam tensões e problemas que não são pretendidos.





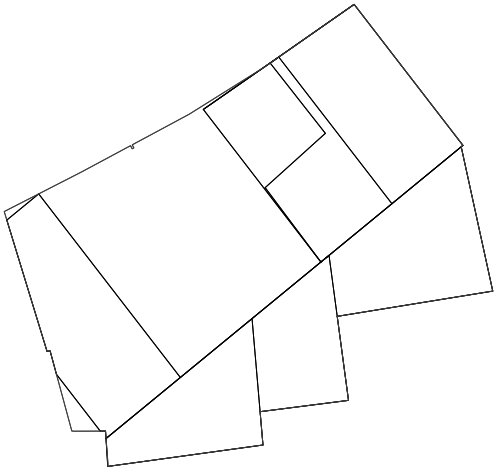


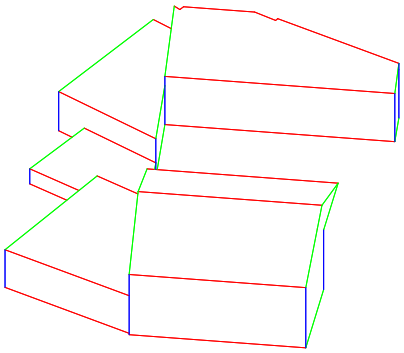


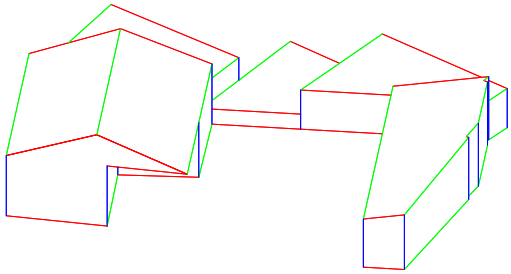
solução f

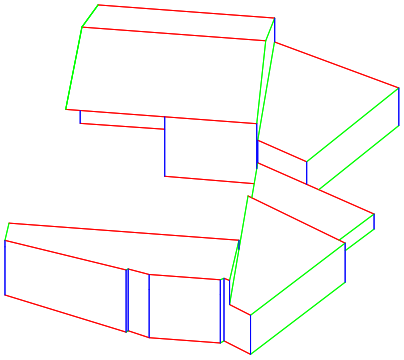
1/400

Noutros casos tentou-se levar a ideia um pouco mais ao limite. Pois as vezes é preciso cair quase no ridículo para voltar-mos a encontrar o caminho certo.





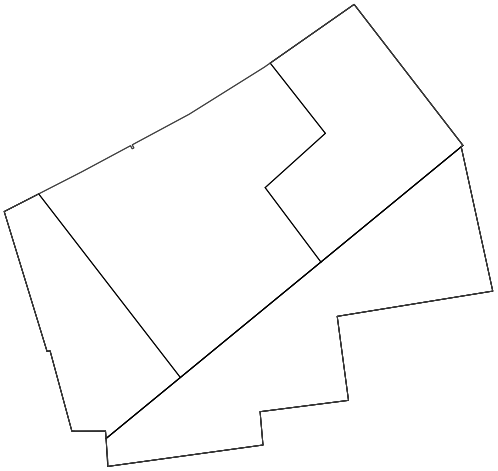


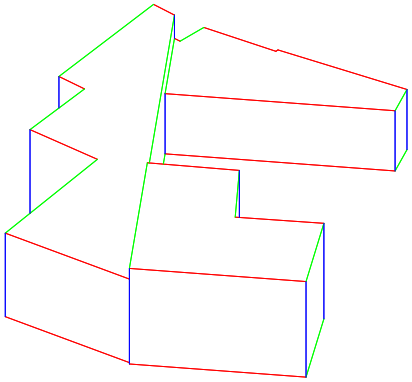


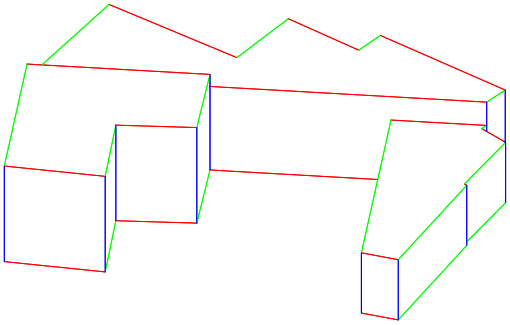
solução g

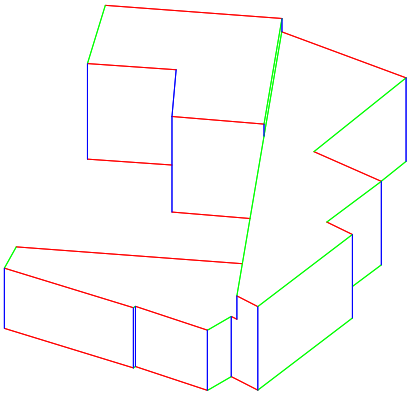
1/400

Ainda sem estar seguro dos volumes, as experiências continuam, até encontrar uma composição que sirva todas as necessidades.





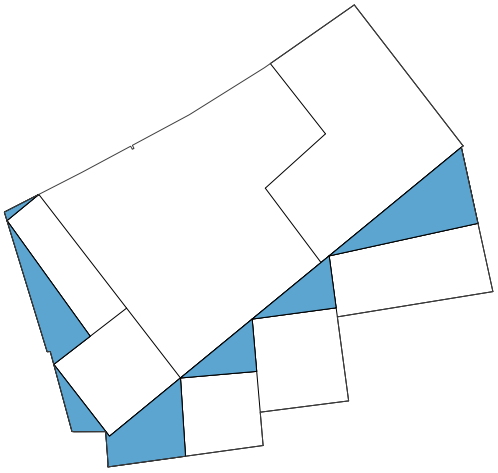


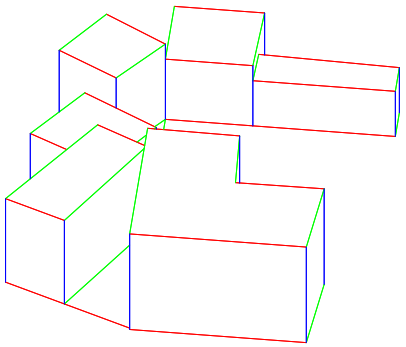


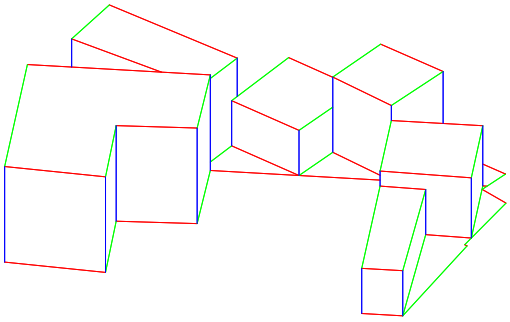
solução h

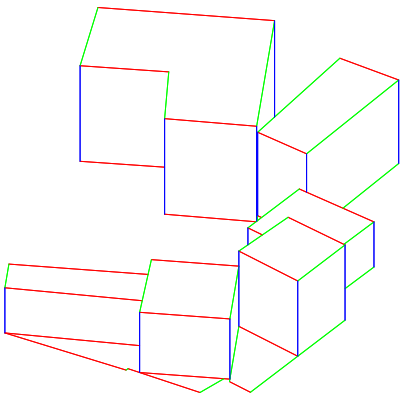
1/400

Já com alguns conceitos presentes e problemas resolvidos. Voltamos novamente a um volume único e uniforme. Desta vez com pés direitos mais acertados e semelhantes da solução final.





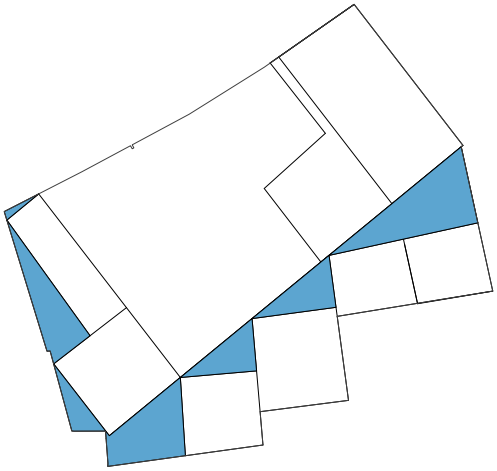


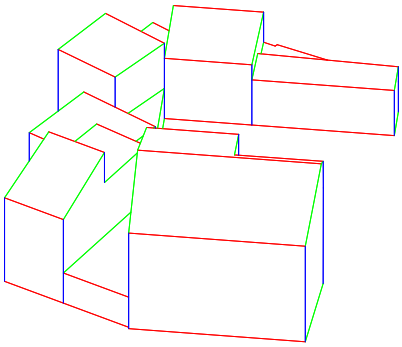


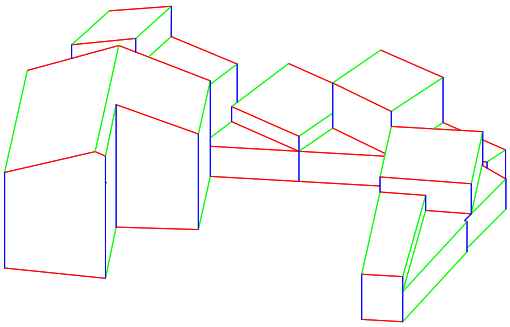
solução i

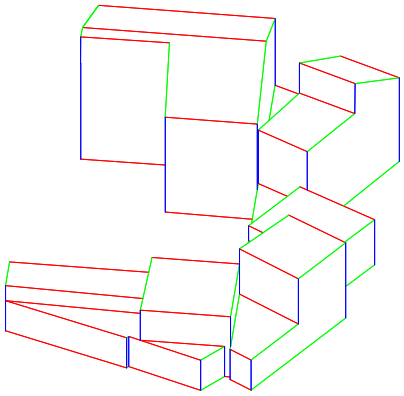
1/400

Esta solução acaba por ser muito interessante, pois todos os pontos que tiveram a ser trabalhados até aqui começam não só a ganhar conformidade entre si, como ao mesmo tempo os espaços resultantes acabam por ganhar outra dimensão e importância.





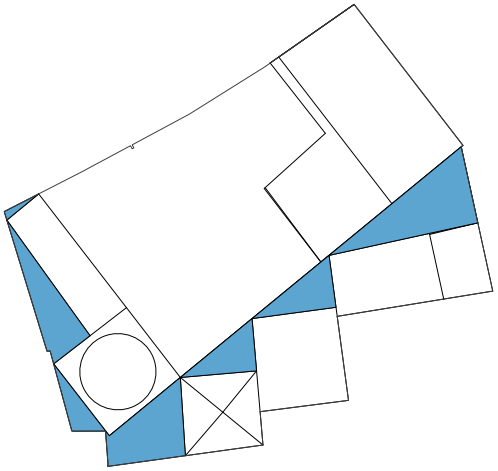


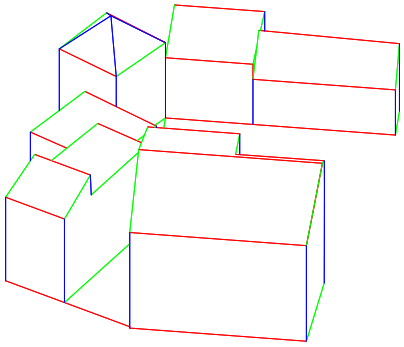


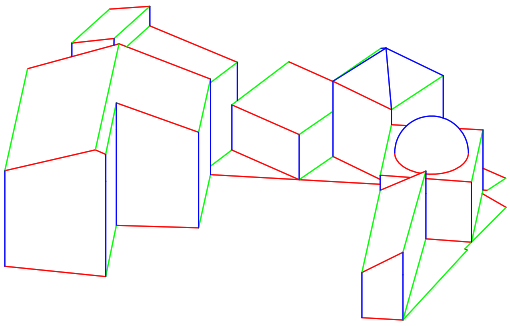
solução j

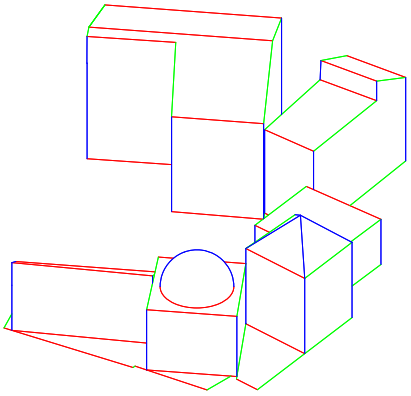
1/400

Mas novas questões nascem, sobre o que realmente seriam esses espaços resultantes e que impacto iriam ter no projeto.
Começam-se também a afirmar as coberturas finais do projeto. Onde de um lado temos uma cobertura de duas águas, que acompanha a morfologia urbana existente e, do outro, uma cobertura plana, que não estabelecesse diálogo direto com a restante envolvente.





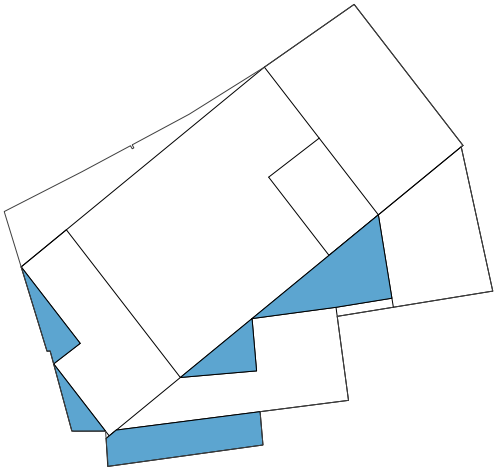


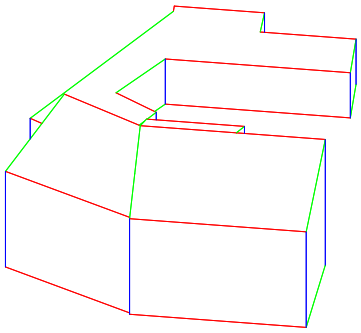


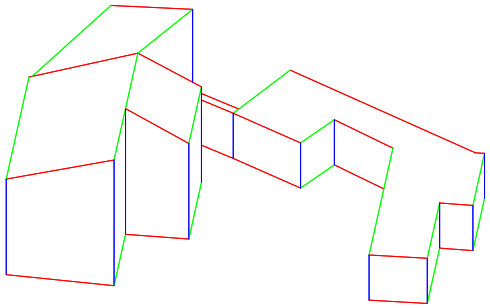
solução k

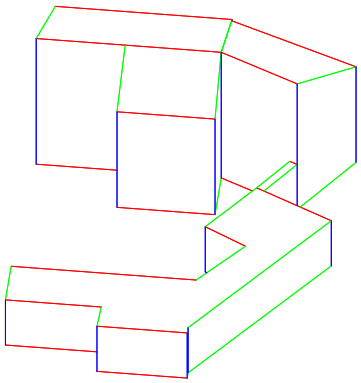
1/400

Numa última fase e para que não ficasse esquecido houve uma necessidade de exprimentar elementos presentes na curadoria que definiam tipologias. Como a cúpula e consequêntemente classificavam a cobertura como uma exceção.





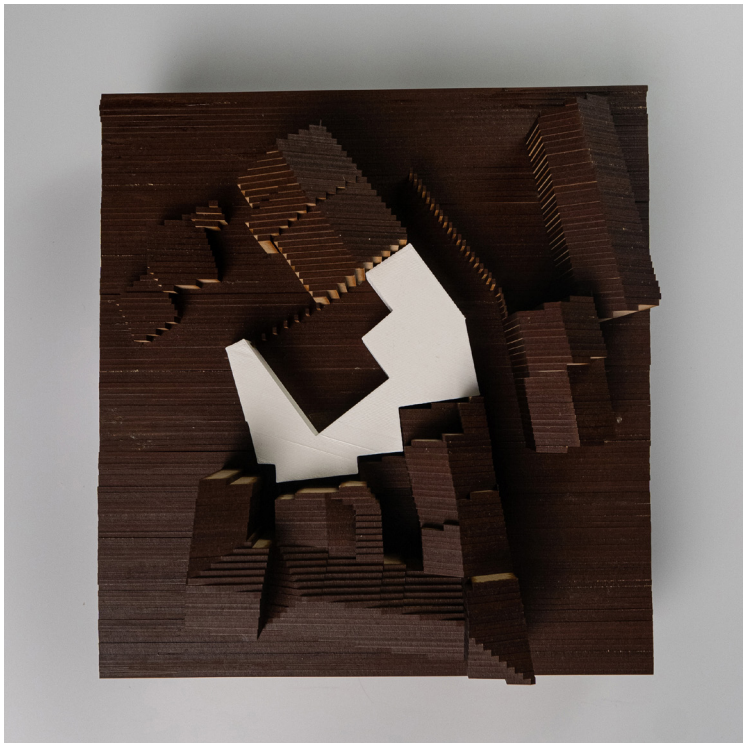




solução I

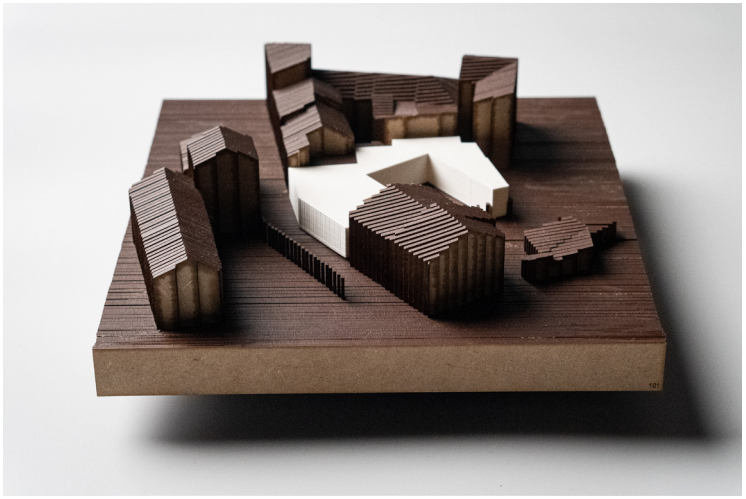
1/400

Chegou-se assima uma solução final. Onde é possivel perceber o esforço não só para controlar o projeto em todos os seus aspetos, de respeitar o programa pedido, mas também por criar uma composição de volumes que criem tensões saudaveis e dignas de crítica.







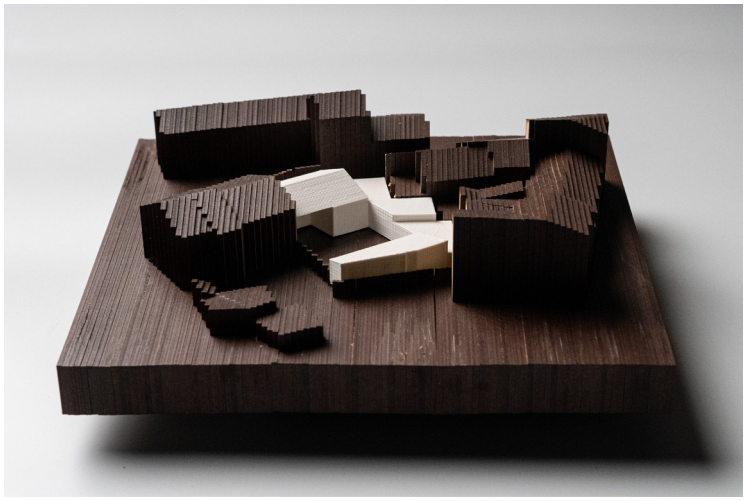


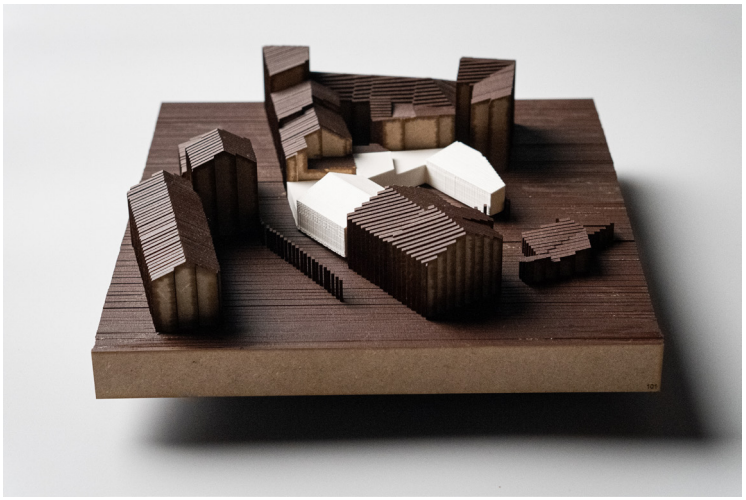
maqueta solução a
1/200

Em conjunto com os desenhos e wireframes desenvolidos, foi também desenvolvido ao mesmo tempo uma maqueta, que permitisse perceber e resolver certas fragilidades do projeto.
Foi mais um mecanismo de conceção de projeto, que foi usado para ter uma visão certeira sobre o que, e onde se está a intervir.
O registo fotográfico da maquete também foi muito importante e tentou-se uma regra para apresentar as diferentes soluções, um pouco semelhante com o que acontecia no Japão nos anos 60, onde a representação e documentação da casa seria mais importante que a casa em si.







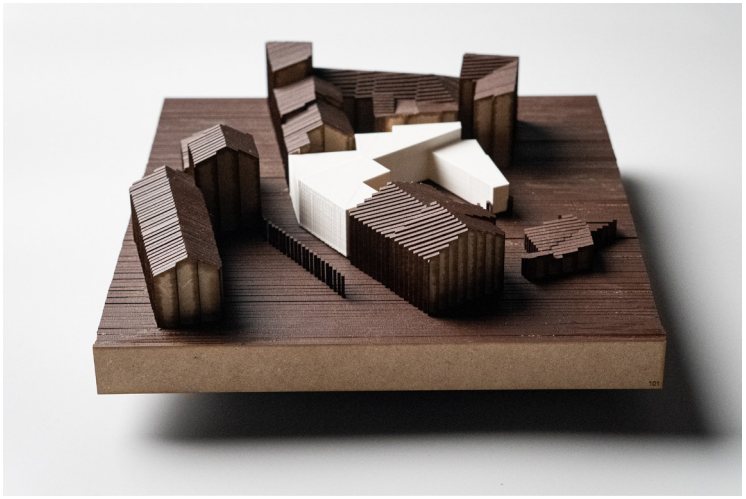


maqueta solução b
1/200







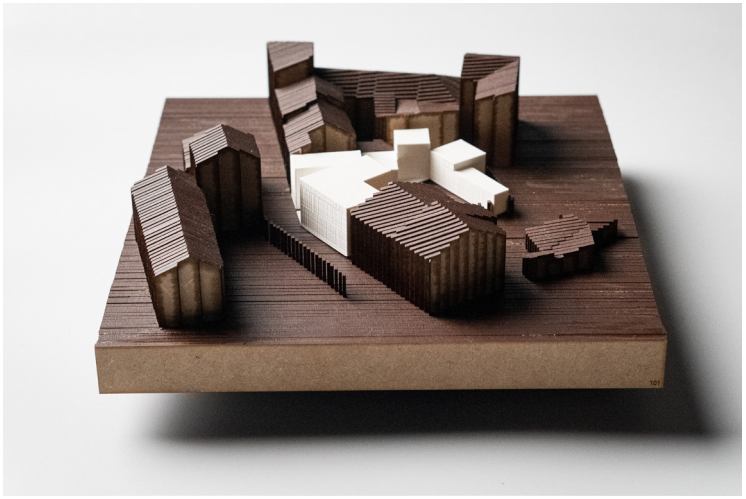


maqueta solução h
1/200







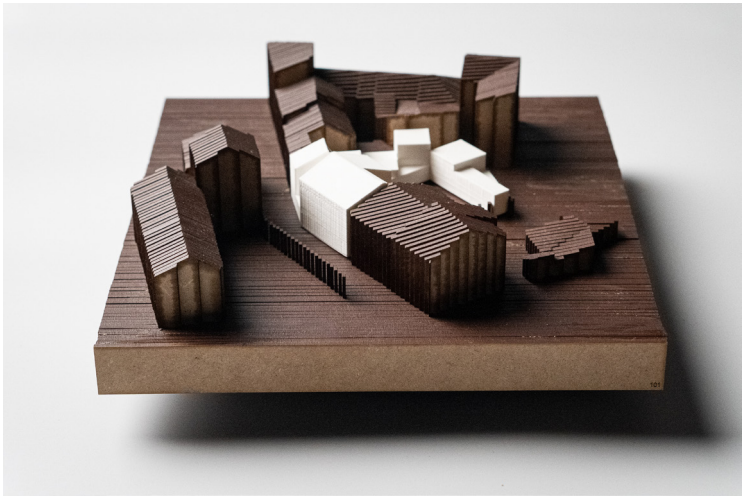


maqueta solução i
1/200







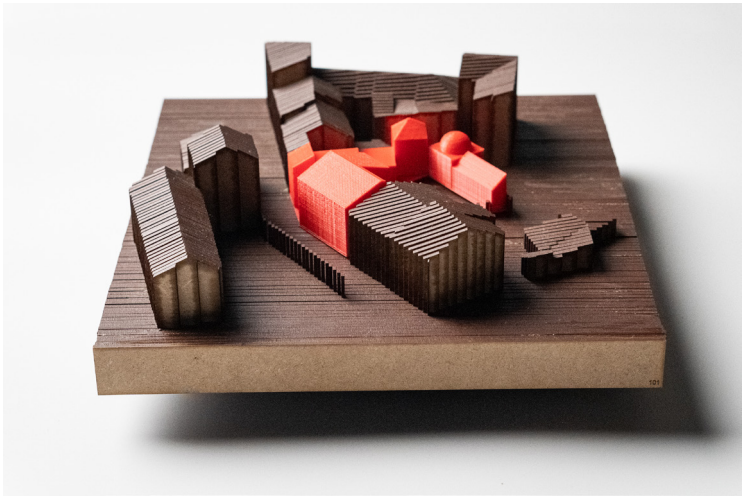


maqueta solução j
1/200





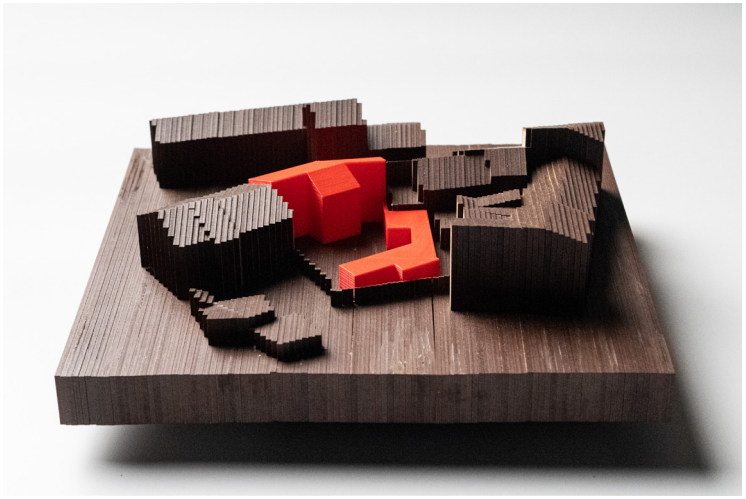


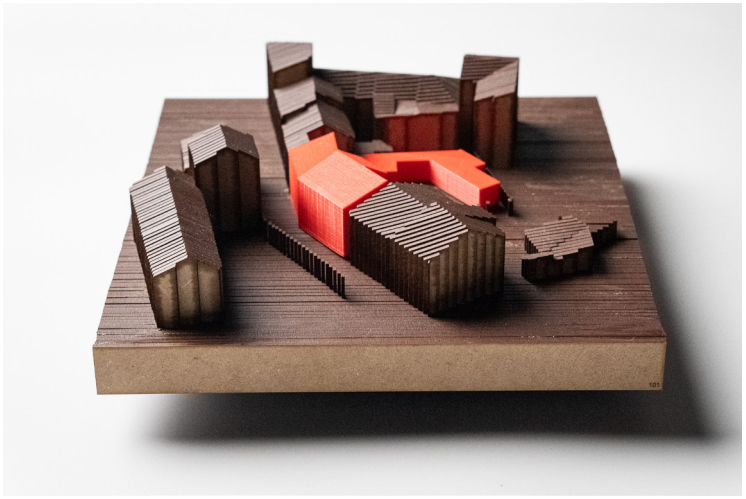


maqueta solução k
1/200



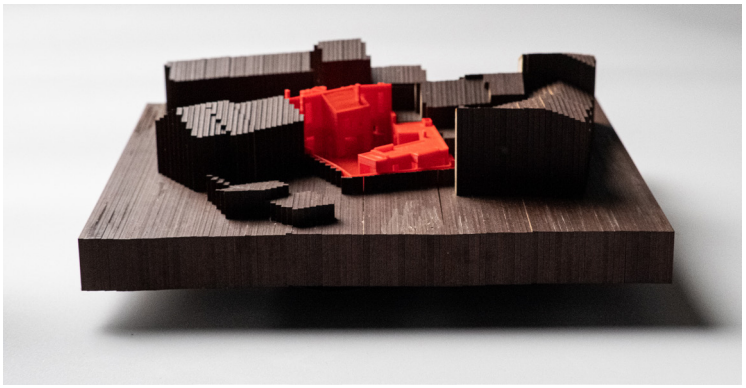


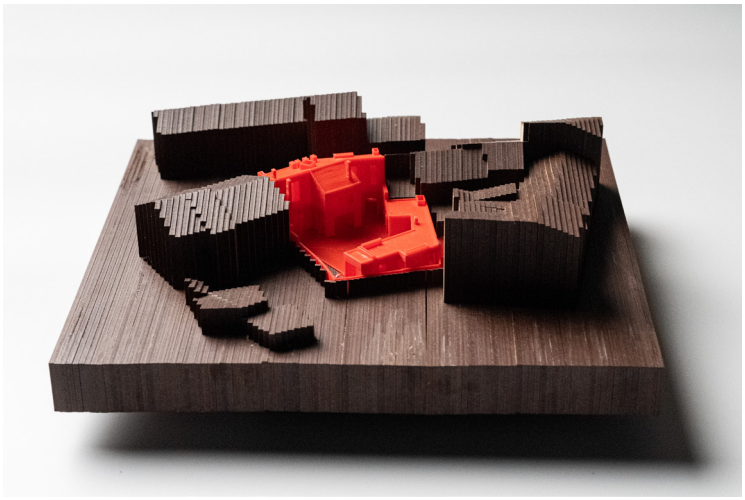


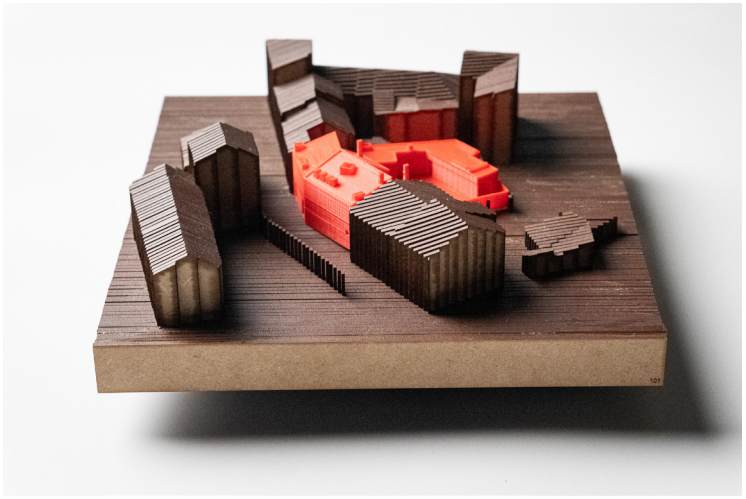


maqueta solução I
1/200

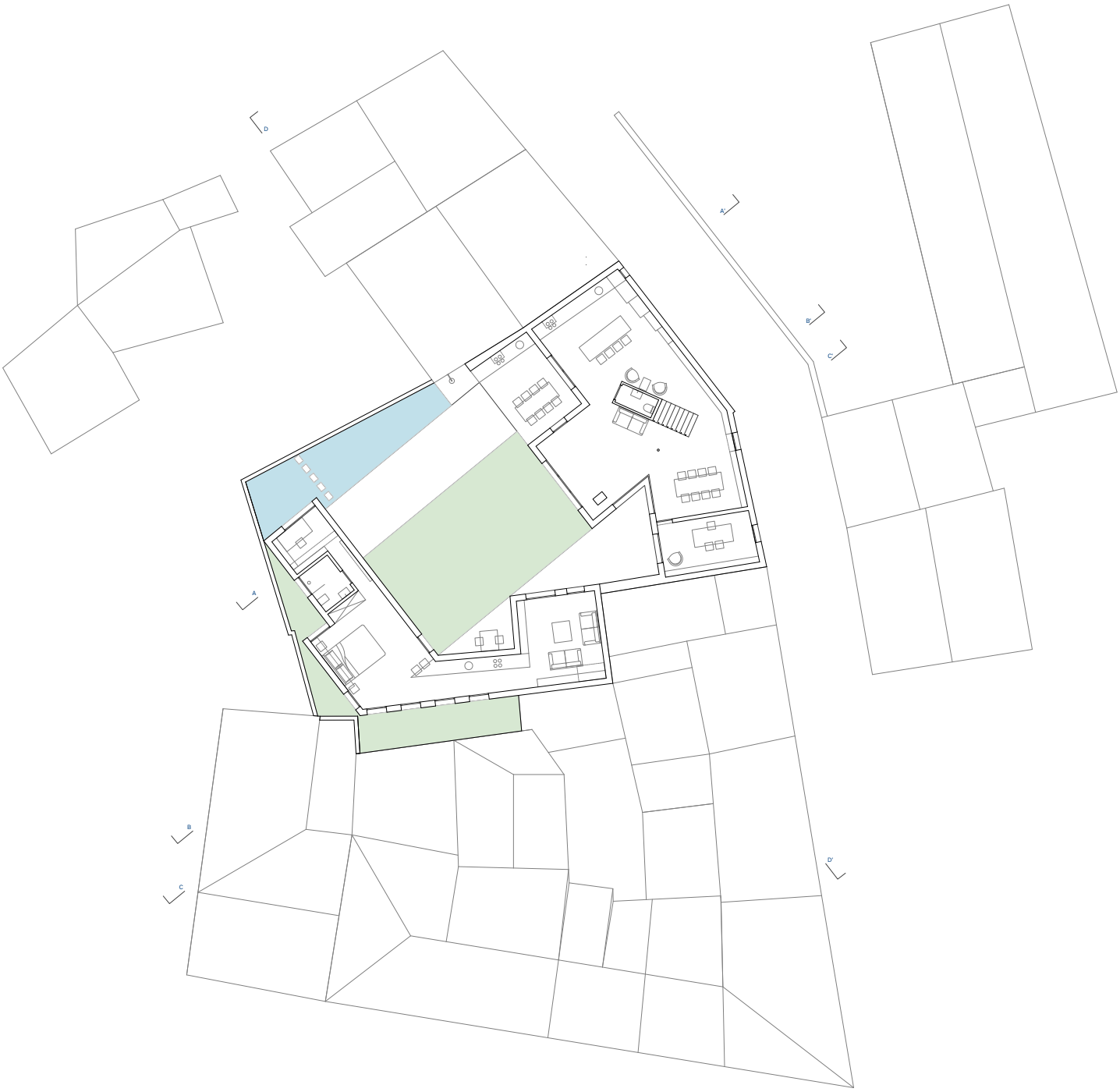








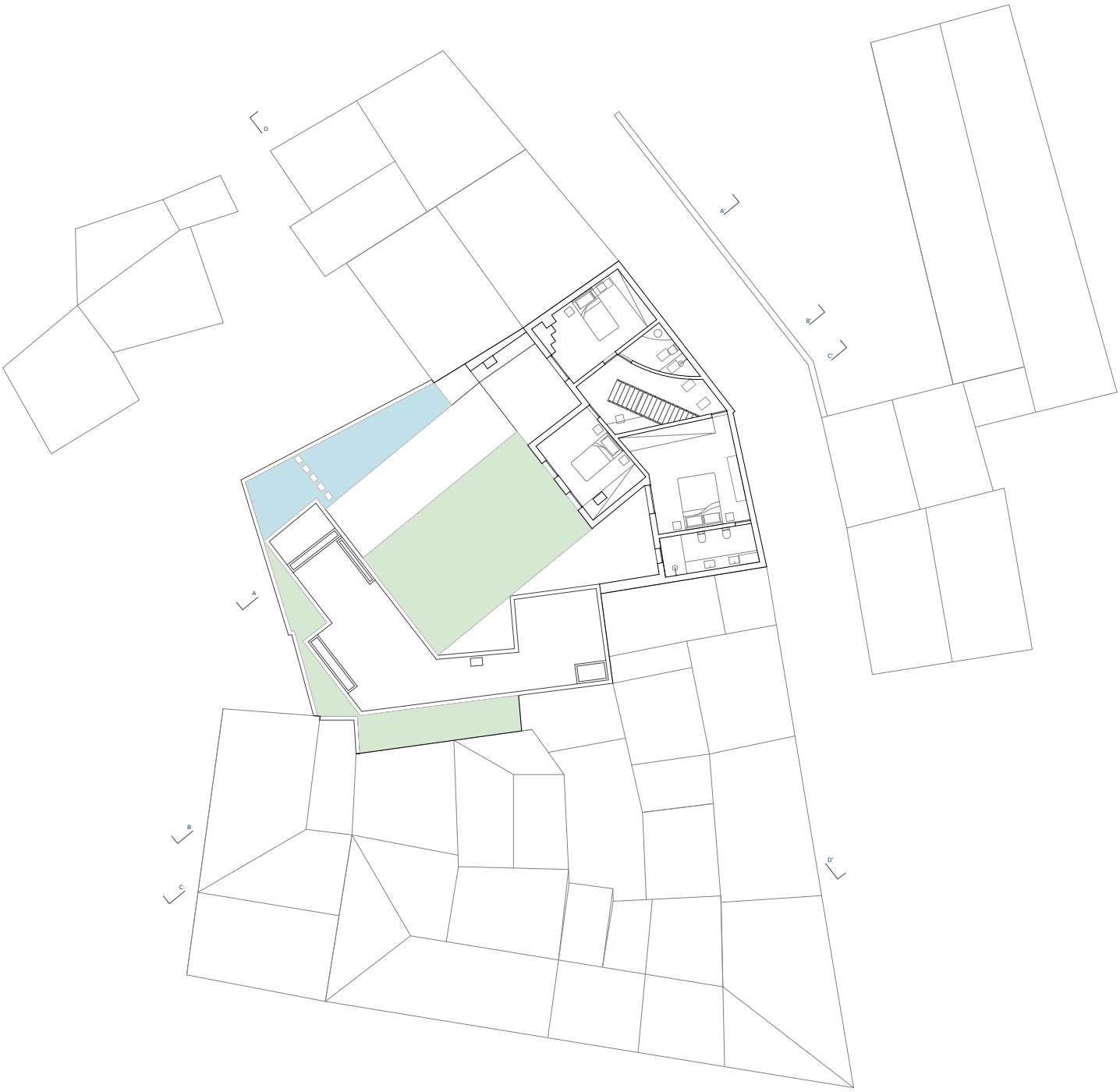
maqueta projeto final
1/200



planta piso 0

1/200

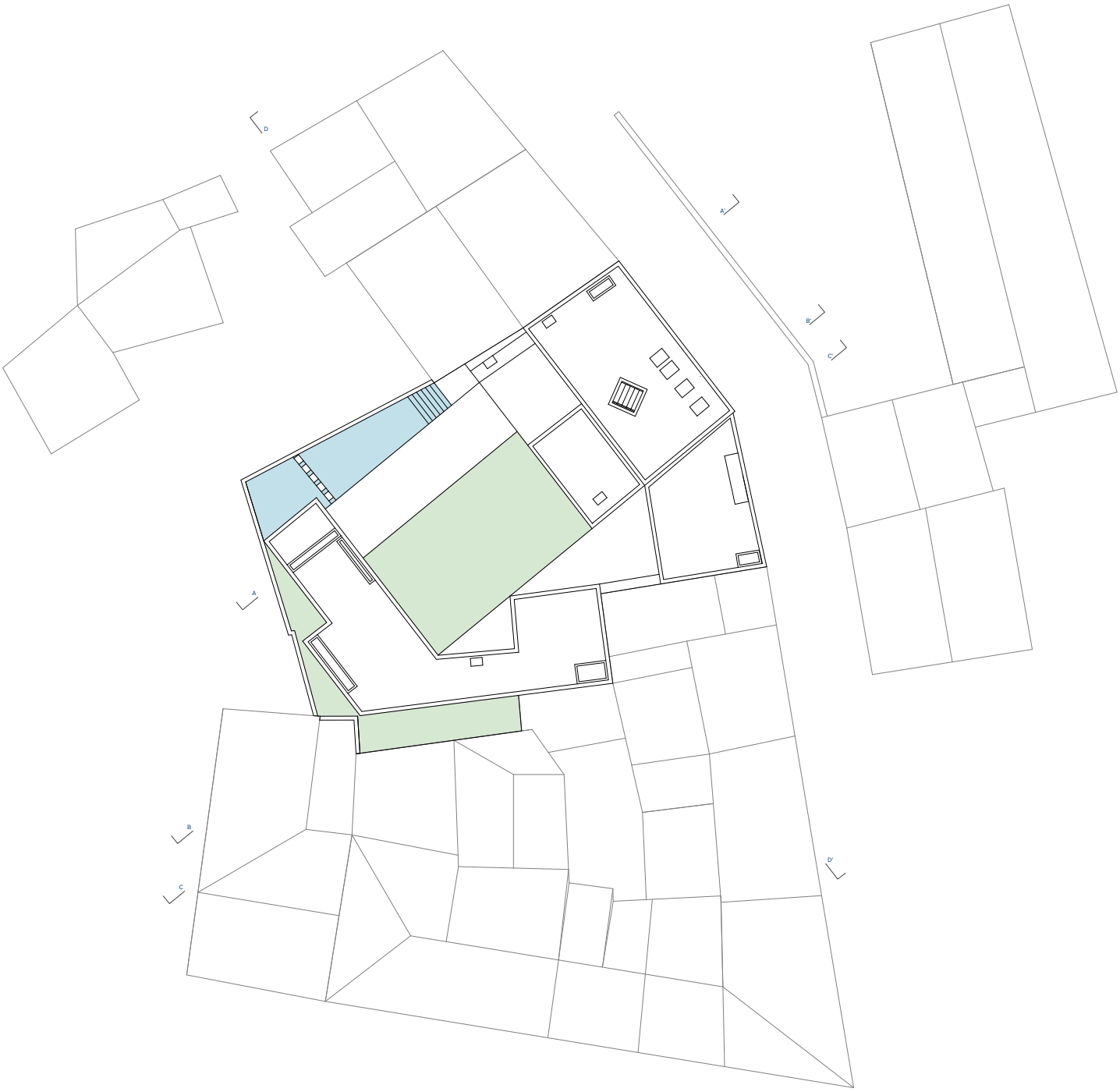
A nível programático, tentou-se também solucionar o projeto com a resposta que se achou mais adequada. Tendo em conta a flexibilidade em termos espaciais, procurou-se espaços amplos, onde as transições fossem quase impercetiveis. Entramos assim para um pequeno hall, onde é possivel observar quase toda a casa. Em primeiro plano o volume das escadas, ligeiramente inclinado pois é a exceção e porque acaba por deixar a sala de estar mais ampla. À direita temos um móvel que nos guia até a cozinha, passando por uma pequena zona de leitura. À esquerda ficamos com a sala de jantar e escritório.
A nível exterior há três grandes momentos, os pátios que rodeiam o edificado, o pátio central que acaba por definir e controlar o projeto e por último a piscina que acaba por rematar a construção e o limite do terreno.



planta piso 1

1/200

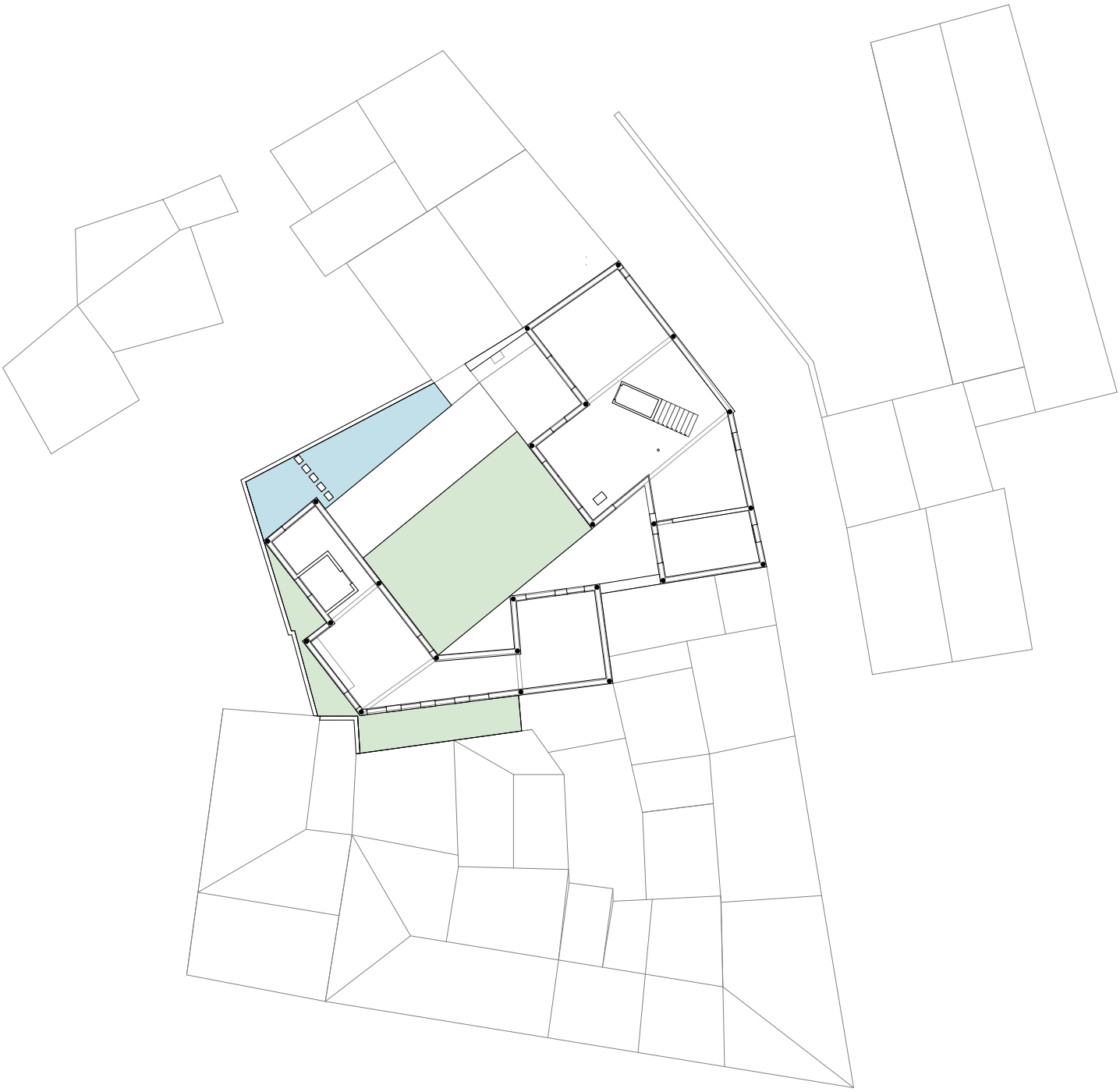
No piso superior, fica a parte do programa mais intíma. Assim que subimos as escadas, em frente e à esquerda ficamos com dois quartos que são servidos por uma I.S. com uma parede curva.
Procurou-se que todos os quartos tivessem luz natural, especialmente em dois momentos do dia. Uma luz de nascente que desce pelas trapeiras e clarabóias.
Já do outro lado, pretendeu-se que ao final do dia, tivesse uma luz também muito presente para quando se chegasse a casa ainda usufruir do espaço com qualidade.



planta de cobertura

1/200

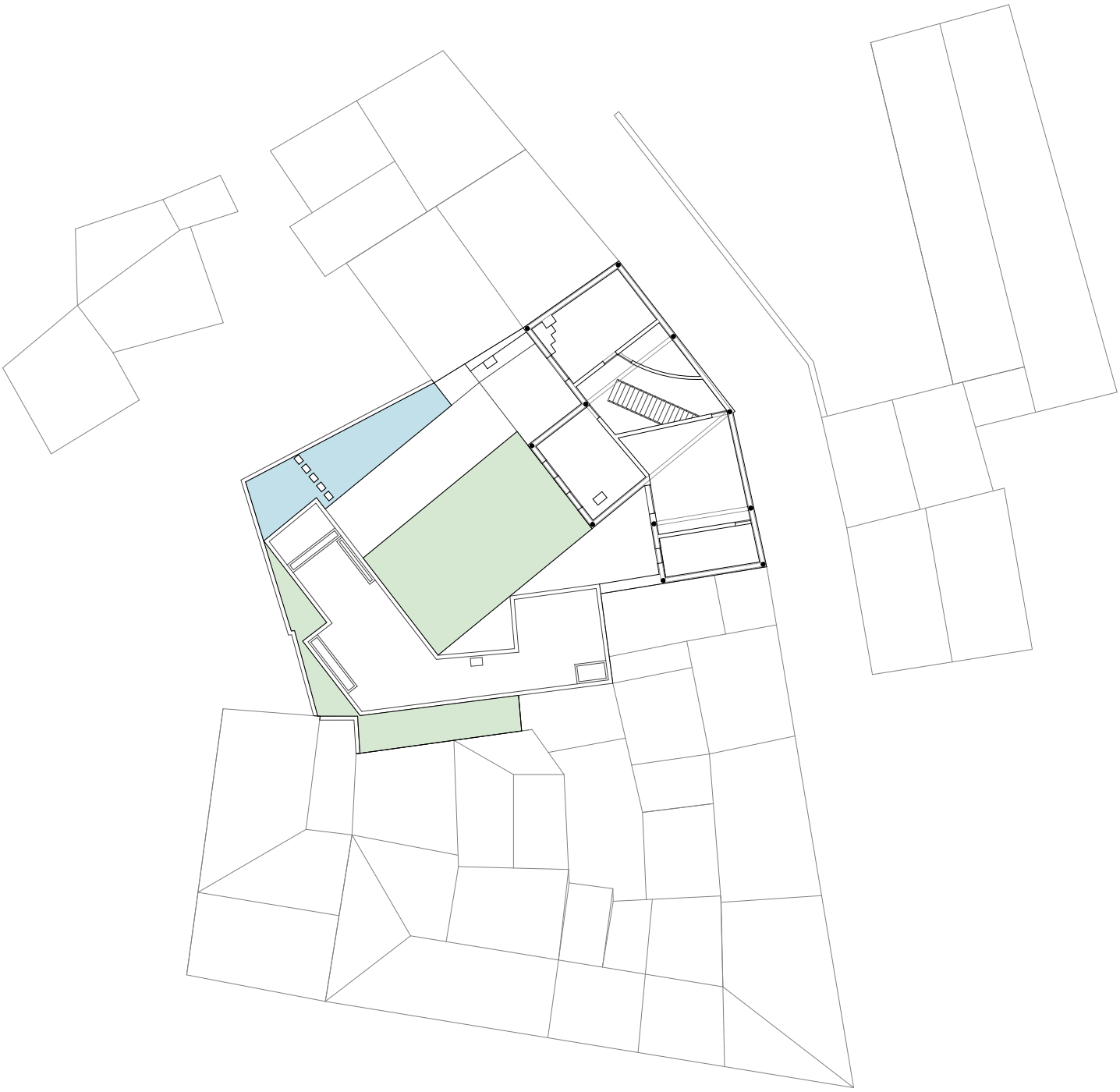
Na planta de cobertura, tentou-se procurar uma solução interessante e equilibrada, para estes volumes dispostos pela cobertura. A sua posição é estratégica relativamente ao uso que vamos ter no andar de baixo. Por exemplo, junto à rua, aqueles cinco volumes, captam uma luz directa de nascente. Já aqueles que estão nos cantos ou no centro, servem serviços com uma hierarquia diferente, escadas, I.S..



planta estruturas piso 0

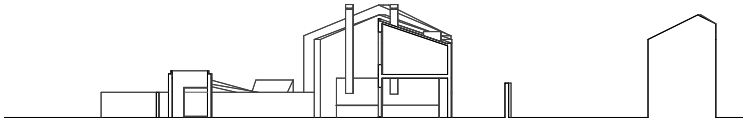
1/200

A nível estrutural, a casa obedece a uma regra muito simples e a pliares estruturais de betão. A lage do primeiro piso acaba por ser também em betão. Todo o resto da construção é elaborada com parede de alvenaria e os respectivos isolamentos.

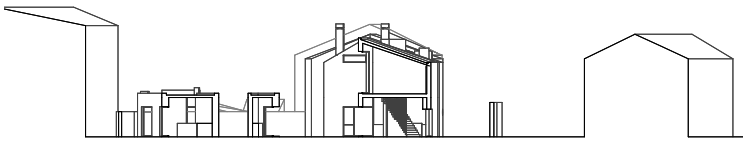


planta estruturas piso 1

1/200









cortes
1/500

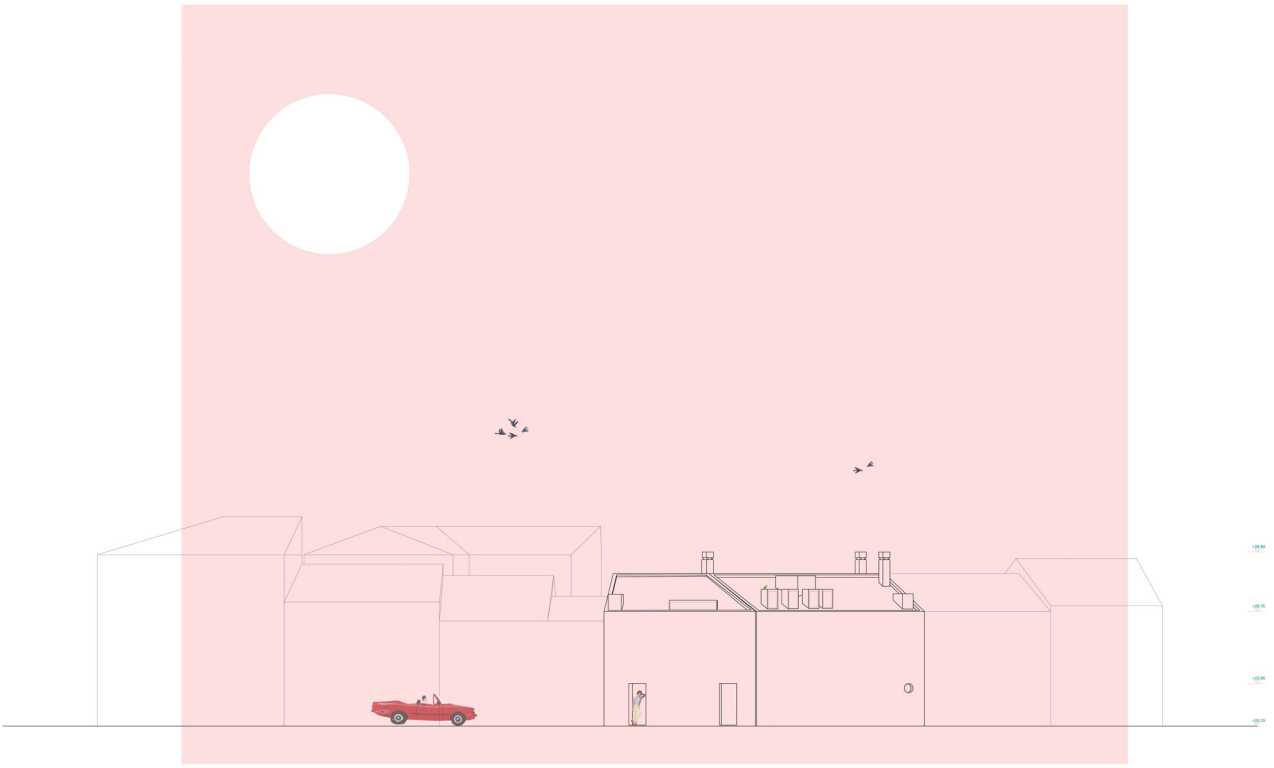
corte AA'

corte BB'

corte CC'

corte DD'

Com os cortes pretendeu-se ter uma visão mais acertada do projeto.
Assim podemos perceber as diferentes alturas formadas pela cobertura de duas águas e os espaços que dela resultam.
Pode também perceber-se o tipo de relação que existe entre os elementos que estão na cobertura e o resto da envolvente.



alçado nascente
1/500

Com a tomada de decisão de não querer comunicar diretamente com a envolvente, a abertura de fenestrações adquire um carácter mais cuidadoso. Uma vez tendo o problema de luz natural nos quartos resolvido e que no piso de baixo toda esta parede é um grande móvel, apenas com uma abertura muito cirurgica, na zona da cozinha, para haver uma luz natural quando se prepara o pequeno almoço.

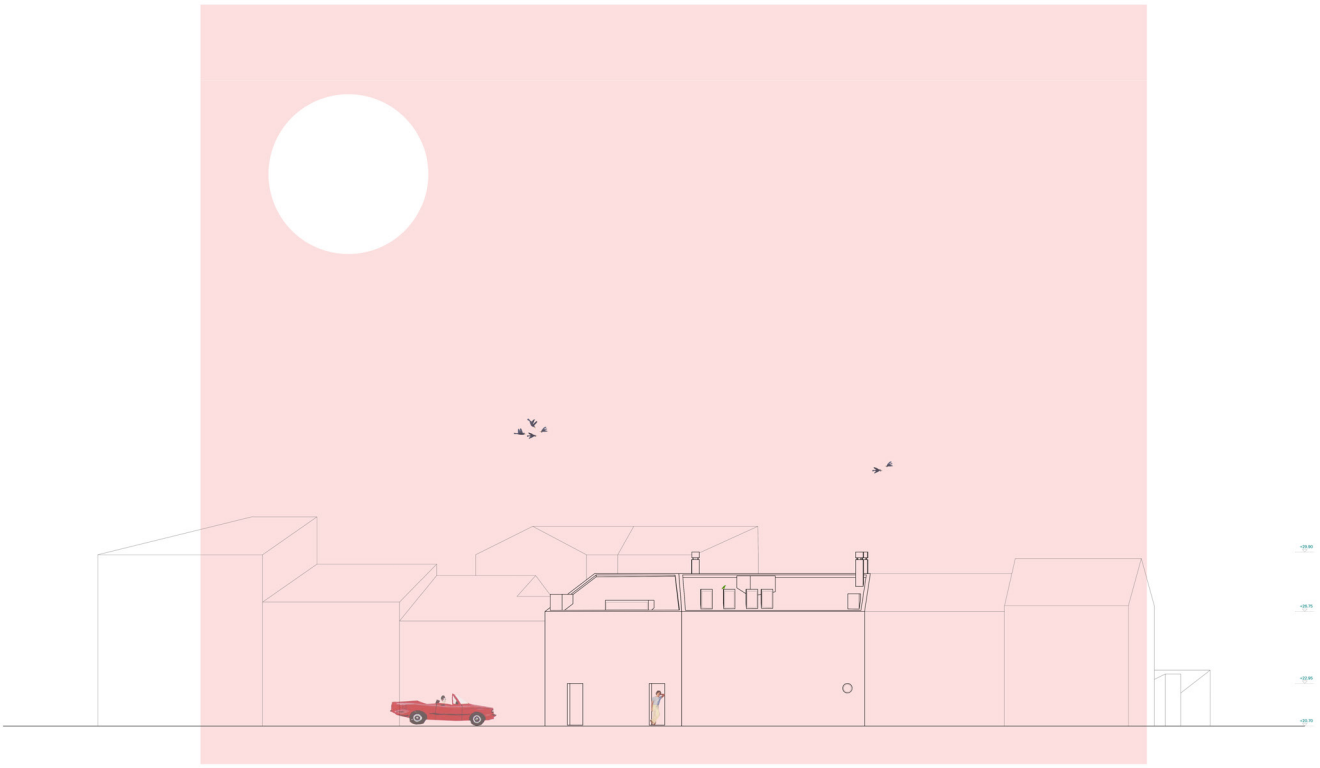
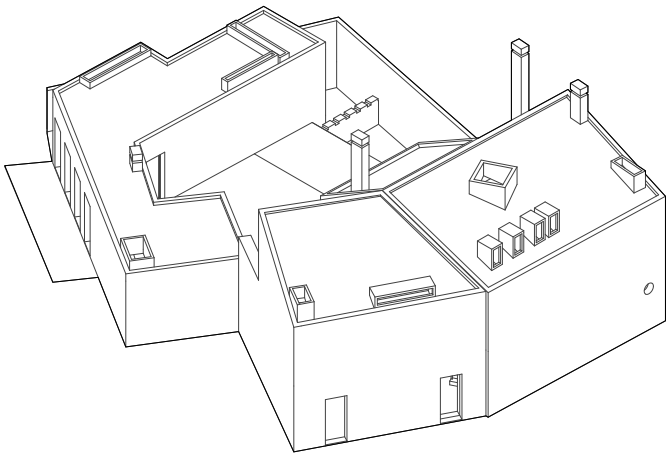
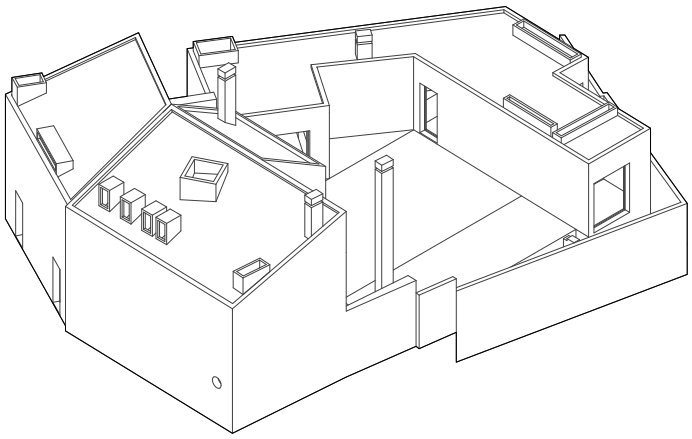


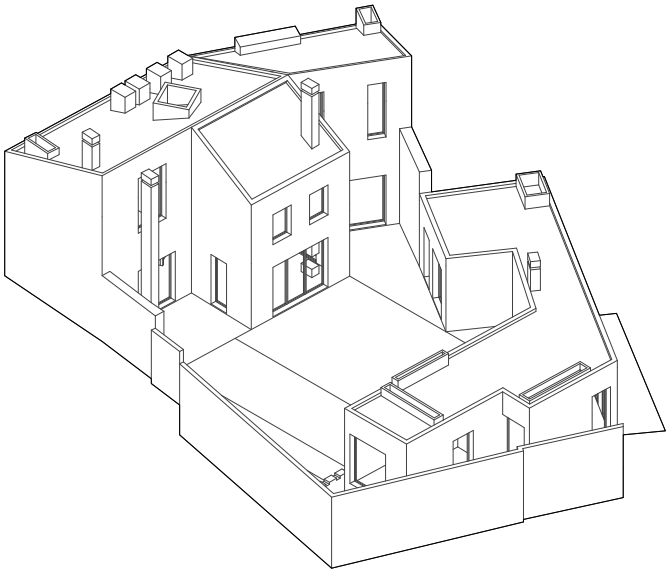
imagem interior I

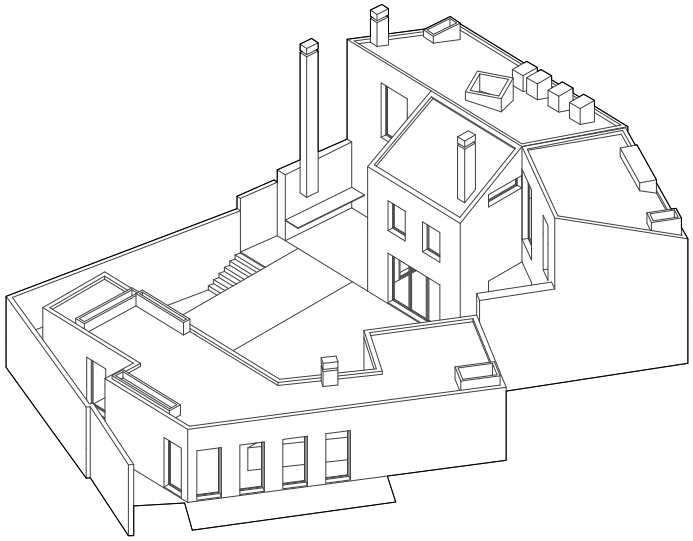
Devido ao facto da rua sofrer uma pequena flexão, o alçado teve de ser rebatido e assim conseguir mostrar a sua verdadeira grandeza.



Com este conjunto de axonometrias, pertende-se isolar o objeto arquitetónico para que possa ser analisado de uma forma individual, como realmente se de uma obra de arte se tratasse.



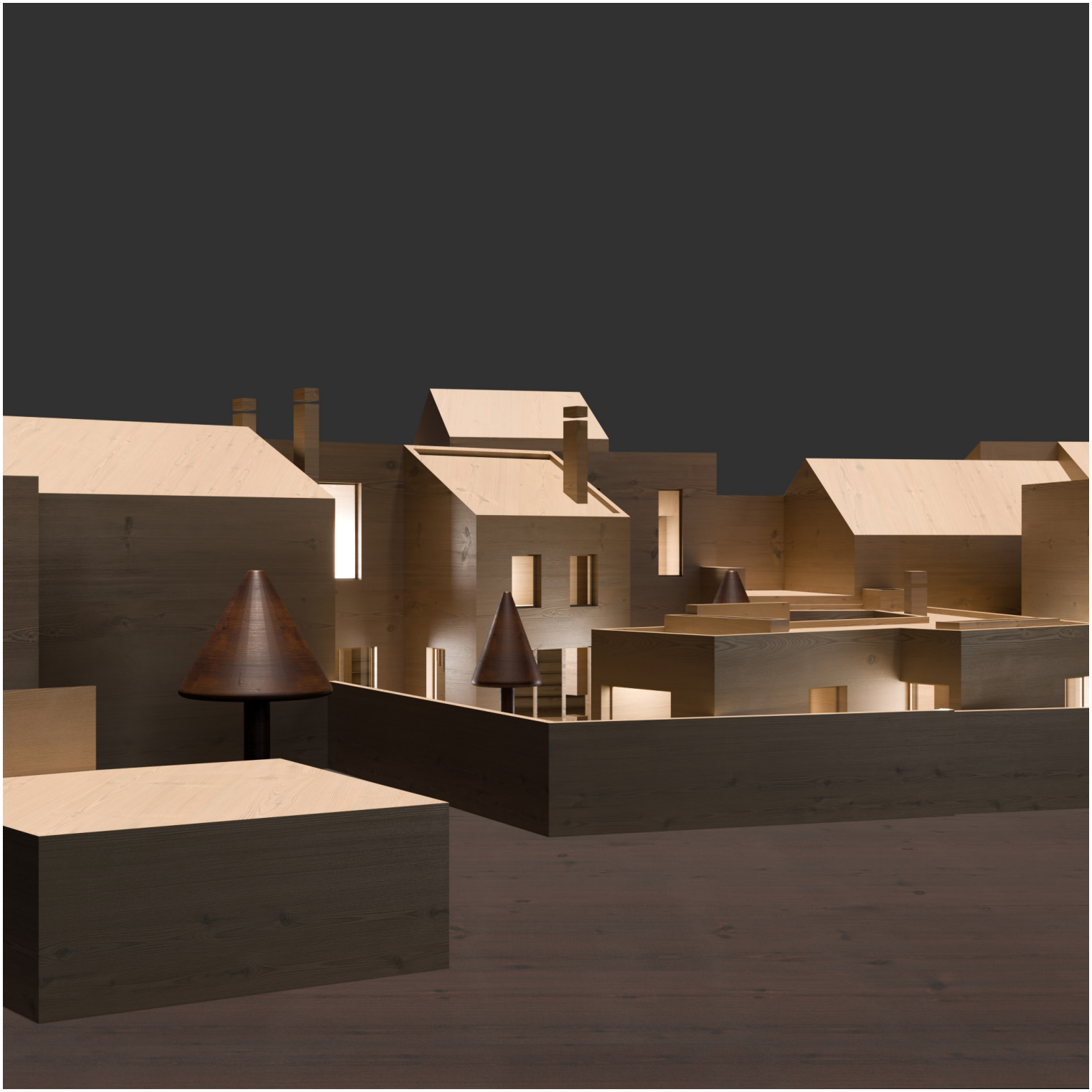






renderização exterior I

Com esta representação pretendeu-se duas coisas muito importantes. Era importante que as imagens fossem similares a uma maqueta. Não só pelo aspeto gráfico, mas também pelo facto de haver apenas uma textura acaba por fazer com que a análise seja mais objetiva e que divague menos em pormenores, que nem nós na qualidade de arquitetos sabemos como vão ser resolvidos ou até mesmo usados pelo cliente.



renderização exterior II



renderização exterior III



renderização exterior IV

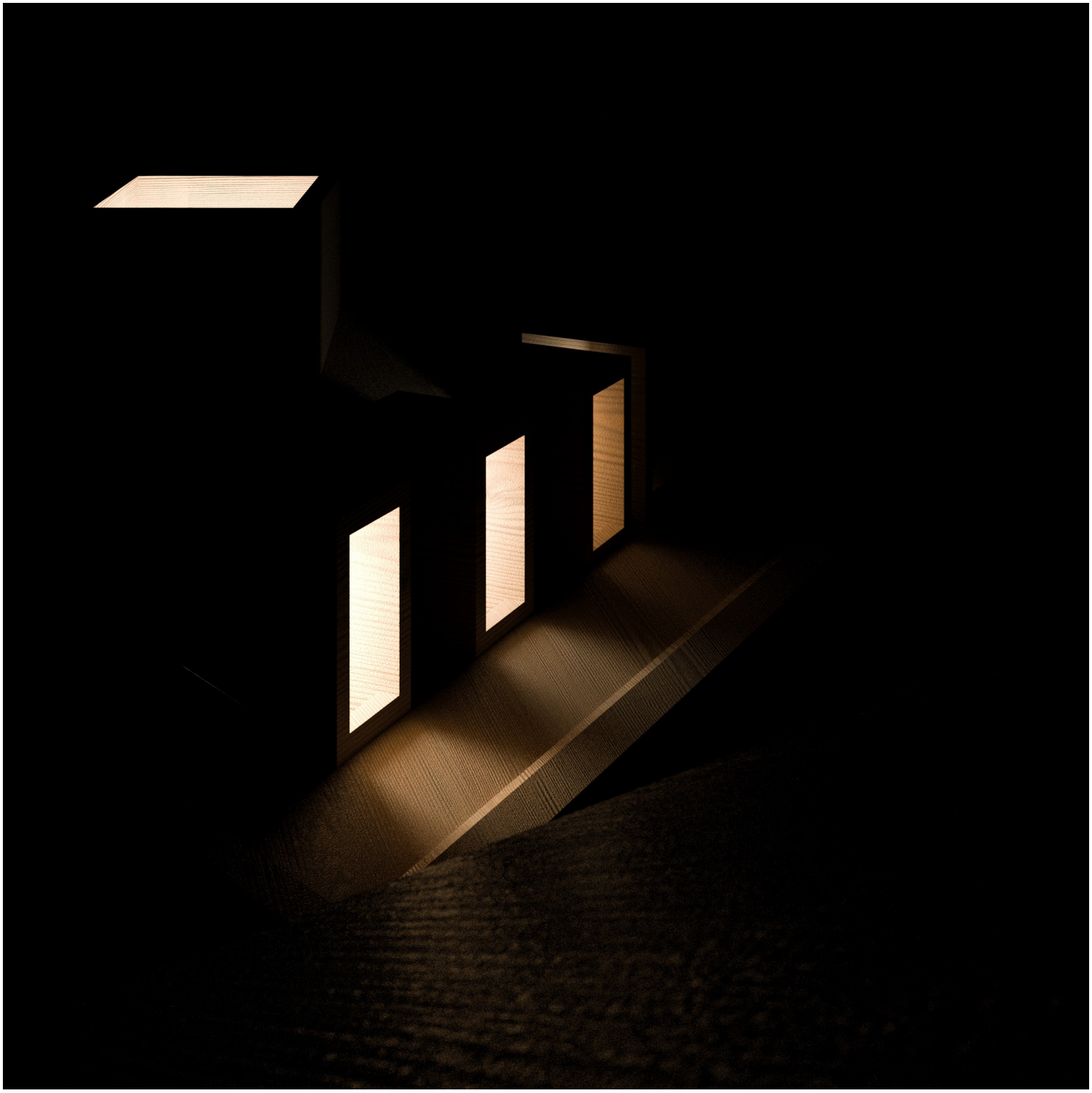


renderização exterior V





renderização interior II

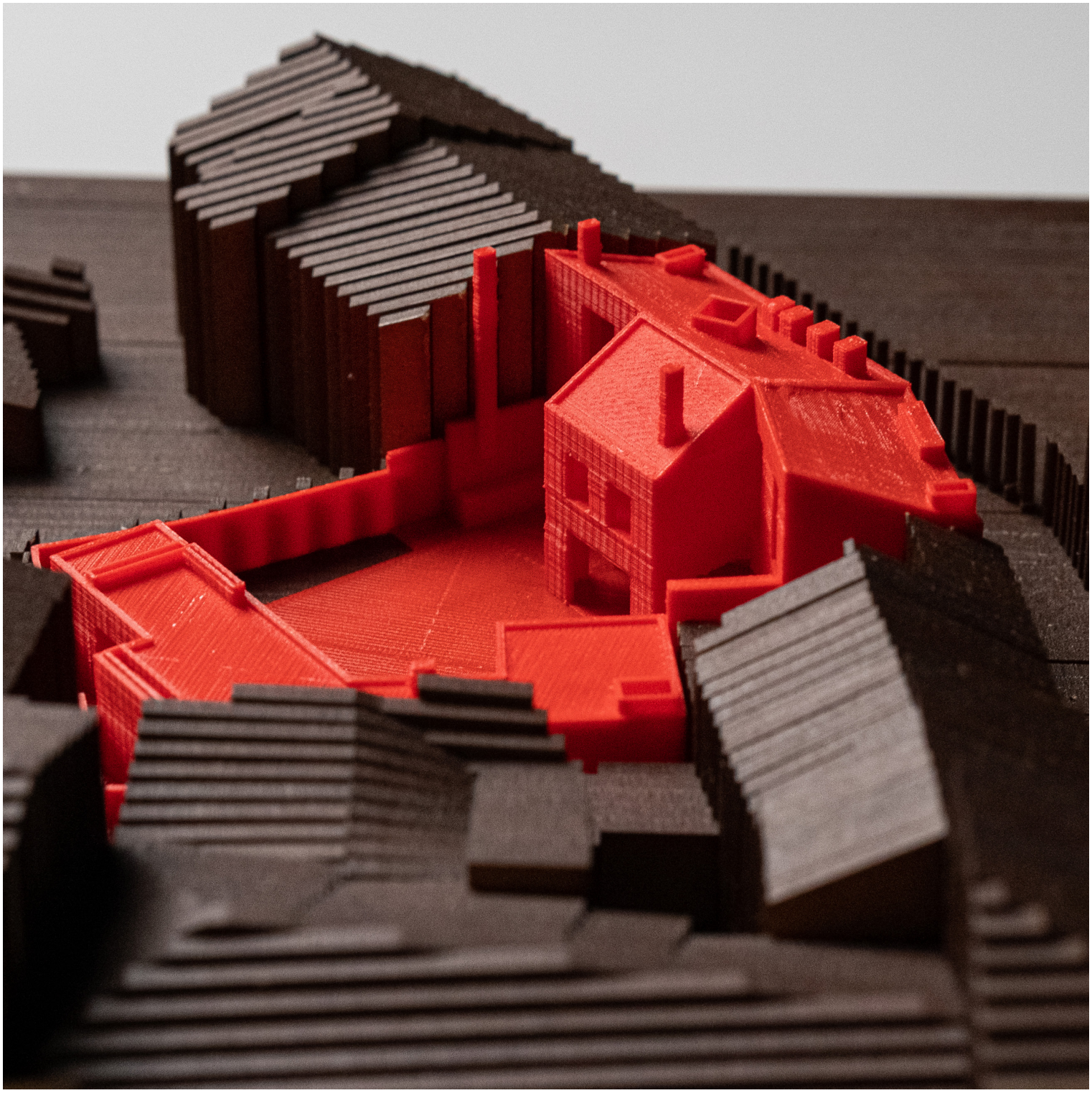


renderização cobertura

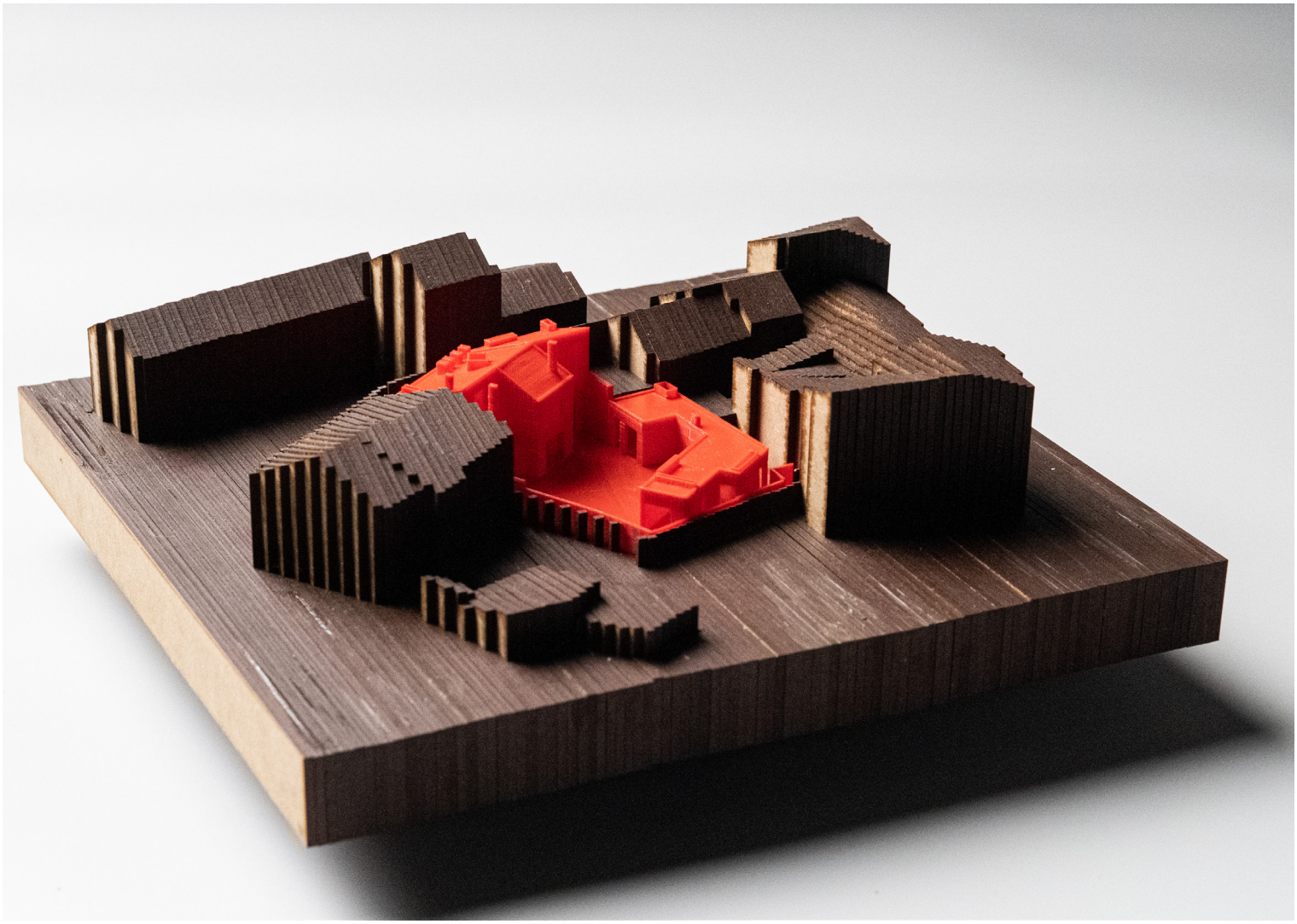


registo fotográfico maqueta

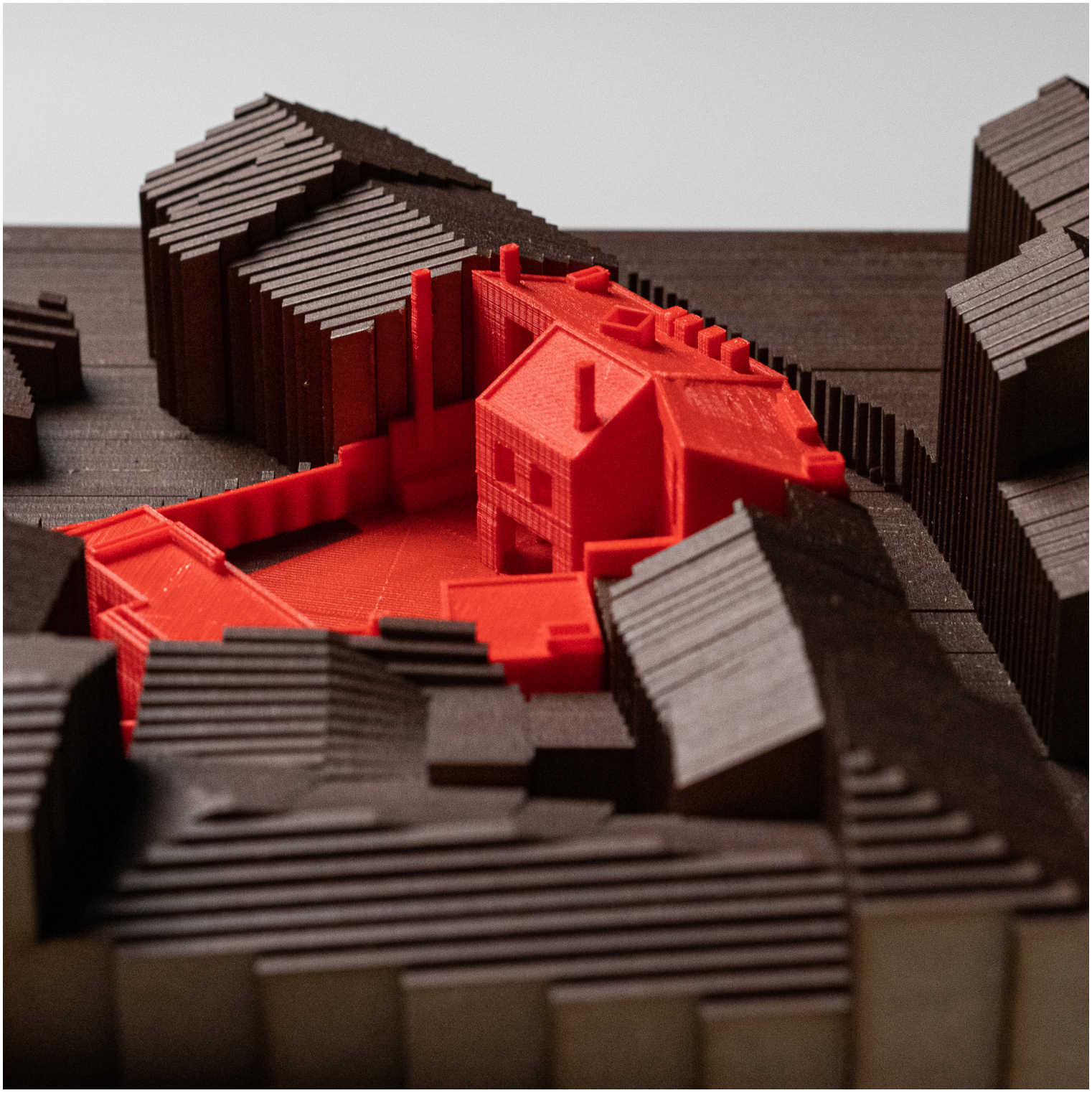
Com esta registo tentou-se registar pormenores que ainda possam suscitar dúvidas no projeto e assim ter-se uma noção mais acertada e real da intervenção.



registo fotográfico maqueta

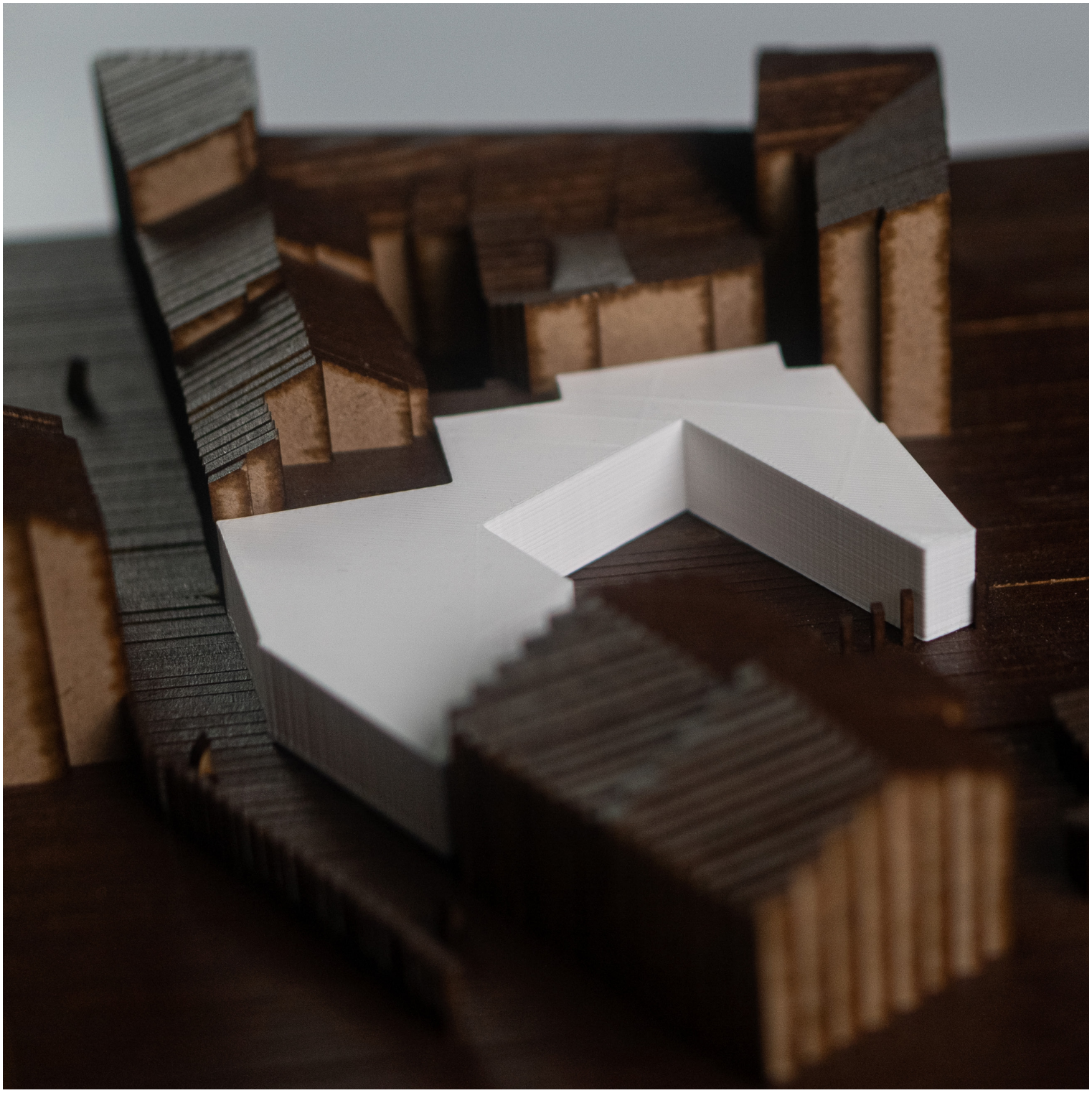


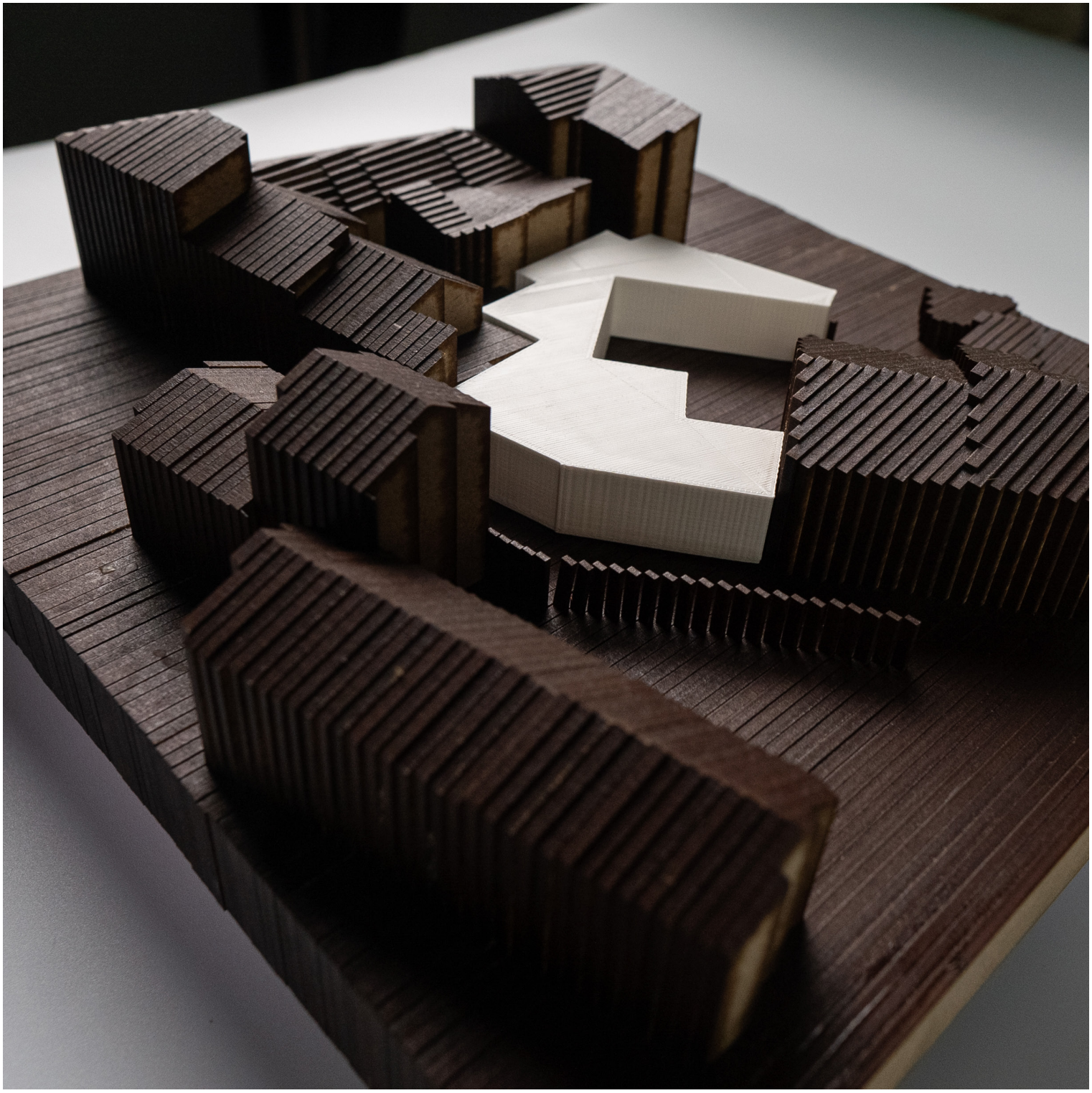
registo fotográfico maqueta

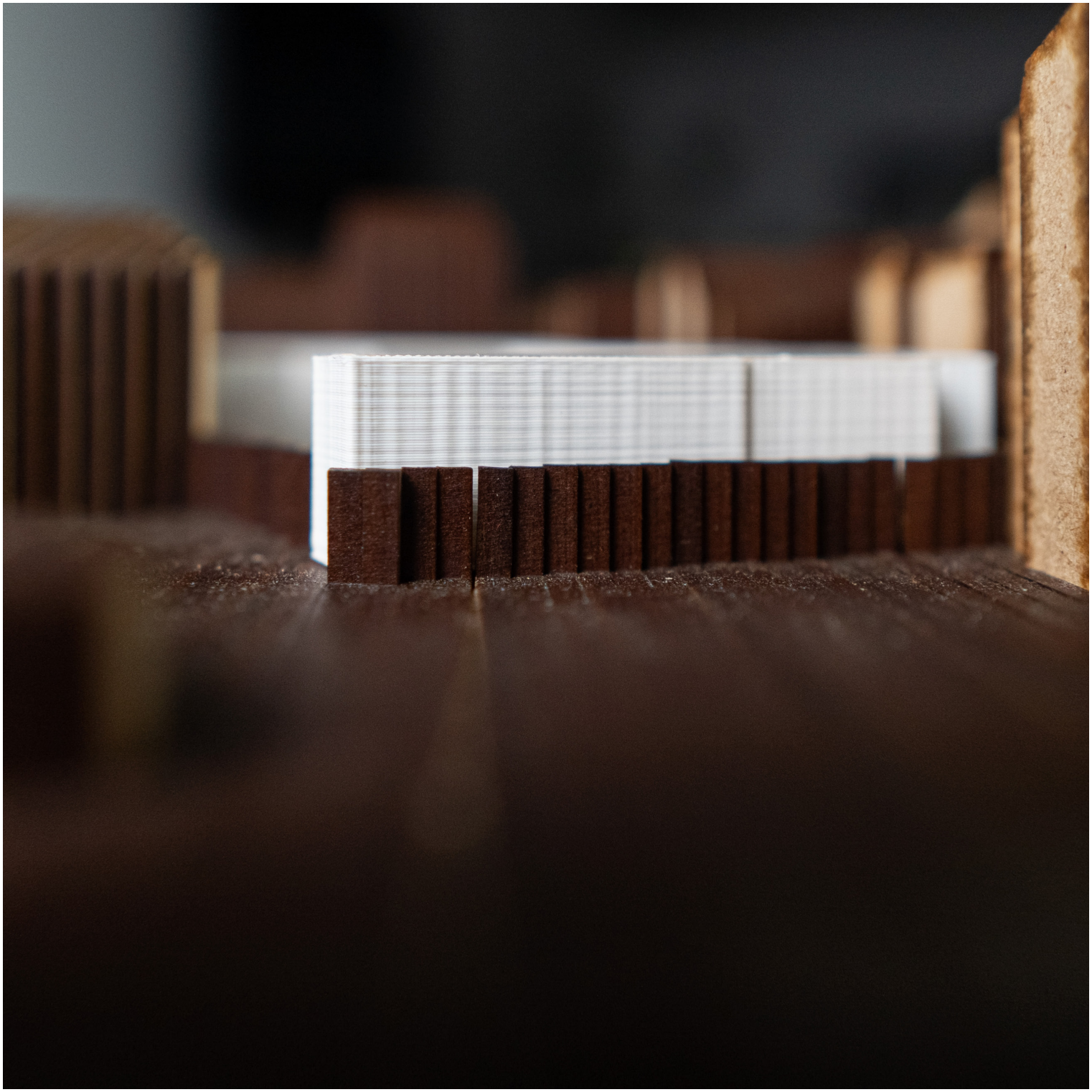


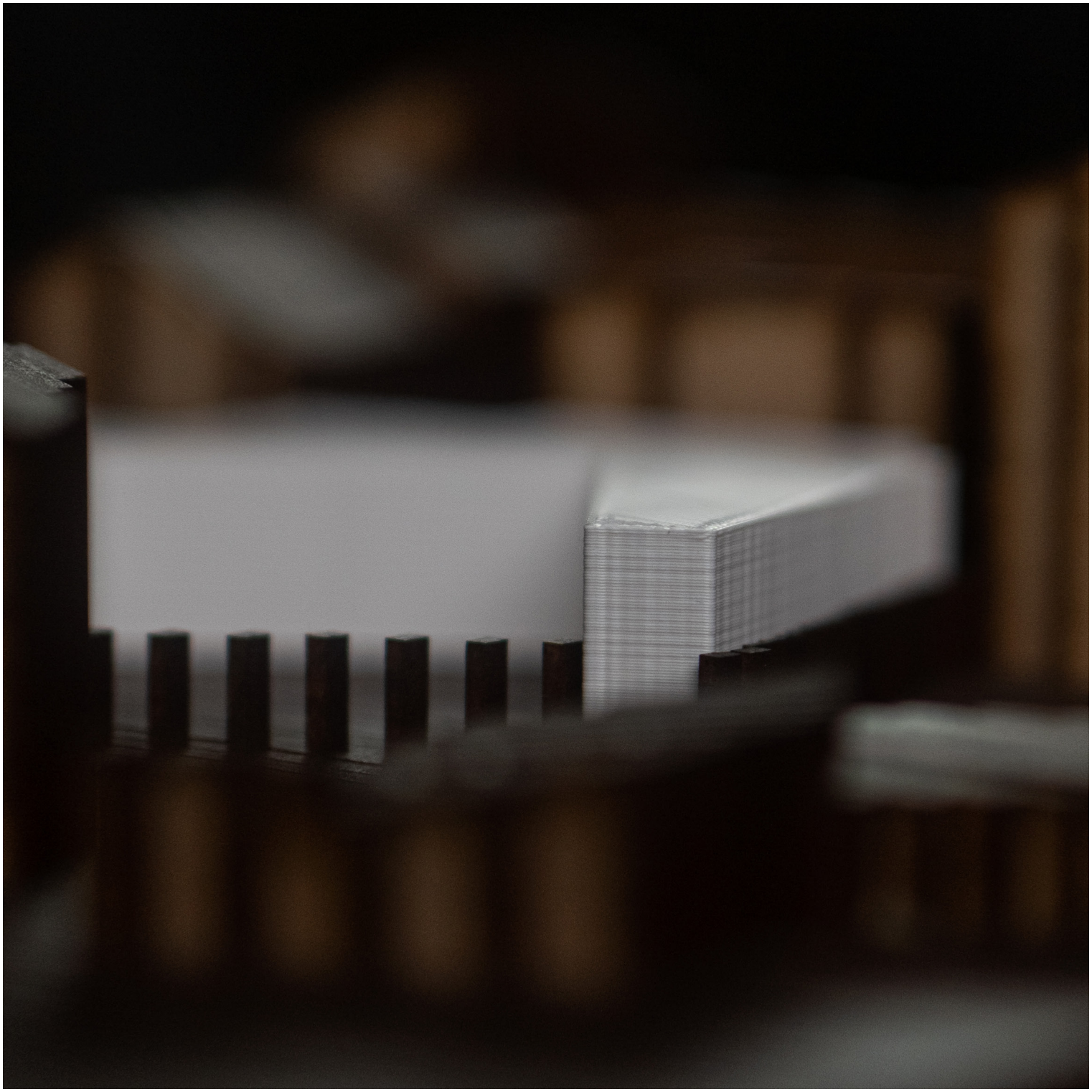
registo fotográfico maqueta











Como parte conclusiva e definitiva do projeto final de arquitetura foi essencial observar com um olhar antropológico e refletir sobre todas as fases de trabalho teórico e prático realizado ao longo deste último ano e meio.

Assim sendo, este espaço temporal teve vários capítulos:
- Fase de pesquisa – coletânea "suspeitos do costume" – onde cada aluno durante parte do primeiro semestre, semanalmente, tinha como objetivo encontrar casas portuguesas, projectadas por arquitetos portugueses, em território nacional, entre os anos 60 e 2000;
- Curadoria – foi a fase onde cada aluno, com o analisar semanal de casas, começa a perceber que há temas comuns, com abordagens distintas, em meios geográficos e tempos completamente desiguais. Desta forma, cada aluno escolhe um desses temas para o explorar e fazer algumas experiências, tentar perceber relações e cruzamentos em alguns casos, noutros evoluções, noutros apenas a morte devido ao desuso. No meu caso, interessou-me perceber se realmente "podemos começar a casa pelo telhado?". Assim sendo, tentei perceber: se a cobertura é um elemento morfológico definidor de arquitetura, se a tipologia de habitação unifamiliar pode ser transformada pela geografia (diferentes tipologias), se a construção do layout (planta térrea) tem influência na cobertura, alguns aspetos construtivos, os aspetos espaciais que cada tipologia oferece e, por fim, se há alguma influência histórica (contexto) que influencie a decisão da escolha de determinado tipo de cobertura;
- Processo - uma fase intensa, onde a cada semana se distribuía um terreno a cada aluno da turma, pondo-se em prática o cruzamento de três temas principais – tema da curadoria, tema da casa portuguesa, tema da casa portuguesa contemporânea – assim resultam uma série de experiências;
- Ponto intermédio – onde se fez uma reflexão de todas as casas e do processo conceptual e projetista usado em cada uma delas, com uma apresentação a um júri preparatório. Daí resultaram críticas e novos pensamentos que ajudaram a maturar o processo, não só arquitetónico, como global do trabalho;
- Casa – acaba por ser o projeto final, de resumo e consolidação de todos os trabalhos feitos ao longo do ano e do percurso das nossas vidas, com um olhar agora mais pragmático em certas abordagens, noutras mais sensíveis, que acaba por ser o resumo de toda essa experiência.

Dito isto, é pertinente anotar vários aspetos:
- Em primeiro, o facto do tema ser a "casa portuguesa", podendo alargar o campo de discussão para "a casa". Este tema esteve sempre em debate desde que existe registo da história do homem, inclusive toda a especulação que existe através do seu processo criativo, "o mito da caverna". Este introduz o sentido de proteção, uma referência a um determinado espaço e tempo que nos situa e caracteriza com um certo estilo. Uma relação intrapessoal entre o indivíduo e o que o rodeia, uma analogia entre encontrar o que procura no meio, tendo em conta os aspetos geográficos e geológicos que o sustentam. Até chegar aos dias de hoje onde, em certos casos, o significado e a exposição da casa são elementos caracterizadores de um certo indivíduo ou do modo de vida.
- Em segundo, o facto do modo de aprendizagem ter tido dois momentos muito intensos, mais um terceiro conclusivo e somatório de todo esse esforço, que permitiu não só acelerar processos enquanto jovens arquitetos, como conhecer melhor, não só dois grandes Pritzker que servem de exemplo e inspiração - Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura -, mas também perceber que existiram outras pessoas que já tinham aberto discussões antes, como por exemplo, Fernando Távora, Agostinho Ricca ou Pádua Ramos, ou até mesmo pessoas que coexistiram com eles e tiveram também impacto na história da arquitetura portuguesa, como Manuel Tainha, José Pulido Valente ou Gonçalo Byerne.

Também houve a oportunidade de conhecer melhor outros arquitetos bastante interessantes, como Manuel Graça Dias, Egas Vieira ou Pancho Guedes, e de descobrir aqueles que, por algum motivo, não tiveram o adequado reconhecimento durante o seu tempo ou por qualquer outra causa, mas que ainda assim elaboraram trabalhos interessantes e com bastante riqueza para a cultura, educação e exposição portuguesa, como Alexandre Manuel da Cruz Silva, João Nasi Pereira, José Fernando Gonçalves. E ainda de estudar aqueles que são hoje em dia a elite portuguesa e que estão cada vez mais presentes como ARX, Manuel e Francisco Aires Mateus, Carrilho da Graça, Inês Lobo ou Ricardo Bak Gordon.
- Em terceiro, o facto de ter havido uma produção do mesmo objeto repetidamente e num curto espaço de tempo, permitiu perceber que realmente Mies tinha razão quando dizia que "Deus está nos detalhes" e que não é preciso construir um aeroporto ou um estádio para atingir níveis de complexidade bastante elevados. Ao mesmo tempo, consegue deixar perguntas sem resposta definitiva ou problemas que levam uma vida a resolver, como Siza também sempre relembrou, com um tom assertivo e conselheiro, "que os caminhos não são claros" e certamente depois de todos nos irmos, estaremos a debater o mesmo problema, agora com novos paradigmas e soluções mais avançadas.
- Devido à curadoria e à escolha de um objeto ainda mais específico dentro do mesmo tema, permitiu um olhar mais focado e objetivo sobre todas as casas, tornando-se assim num espaço com uma narrativa aberta, com mais perguntas do que respostas definitivas e racionais, mas sobretudo com especulação e soluções que permitem o debate.

Ao entrar na parte prática do trabalho final de arquitetura, é importante não deixar cair no esquecimento o facto de vários textos terem sidos analisados mutuamente com o processo criativo, formando assim posições e fundamentos sobre diversos estados de fazer arquitetura. Como texto essencial para o processo criativo tem-se "A house is a work of art" (1962) do arquiteto Kazuo Shinohara. "Am I a house?" (2005) do autor Erwin Wurn trata-se de um vídeo com uma narrativa e performance a acompanhar a leitura, que acaba por ser outra camada de pensamento sobre o que se está a analisar.

Ainda que o espaço, o tempo e a realidade de Shinohara no Japão, nos anos 60, sejam bastante distintos da contemporaneidade portuguesa, é um exercício interessante perceber até onde se consegue ir dentro daquilo que é a realidade atual portuguesa, tendo como premissa o pensamento e o conceito de pensar e projetar uma casa como se de uma obra de arte se tratasse.

A nível programático, a habitação unifamiliar não é de todo igual a um edifício residencial. Ainda que pelo processo legislativo, económico e criativo passem ambos por ele, mas é na habitação unifamiliar onde se analisa um indivíduo singular, com exigências e características especificas, um papel na sociedade. É por isso que Shinohara escreve "even if the houses we create are characterized by the highly particular specifications of individual families, these house stands in the middle of a vast modern society. As much, they are deeply enmeshed in the intricate relationship between society and the family and the anxious oscillation between feelings of trust and alienation". Ou seja, a casa acaba por atingir um nível de "reflexo do indivíduo" num certo meio ou sociedade, diversificando-a e moldando-a, acrescentando-lhe complexidade, tornando-a numa sociedade melhor e justa à medida de cada um e, na sua totalidade, à medida de todos.

Assim sendo, a casa acaba por ser uma caraterística nos define enquanto seres humanos, que nos distingue não só de todo o mundo animal, como também entre nós próprios, tendo também a capacidade de refletir para além daquilo que são os limites físicos que nos rodeiam. Como tal, emprega-se a seguinte questão: o que pode verdadeiramente definir uma casa enquanto obra de arte?

(1) Shinohara, K. (1962). A house is a work of art. Shinkenchiku, retirado de Hayashi. C. e Sumitomo. K. From postwar to postmodern, art in japan 1945-1989: primary documents, the museum of modern art, 2012

De uma forma muito direta e pragmática, não creio que seja de todo correto definir uma casa enquanto obra de arte. Contudo não quer dizer que a casa não esteja bem concebida e que não revolucione não só o pensamento como outros campos da arquitetura. A esse fenómeno chama-se ícone e a história está cheia delas. Fundamentalmente há duas razões que não permitem que fiquemos indiferentes em relação a esta classificação. A primeira resume-se à arte existir por si só, não tendo uma função específica, enquanto que uma casa tem uma função muito particular. Curiosamente, é quando se isola e permite identificar um certo individuo ou pensamento, é quando mais se aproxima desse estado de arte. A segunda corresponde ao facto de a arte ser igual para todos, o que muda é a maneira de como a interpretamos e sentimos. Já a casa acaba por ter um papel mais objetivo, constante e perpétuo, um pouco à semelhança de como diz Bruno Zevi, "podemos optar por não ler um determinado livro, beber um certo sumo, ou ir a um certo lugar, mas não podemos ficar indiferentes a uma obra construída" (2).

No começo das primeiras experiências nos diversos lugares, houve um dever claro em adaptarmo-nos aos diferentes tipos de morfologia (urbana, terreno) e ao nosso programa da casa. Neste caso específico de projeto final de arquitetura, o programa manteve-se igual desde o início, ou seja, uma casa para duas pessoas, flexível ao ponto de crescer no futuro.

Assim sendo, numa primeira fase analisou-se a morfologia urbana do terreno e houve uma tentativa de recuperação daquilo que era uma frente de rua fragilizada e uma série de volumes dispersos num estado também muito debilitado.
É curioso que esta casa acaba por estar num momento muito interessante e, neste caso, potencializador de projeto, pois encontra-se num momento de flexão da rua, que obriga a que o volume principal tenha um pequeno ângulo em relação à rua e, posteriormente, na sua relação com a tardoz. Percebeu-se assim que essa linha podia ser uma linha condutora e controladora do projeto.

A partir dessa diagonal que dividia o terreno, começou-se a fazer um estudo volumétrico para perceber virtudes e fragilidades de várias soluções, sempre num processo evolutivo, partindo de um volume cru e, de certo modo, brutalista, que acaba por ser moldado não só em termos compositivos, mas com um sentido programático muito presente.

Foi a partir desse estudo da volumetria que se começou a perceber vários pontos. Numa primeira fase, era complicado comunicar com a envolvente, pois a falta de uma regra para que possa haver esse diálogo estava presente. Então partiu-se do pensamento de Shinohara e de Siza e assumiu-se claramente que não se quer dialogar de uma forma direta com os edifícios na parte tardoz do terreno.
Contudo na parte que diz respeito à frente de rua, embora também houvesse essa negação a nível de diálogo, porque realmente é uma casa que vive para o pátio, toda essa luz de nascente é absorvida pelas claraboias e trapeiras na cobertura, assumindo assim um diálogo singular entre os seus vários volumes, mas também com o resto da envolvente.
Com isto acaba-se por ter dois volumes, um principal que respeita a morfologia urbana com duas águas, e um segundo que pode viver independente, mas que não manifesta qualquer interesse com a envolvente, tendo uma cobertura plana.

Esses volumes têm como linha condutora essa diagonal que separa o terreno. Quando se aproximam do limite do terreno criam-se pátios, que formam não só entradas de luz, mas também pequenos espaços singulares, com temas e plantas singulares. Estes que acabam por transmitir um sentimento simpático a cada momento da casa e, ao mesmo tempo, aquece-a e ilumina-a.

(2) Zevi, B. (1948). Saber ver arquitetura. Martins Fontes

Houve a preocupação de usar uma série de ferramentas de representação para que a análise do projeto e o seu discurso pudessem ser mais alargados e maduros.

Tal liberdade fez perceber que há vários métodos para se chegar ao resultado final em arquitetura. Apesar do carácter académico e na presença de uma liberdade incondicional, onde por vezes se pode cair no utópico ou abstrato, neste caso houve uma abordagem muito real na elaboração do projeto, na medida em que no final a casa possa realmente ser construída e habitada.

Na fase final do semestre, nas últimas aulas da semana, um convidado pertinente fez uma apresentação de trabalhos realizados pelo mesmo e trouxe à turma um espaço de debate e crescimento que permitiu um novo olhar sobre os projetos. Mas mais que tudo isso, transmitiu a realidade e todas as dificuldades que hoje em dia os arquitetos enfrentam, não só em termos processuais, como algumas histórias curiosas com clientes.

Será então certo afirmar em relação a este projeto final de arquitetura e ao tema em questão, que houve uma lógica bastante clara e precisa no que toca ao seu trajeto e modo como se criou, independentemente do seu desenvolvimento prático com uma vertente mais pessoal, prática, expressiva, abstrata ou experimental.

Foi muito pertinente a discussão deste tema, pois permitiu perceber, discutir e refletir sobre um assunto que é importante a todos e muito atual e que de momento apresenta sinais de fragilidade e declínio. No entanto, cabe a nós enquanto arquitetos aqui na academia tratar estes assuntos, para que no futuro decisões acertadas possam ser tomadas e contribuir assim para uma vida/cidade mais saudável, igualitária e justa a todos os Homens.

a house is a work of art
kazuo shinohara, 1962

am i a house?
erwin wurm, 2005

the lenguage of a house
koji taki, 1975

the single line
fala, 2022

complexidade e contradição em arquitectura
robert venturi, 1972

casa portuguesa
rui jorge ramos , 2011

os olhos da pele
juhani pallasmaa, 1996

a boa-vida
iñaki ábalos, 2003

2G80 fala
fala, 2019

gropius
gilber lupfer, paul sigel, 2006

telhados contemporâneos na arquitectura portuguesa
carsten land, claudio sat, jose fernandes, michel toussaint, 2005

inquérito à arquitetura popular em portugal
josé lobo, francisco keil do amaral, 1961

kenzo tange architecture for the world
seng kuan, yukio lippit, 2012

história e crítica da arquitetura moderna
kenneth frampton, 1980

"suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 13 a 24

"suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 27 a 35

aftenposten
página 38

viagem de estudo ao porto
página 39

james stirling
página 39

página 39

madelon vrisendorp
página 39

inquérito à arquitetura popular portuguesa
página 39

"suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 42 a 57

sanaa
página 68

maria leotilna
página 68